

HARLEQUIN®
Paixão

Autora Best Seller do *USA TODAY*

TRISH MOREY
A ÚLTIMA APOSTA



Irmandade
do
DESERTO

Edição 316

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A rajada de vento ergueu o tecido fino ao redor das pernas dela, e Bahir imaginou se ela ainda não usava nada por baixo da camisola.

Ele gemeu. Por que ela usaria uma camisola branca? Tão virginal e inocente.

Marina estava longe de ser virgem. Ela era uma feiticeira.

Ele iria embora agora, enquanto tinha a chance, antes que ficasse tentado a fazer alguma coisa da qual se arrependeria.

Mas não conseguiu fazer seus pés se moverem. Não conseguiu se virar. Em vez disso, permaneceu e observou enquanto ela era golpeada por uma onda estourando abaixo e quando ela abriu os braços e riu de maneira tão audaciosa quanto o clima. Viu a camisola branca molhada se tornar transparente... e soube que não tinha escolha.

Soube que precisava ir até ela.

Querida leitora,

Bahir e Marina possuem questões a serem resolvidas. Eles viveram um caso tórrido, porém o destino os havia separado. No entanto, esse mesmo destino os uniu novamente, e agora ambos precisam apostar mais uma vez todas as suas fichas no amor!

Boa leitura!
Equipe Editorial Harlequin Books

Trish Morey

A ÚLTIMA APOSTA

Tradução
Ligia Chabú



2013

CAPÍTULO UM

BAHIR AL-QADIR detestava perder. Para um homem que quebrava a banca de mais da metade dos cassinos do mundo sistematicamente, perder não era uma experiência frequente ou fácil. Agora, enquanto observava outra pilha de fichas sendo varrida da mesa de roleta, o gosto da perda amargou sua boca, e uma nuvem negra de desespero pairou sobre sua cabeça.

Pois fazia três noites que vinha experimentando essa onda de azar, a qual ainda parecia não ter acabado. E nem mesmo o conhecimento de que roleta era um jogo designado a dar lucro à casa foi alguma compensação. Não quando ele estava acostumado a ganhar. Que irônico que a sorte o abandonara agora, justamente quando tinha contado com a diversão do cassino para melhorar seu humor. Ele poderia ter rido da ironia, exceto que não estava no humor para risadas.

Entretanto, conseguiu pôr um sorriso no rosto enquanto posicionava a última pilha de fichas num quadrado preto, e olhou na direção do crupiê para informá-lo de que estava pronto. E daí se já gastara uma pequena fortuna? Era um profissional consumado. Sua nuca podia estar úmida de transpiração, e seu estômago se revolvendo, mas não permitiria que nenhum dos exploradores ao redor da mesa visse seu desolamento em sua expressão facial ou linguagem corporal.

O crupiê perguntou se haveria mais apostas, mesmo sabendo que não. Um por um, os outros jogadores desistiram, contentes em observar o

impensável, em assistir Bahir... o famoso sheik de Spin... perder, até que só restassem ele e a roleta numerada.

Com um movimento ensaiado de um dos pulsos, o crupiê fez a roleta girar; um tapinha do outro pulso enviou a bola na direção oposta.

Um fio de esperança fraca foi renovado. *Certamente dessa vez?*

Um nó se formou no estômago de Bahir enquanto a bola girava. Suor começou a escorrer por suas costas sob a camisa. E, apesar disso, ele forçou um sorriso, relaxou a postura.

– *Rien ne va plus!* – anunciou o crupiê desnecessariamente, pois ninguém parecia prestes a fazer outra aposta. Todos observavam o movimento da bola. Bahir também observava, expectativa fazendo seu coração bater mais forte. Certamente dessa vez, em sua última aposta da noite, sua sorte mudaria? Certamente dessa vez, ele recuperaria um pouco do sucesso para levar consigo, para lhe mostrar que seu dom não o abandonara completamente?

Então a roda diminuiu, e ele viu onde a bola parou: no *vermelho*, a cor que traduzia o número irrelevante.

Ele tinha perdido.

Novamente.

Bahir agradeceu ao crupiê, como se não tivesse gastado mais do que o preço de uma xícara de café, ignorando os murmúrios chocados dos expectadores, pretendendo sair de lá com a cabeça erguida, mesmo que quisesse abaixá-la nas mãos. Que diabo estava errado com ele?

Bahir não perdia.

Não assim. A última vez que sofrera uma perda como esta...

Reprimiu os pensamentos. Não tomaria esse caminho. A última coisa de que precisava pensar hoje era sobre ela.

Ela era a razão pela qual ele estava lá, afinal de contas.

– *Monsieur, s'il vous plait* – soou uma voz sedosa, e ele se virou para ver Marcel, o anfitrião que o cassino lhe designara esta noite. O anfitrião perfeito até agora, mantendo distância, assim como mantendo a expressão livre da alegria que, sem dúvida, estava sentindo. – Sheik Al-Qadir, a noite não precisa acabar aqui. Se desejar, o cassino ficará mais do que feliz de estender seu crédito para prolongar seu entretenimento.

Bahir lhe estudou o rosto. A expressão neutra do homem podia não dizer nada, mas havia uma ansiedade nos olhos acinzentados que fez sua pele se

arrepiar. Então eles achavam que Bahir continuaria perdendo? O desafio ferveu em seu sangue por um momento, mas foi esmagado pelo conhecimento de que tudo que vinha fazendo desde que entrara naquele estabelecimento, três dias atrás, era perder. Então, talvez eles estivessem certos, o que lhe dava ainda mais razão para ir embora agora.

Além disso, não precisava do dinheiro deles, pois ganhou muito ao longo dos anos para não precisar se preocupar em perder alguns milhões. O problema não era o dinheiro. Era perder que o enfurecia. A palavra parecia martelar em sua cabeça: *perdedor*. Bahir sorriu, apesar disso.

– Obrigado, mas não.

Ele estava na metade do caminho para a saída, antes que Marcel o alcançasse.

– Certamente, a noite é uma criança?

Bahir olhou ao redor. Uma pessoa podia facilmente pensar aquilo, lá. Trancado sob os candelabros de cristal, cercado de móveis de luxo e de mulheres de aparência ainda mais luxuosa, sem uma janela para indicar a hora do dia, era possível perder toda a noção de tempo. Ele consultou seu relógio, percebendo que, mesmo indo embora agora, a luz do dia não estava longe de chegar.

Mas seu anfitrião ainda persistiu. Sem dúvida, ele seria muito bem recompensado se convencesse Bahir a perder mais um pouco.

– Nós o veremos esta noite, então, sheik Al-Qadir?

– Talvez. – *Talvez não.*

– Eu mandarei uma limusine buscá-lo em seu hotel. Talvez você tenha tempo para um jantar e um show antes? Por conta da casa, é claro. Vamos dizer, às 20h?

Bahir parou então, apertando a ponte do nariz, tentando produzir dor ali para amenizar o latejar em sua cabeça. Não pela primeira vez, ficou grato por não ter aceitado a oferta de acomodação do cassino. Havia vantagens em rejeitar alguns dos benefícios que o cassino oferecia aos apostadores perdulários. A habilidade de ir e vir quando você quisesse, por exemplo.

Estava prestes a dizer a Marcel que não tinha o menor interesse na limusine ou no show, quando viu... um flash de cor, do outro lado do salão, sobre pele cor de mel e cabelos cor de ébano presos por uma fivela de diamante... e, por um momento, foi lembrado de outra época, de outro cassino.

E de outra mulher; a mulher que o fizera ir lá expressamente para esquecê-la. Ele balançou a cabeça, querendo se livrar das memórias, sentindo a onda de calor de um coração subitamente disparado.

– Sheik Al-Qadir?

– Vá embora, Marcel – ordenou ele, dessa vez o explorador aceitou a dispensa e, com um rápido boa-noite, misturou-se à multidão do cassino.

Não era ela, Bahir percebeu ao olhar melhor. Essa mulher tinha o queixo quadrado e a testa larga, os lábios como dois blocos vermelhos emoldurando a boca, a pele cor de mel mais como couro. E, é claro, como poderia ter sido ela? Ele a deixara com a irmã em Al-Jirad, e certamente, nem mesmo alguém tão irresponsável como ela abandonaria a família tão logo após o problema que todos tinham enfrentado para resgatá-la de Mustafa?

Então novamente, conhecendo Marina...

Bahir praguejou baixinho enquanto se dirigia à saída. O que estava errado com ele esta noite? A última coisa que precisava era pensar sobre *ela*.

Não, isso estava errado. A última coisa que precisava pensar era em pele cor de mel e em como ela ainda o atraía como um ímã, apesar da passagem do tempo e do abismo de raiva que existia entre eles. Todavia, quando Marina saíra daquela tenda no deserto, ele ainda sentira a atração em cada célula de seu corpo. Quanto tempo fazia agora... três anos? Mais? Entretanto, ela ainda conseguia excitá-lo com um único olhar daqueles olhos de sereia, um olhar que se tornara gelado no instante em que Marina percebera quem era um de seus salvadores.

Mas ela ainda se movera com sensualidade, montando o cavalo como se tivesse nascido para aquilo, os membros tão delgados quanto ele se recordava, o corpo ainda esbelto e flexível, apesar do tempo e dos dois filhos que Marina agora tinha.

E, com certeza, a pele dela ainda era tão sedosa quanto ele se lembrava. Bahir podia quase sentir novamente aquela pele sob suas mãos, as pernas longas o rodeando...

Não pensaria sobre ela ou sobre seus membros longos e pele sedosa! Passado ou presente, Marina era problema. Ela era o pior tipo de jogo, a aposta perdida antes mesmo que a roleta girasse.

Um porteiro lhe desejou boa-noite quando ele passou, embora o céu do lado de fora já começasse a clarear. Bahir inalou o ar frio da manhã,

tentando esfriar sua pele e acalmar seus nervos, procurando pela promessa de um novo dia.

Em vez disso, sentiu apenas frustração. Movimentou os ombros, protestando contra a tensão não familiar em suas costas e pescoço. Quando sentira seus músculos tão rígidos antes? Quando sentira seu espírito tão sombrio?

Mas já sabia a resposta para essas perguntas. E não queria pensar naquilo, também.

Bahir entrou na limusine que o esperava, afrouxou a gravata e se recostou contra o banco, subitamente cansado do mundo, impaciente com sua vida. Tinha pensado que o cassino reavivaria seus ânimos. Em vez disso, sua sorte o abandonara e o afundara ainda mais na lama.

Olhou pela janela, para o calçadão alinhado por palmeiras, para o mar com ondas brancas. Mônaco era lindo, sem sombra de dúvida, e um ímã para os ricos e famosos, e para aqueles que almejavam ser. Mas naquele momento, Mônaco e todo o sul da França pareciam banais e vazios.

Ele precisava fugir, mas para onde? Las Vegas? Não, isso não teria propósito. Cassinos nos Estados Unidos ofereciam vantagens ainda melhores para a casa. E Bahir ainda não era bem-vindo em Macau, depois que ganhara muito dinheiro lá.

Uma imagem espontânea se formou em sua mente, uma lembrança recente de dunas no deserto, sol dourado e emoldurado entre palmeiras, enquanto baixava de maneira inexorável no horizonte cintilante.

O deserto?

Bahir se sentou ereto, seu interesse aumentando, mesmo que se questionasse se estava louco no momento seguinte. Sua visita recente a Al-Jirad o reunira com seus três velhos amigos: Zoltan, Kadar e Rashid. Mas nenhum deles havia apreciado mais que um gostinho do deserto, quando tinham resgatado, primeiro, a princesa Aisha e depois a irmã dela, Marina, das garras do canalha do Mustafa.

A primeira viagem fora estimulante, cavalgando com seus três amigos numa corrida contra o tempo ao longo das dunas. A segunda, menos estimulante, embora os cavalos e as companhias fossem os mesmos, assim como a vista da natureza magnífica. Era ver Marina novamente, depois de todos aqueles anos, que estragara a viagem para ele.

De todas as mulheres do mundo, que falta de sorte que Zoltan se casara com a irmã *dela*, a mulher que Bahir jurara nunca mais ver em sua vida. Até mesmo mais desafortunado era o fato de que ela ainda o abalava com um único olhar.

Talvez uma visita de volta ao deserto pudesse curá-lo. Talvez o sol do deserto a queimasse de seu cérebro, fazendo-o esquecê-la de uma vez por todas.

E talvez não apenas qualquer deserto. Talvez fosse hora de voltar para casa.

Casa.

Há quanto tempo não pensava no deserto como sua casa?

Há quanto tempo não chamava lugar algum de lar?

Mas por que não deveria ir agora? Não precisava estar em lugar algum. Não precisava agradar ninguém, exceto a si mesmo. E dessa vez levaria tempo para absorver as cores e a textura do deserto, para absorver o poder da imensidão e inalar o ar puro sob o calor do sol.

Porém, mais do que isso, no deserto não haveria flashes de cores do outro lado de um salão lotado; nada que o lembrasse de outra época e de outra mulher que queria esquecer.

Bahir respirou fundo, contente pela primeira vez em dias, fazendo uma anotação mental para checar voos e cuidar dos preparativos depois que dormisse. Felizmente, essa noite acabara. Com certeza, o período de azar também devia ter acabado? Porque, agora, não podia ficar muito pior.

Seu celular vibrou no bolso. Ele pegou o telefone, curioso para saber quem estaria ligando tão cedo no dia, menos surpreso quando verificou o identificador de chamadas. Pressionou o telefone na orelha.

– Zoltan, o que eu posso fazer por você?

Ele ouviu, enquanto o amanhecer pintava o céu de cor-de-rosa, e seu período de má sorte se tornava ainda pior.

CAPÍTULO DOIS

– NÃO.

– Bahir – insistiu seu amigo –, apenas ouça.

– Seja lá o que for, eu não preciso ouvir. A resposta ainda é não.

– Mas ela não pode viajar sozinha para casa. Eu não permitirei isso.

– Eu pensei que Mustafa estivesse na prisão.

– Ele está, mas eu cometi o erro de subestimá-lo uma vez, antes. Não farei o mesmo de novo. Enquanto houver a possibilidade de alguém aqui fora ainda ser leal a ele, eu não arriscarei a segurança da irmã de Aisha.

Bahir passou uma das mãos pelos cabelos.

– Então peça para Kadar fazer isso.

– Kadar tem negócios urgentes em Istambul.

Ele gemeu.

– Que conveniente. Rashid, então.

– Você conhece Rashid. Ele desapareceu. Ninguém sabe onde ou quando aparecerá novamente.

Ele só podia estar sonhando, pensou Bahir apertando o nariz para tentar acordar. Mas o pesadelo era real.

– Ouça, Zoltan, não precisa ser um de nós! Por que não escolher um dos guardas do palácio para cuidar dela?

– Eles estão ocupados. – Uma pausa. – Ademais, Aisha especificamente pediu que você fizesse isso.

Bahir hesitou. Gostara do que vira na nova esposa de Zoltan. Não podia imaginar uma mulher melhor para seu amigo. Em quaisquer outras circunstâncias, não hesitaria em fazer o que ela lhe pedisse. Mas Aisha não tinha ideia do *que* estava lhe pedindo.

– Aisha está errada.

– Mas você conhece Marina.

– Esse é exatamente o motivo pelo qual estou dizendo não.

– Bahir...

– Não. O fato de eu ter concordado em ir com você resgatá-la não é o bastante? Não me pressione, Zoltan. Por que não faz isso pessoalmente, se quer tanto que Marina seja escoltada para casa?

– Bahir – veio a voz hesitante de seu amigo do outro lado da linha. – Há algo errado?

– Nada está errado! – *Tudo está errado.* – Ouça, Zoltan, nós terminamos o relacionamento por uma razão. Marina me odeia, e, no que diz respeito a mim, o sentimento não é muito diferente. Ela pode ser sua cunhada, mas você não a conhece como eu. Ela é irresponsável, uma garota festeira que nunca fez nada por outra pessoa. É mimada e teimosa, e se não lhe dão exatamente o que quer, Marina vai à luta e se apossa, independentemente das consequências. E, como se isso não bastasse, ela não tem um pingão de moral. Eu não vou voltar lá, Zoltan.

– Meu Deus, Bahir, eu não estou lhe pedindo que se case com Marina. Tudo que precisa fazer é levá-la para casa em segurança.

– E eu estou lhe dizendo para encontrar outra pessoa.

Houve silêncio do outro lado da linha. Um silêncio tenso que não fez nada para encorajar Bahir a pensar que tinha convencido seu amigo.

– Sabe, Bahir, se eu não o conhecesse melhor...

Bahir sentiu vontade de gritar.

– O quê?

– Qualquer um que não o conhecesse bem pensaria que você está... *preocupado...* sobre passar tempo com Marina.

– Está sugerindo que eu estou com medo?

– Você está?

– Você não entende, Zoltan. Mesmo que eu concordasse com seu pedido, Marina nunca concordaria em ir comigo para lugar algum. Não me ouviu

dizer que ela me odeia? Se tivesse se incomodado em lhe perguntar, já saberia disso.

Houve uma pausa significativa, e Bahir sentiu um fio de esperança ao ver uma saída para aquela loucura.

– Nesse caso, você poderia tentar perguntar a ela. Marina lhe dará a mesma resposta que eu. Não. Se está tão convencido que ela precisa de alguém para cuidar de sua segurança, então encontre outra pessoa para fazer isso.

– E se ela concordar?

Ele riu.

– Ela nunca irá concordar. Nem em um milhão de anos.

– Se ela concordar, você fará o que eu lhe pedi?

– Isso não vai acontecer.

– Certo... então, se Marina disser não, eu encontrarei outra pessoa e, se ela concordar, você irá escoltá-la?

– Zoltan... não há possibilidade...

– Isso é uma aposta?

– Ela não dirá sim. – Se havia algo que Bahir pudesse ter certeza absoluta era de que Marina não queria estar em sua companhia. Especialmente depois do jeito que eles tinham se separado. – Eu sei disso.

– Nesse caso, você não tem nada com o que se preocupar.

– DE JEITO nenhum!

– Marina! – Aisha chamou quando sua irmã se levantou da cadeira do jardim, onde elas estavam sentadas, juntas. – Apenas ouça.

– Para que ouvir, se o que você diz não faz sentido? – retrucou ela, andando para mais longe.

Aisha a seguiu.

– Zoltan e eu não queremos que você vá para casa sozinha. Não consegue entender isso? Você precisa de uma escolta. É o mínimo que podemos fazer.

– Eu ficarei bem. Não é tão longe assim.

– Como você também pensou que ficaria bem no caminho para cá, lembra?

Marina meneou a cabeça.

– Mustafa está preso. E dessa vez eu não viajarei por terra. Ponha-me num avião particular. Nada pode dar errado.

– Você irá num avião particular, sem dúvida, mas não sozinha. Não dessa vez.

– Tudo bem! Então, designem-me um guarda-costas, se vocês acham tão necessário. Mas eu não irei com aquele homem! Foi ruim o bastante encontrá-lo me esperando do lado de fora da tenda de Mustafa. Se eu não soubesse que todos estavam temendo por mim, teria entrado na tenda de novo. – E aquilo não tivera nada a ver com os arrepios que sentira ao encontrá-lo entre seus salvadores; nada a ver com o ardor do desejo que testemunhara nos olhos de Bahir, antes que esses se tornassem frios como gelo.

Aisha estudou sua irmã.

– Não parecia tão aborrecida assim quando chegou ao palácio. “Um golpe do passado”, você o chamou. Eu tive a impressão de que os acontecimentos do passado não eram tão sérios.

Não sérios. Marina abriu os braços, seus dedos roçando as flores de uma trepadeira de jasmim no processo e enviando um perfume delicioso no ar. Ela balançou a cabeça e cruzou os braços sobre o peito.

– Vocês todos estavam tão felizes com minha segurança... como eu poderia criar uma confusão? Além disso, achei que aquilo tinha acabado, que eu nunca mais fosse vê-lo. E, claramente, Bahir também ficou aliviado porque o reencontro acabara.

E, ao ver a pergunta nos olhos de sua irmã, acrescentou:

– Ele não foi para Monte Carlo naquele mesmo dia? Sem dúvida, para não correr o risco de me encontrar novamente enquanto eu estava no palácio.

– Oh, Marina, eu não tinha ideia. – Aisha deslizou uma mão por baixo e um dos braços cruzados de sua irmã e a persuadiu a caminhar pelo jardim fragrante. – O que aconteceu entre vocês dois?

O que não tinha acontecido? Marina abaixou a cabeça, o peso das lembranças a entristecendo.

– Tudo e nada. Tudo deu em nada. – Na verdade, não em nada. Ela ainda tinha Chakir. – Eu era tola. Ingênua. Voei para muito perto do sol, e não é de se admirar que eu tenha caído.

– Certo. Então você teve um caso que acabou mal?

E agora foi a vez de Marina virar-se e apertar o braço de sua irmã.

– Sinto muito, Aisha. Sei que não estou fazendo sentido. Eu conheci Bahir uma noite numa festa... nossos olhares se cruzaram num cassino lotado, todo o clichê tedioso, suponho.

Ela olhou para sua irmã, tentando fazê-la entender.

– Mas a atração foi tão intensa, tão imediata que eu soube, naquele instante, que nós passaríamos a noite juntos. E uma noite se transformou em uma semana, e depois em um mês e mais, e foi uma experiência impulsiva e apaixonada que não parecia que ia acabar. E eu realmente pensei que o amasse, sabe? Cheguei a pensar, por um momento louco... talvez mais do que um... que Bahir fosse o homem de minha vida. – Ela suspirou, olhando a distância. – Mas eu não podia estar mais errada.

– Oh, Marina, lamento. Eu não tinha ideia.

– Como poderia ter, se eu nunca vim para casa e lhe contei? E nós parecíamos ter tão pouco em comum naquela época. Você estava contente em continuar no seio da família, enquanto eu me rebelava contra tudo. Nossos irmãos providenciaram os herdeiros necessários, e nosso pai foi bem sincero quanto a isso. Eu entendi que era desnecessária aos requerimentos; então decidi me divertir.

– Uma princesa supérflua. – Aisha falou baixinho para si mesma, lembrando-se de outra época, outra conversa.

– O que você disse?

Ela sorriu e meneou a cabeça quando elas recomeçaram a andar.

– Nada. É engraçado como somos diferentes. Mas houve vezes em que eu a invejei por sua liberdade e pelo fato de que você escolhia seus próprios amantes. Houve dias em que desejei ser mais como você, teimosa e rebelde, em vez de dócil e obediente. Mas suponho que ambos os comportamentos têm suas desvantagens.

– Amém. – Marina suspirou e ergueu o rosto para o céu. – E agora você está casada com um dos melhores amigos de Bahir. – Mundo pequeno, não é, quando alguém que lhe mandou desaparecer de sua vida para sempre de súbito aparece à sua soleira? Oh, Aisha, eu não posso ir com ele! – Lágrimas inundaram seus olhos pela dor do passado. Lágrimas escorreram por suas faces pelas complexidades do presente e por seu medo do futuro. – Que confusão!

– Ele deve ter magoado tanto você.

– Ele me odeia.

– Tem certeza? Bahir estava lá quando eles a resgataram.

– Duvido que ele quisesse estar. Fez aquilo porque era o que os outros esperavam.

Aisha assentiu.

– É verdade que eles são próximos. Zoltan me disse que eles eram os irmãos que ele nunca teve. Mas odiá-la? Pessoas falam coisas no calor do momento... coisas estúpidas... mas não pensam assim, realmente.

Marina pressionou os lábios, até que encontrasse as palavras, o fardo de seu segredo subitamente pesado demais para suportar.

– Oh, ele me odeia. Mesmo se Bahir tiver esquecido o quanto, irá me odiar quando descobrir a verdade.

Aisha parou de andar e se virou para ela, medo nos olhos.

– Descobrir que verdade?

Marina a fitou com expressão triste.

– A verdade sobre o filho dele.

Sua irmã ficou boquiaberta.

– Oh, não, Marina. Chakir é filho de Bahir?

Ela assentiu.

– Mas você me disse que não sabia quem era o pai.

– Eu sei. Foi mais fácil assim. E ninguém teve problema em acreditar nisso.

– Eu sinto muito!

– Não sinta. Eu tinha reputação de garota festeira, e isso foi útil, facilitando esconder a verdade. Foi mais fácil fingir que não importava.

– Você escondeu mesmo de Bahir?

– Ele não tem ideia.

Aisha parou no caminho, e, quando encarou sua irmã, Marina temeu o que viu nos olhos dela.

– Eu acho que você precisa subir naquele avião. Com Bahir.

Marina se afastou.

– Eu não vou com ele. Não posso encará-lo.

– Mas você tem de contar a ele.

– Tenho?

– É claro que tem! Precisa contar-lhe que ele é pai; que tem um filho.

Ela meneou a cabeça.

– Bahir não quer saber.

- Ele tem o direito de saber. Você deve lhe contar. Não tem escolha.
- Ele não irá querer ouvir. Nunca quis um filho.
- Então, talvez ele devesse ter pensado sobre isso. – Aisha apertou os ombros de sua irmã. – Eu direi a Zoltan que está tudo acertado.
- Não! Eu só lhe contei para que você entendesse por que não posso vê-lo novamente. Do contrário, nunca teria lhe contado.
- Sua irmã deu um sorriso triste.
- Acho que você me contou porque já sabe o que tem de fazer. Apenas precisava ouvir isso de outra pessoa.

SABER QUE Aisha estava certa não tornava mais fácil embarcar no avião particular em Al-Jirad. Nada fácil, quando ela vira o avião aterrissar e sabia quem já a esperava do lado de dentro. Como Zoltan conseguira convencer Bahir a fazer aquilo, ela não tinha ideia. Mas sabia que ele não estaria feliz com a situação.

– Você pode fazer isso. – Aisha deu um último abraço em sua irmã. – Eu sei que pode.

Marina sorriu fracamente em retorno, desejando que acreditasse em Aisha, e acenou antes de desaparecer dentro da escada coberta que levava ao avião. Suas pernas tremiam tanto de nervoso que ela pensou que poderia cair da escada. Um destino preferível, sem dúvida, a estar confinada à cabine de um avião com Bahir.

Mas isso tinha de ser feito. Por mais de três anos, ela vinha lutando com a dúvida se contava a Bahir sobre a existência de Chakir ou não. No começo, havia sido fácil não falar nada, a dor do rompimento deles ainda crua, a declaração de Bahir de que nunca teria filhos ainda predominante em sua cabeça. Por que Bahir deveria ser informado da existência do filho quando lhe dissera que nunca mais queria vê-la? Ele não a agradecerá por descobrir que, independentemente do que cada um deles quisesse, estavam unidos pela vida de uma criança que haviam criado juntos.

Então, quando Hana viera ao mundo, houvera muitas coisas nas quais pensar, e foi fácil ignorar a questão do direito de Bahir saber. Subitamente mãe de duas crianças sem pai, por que complicar as coisas com o pai de apenas uma dessas crianças? E Bahir deixara claro que não era um homem de família. Não queria Marina ou a criança, e elas certamente não precisavam dele.

Mas, ultimamente, ela tivera motivos para racionalizar, enquanto observava seu filho crescer, e se perguntava o que Chakir queria.

Engoliu o nó de apreensão em sua garganta. Então, apesar de Bahir ter lhe dito que nunca queria um filho e embora Marina estivesse mais do que feliz em aceitar isso como a palavra final dele, talvez, pelo bem de seu filho, aquilo valeria a pena.

Por favor, Deus, faça com que valha a pena.

Marina forçou um sorriso para a comissária de bordo que lhe deu as boas-vindas ao avião. Então entrou, e ele estava lá, de costas para ela, diante de uma prateleira com revistas, parecendo distraído de sua presença. Ela gostaria de estar distraída da presença de Bahir também, mas não conseguia.

Somente a visão dele foi o bastante para fazer seu coração disparar, e uma onda de calor se instalar entre suas coxas. Amaldiçoou a reação de seu corpo. Algum dia seria capaz de olhar para Bahir e não pensar em sexo? Depois de todas as coisas que ele lhe dissera, depois do jeito que eles tinham se separado, ele ainda invocava imagens de lençóis emaranhados e noites ardentes preenchidas com pecado.

Mas, então, como era possível não pensar em sexo quando era um tipo de deus que preenchia sua visão? Havia alguma fórmula para perfeição masculina? Algum número mágico que a natureza determinara na concepção que marcava um homem por supremacia física?

Se assim fosse, esse homem seria Bahir, e aquela era apenas a visão das costas dele.

Ele se virou então, quando a comissária de bordo a incentivou a tomar o assento do corredor, e o ressentimento nos olhos de Bahir fez Marina esquecer tudo sobre números mágicos.

– Bahir – murmurou ela em reconhecimento.

– Princesa – disse ele, assentindo com a cabeça, antes de voltar sua atenção à prateleira de revistas.

A comissária de bordo conversava alegremente enquanto acomodava Marina na larga poltrona de couro, mas Marina não ouvia uma palavra, muito consumida pela reação de Bahir, muito perplexa para pensar qualquer outra coisa.

Então era isso que receberia... o tratamento de silêncio.

Claramente, Bahir se ressentia por estar em sua companhia tanto quanto ela se ressentia por estar na dele. Também era óbvio que ele não estava no humor para conversas superficiais.

O que era ótimo para Marina, contanto que, em algum momento, ela encontrasse uma maneira de lhe contar que ele era pai.

BAHIR TENTOU se concentrar na revista de negócios que selecionara da prateleira, mas, percebendo que isso era impossível, a deixou de lado. A revista não era diferente do jornal on-line que estivera lendo desde que embarcara no avião em Nice, sua atenção fixa não nas palavras que estava tentando ler, mas num ressentimento que aumentara quanto mais o avião se aproximava de Al-Jirad. Por que diabos concordara em fazer aquilo novamente? Ainda não tinha certeza se concordara. Mas Zoltan havia ligado e dito que Marina concordara em ir com ele, e Bahir sabia que pareceria fraco se recusasse mais uma vez.

Era muito melhor fingir que aquilo não importava.

Exceto que importava.

Porque agora, enquanto a comissária guardava a bagagem de mão de Marina e a acomodava, e enquanto ele tentava fingir que ela não estava lá, seus olhos ainda estavam presos pelas imagens capturadas em suas retinas... Aqueles olhos incríveis, as pupilas grandes, a expressão sedutora.

Com um suspiro, Bahir pegou seu notebook, determinado a não ceder, tentando encontrar foco em vez de distração. Porque, se não bastasse que sua mente estivesse repleta de imagens dela, agora podia sentir o cheiro de Marina também. Lembrava-se daquele aroma, uma mistura de jasmim, frangipani e mulher ousada. Recordava-se de pressionar o rosto na curva do pescoço dela e inalar aquela fragrância única.

Bahir se movimentou no assento e fechou o computador quando o avião começou a correr na pista. Quanto tempo levava o voo para Pisa... três horas? Quatro? Ele gemeu.

Tempo demais, certamente.

COMO VOCÊ achava as palavras para dizer a alguém que ele era pai? Não com facilidade, especialmente quando esse homem estava sentado do outro lado do corredor, parecendo gemer e resmungar sozinho.

O que ela deveria dizer? *Com licença, Bahir, mas eu já lhe contei sobre nosso filho? Ou, Parabéns, Bahir, você é pai de um menino de três anos. De alguma maneira, eu devo ter me esquecido de lhe contar...*

O avião parou no começo na pista de decolagem, e ela olhou para o outro lado do corredor, vendo a postura fechada de Bahir, a expressão mal-humorada. Apesar de Marina olhá-lo longamente, e de ter certeza de que ele estava cômico disso, ele ainda se recusou a olhar na sua direção.

E ela se perguntou como, mesmo se conseguisse achar as palavras, iria lhe contar sobre o filho quando ele nem sequer a olhava?

Bahir a odiava tanto assim?

Quanto mais a odiaria quando soubesse a verdade?

Marina fechou os olhos quando o avião acelerou na pista, forçando-se a relaxar durante a decolagem.

Não que houvesse tanta pressa. Eles tinham quatro horas de voo, e depois duas horas de carro até sua casa, ao norte da Toscana. Por que contar a ele agora e estragar a trégua frágil que parecia existir entre eles? Pois Bahir não permaneceria silencioso quando soubesse. Ele se tornaria intolerável. Talvez com um pouco de razão. Entretanto, por que tornar as horas deles mais difíceis do que já eram?

Não, havia muito tempo para lhe contar.

Mais tarde.

ELES ESTAVAM voando há uma hora quando receberam a notícia. Uma hora de silêncio interminável, preenchido com a estática de todas as coisas que não tinham sido ditas, até que o ar na cabine parecia crepitar com tensão, um silêncio pontuado apenas pela comissária de bordo, que às vezes aparecia, oferecendo drinques ou refrescos.

Mas, dessa vez, ela estava acompanhada do copiloto, e nenhum deles sorria.

– Então sobrevoe ao redor – disse Bahir, depois de ouvir o triste anúncio, impaciente demais para que a viagem acabasse para tolerar atrasos, qualquer que fosse o motivo.

– Isso não é possível – explicou o copiloto. – A massa de ar está vindo bem na nossa direção. E corremos o perigo de sermos cobertos pelo gelo se tentarmos passar. As autoridades da aviação estão ordenando que todos saiam da área.

– Então, o que isso significa? – perguntou Marina. – Nós não podemos chegar a Pisa?

– Não por enquanto. Iremos aterrissar no aeroporto mais próximo. Começaremos a descida em breve. Apertem os cintos de segurança, pois poderemos ter turbulência.

Bahir geralmente não tinha problema em ficar sentado. Podia permanecer sentado por horas quando sua sorte estava ao seu lado. Porém, nesse momento, não aguentava ficar sentado nem mais um minuto.

Estava fora de seu assento e de pé no momento em que o copiloto e a comissária desapareceram. Deus, se não era ruim o bastante ter de passar seis horas na companhia de Marina, agora eles seriam forçados a passar ainda mais tempo juntos.

– O copiloto sugeriu manter o cinto de segurança apertado.

Ele a ignorou o máximo que possível. Esse era o problema com aviões, percebeu. Não havia espaço suficiente para você se distanciar de algo que o estava incomodando, e, no momento, Bahir precisava muito se distanciar da mulher que o perturbava.

Além disso, qualquer possível turbulência do lado de fora não seria nada em comparação com sua turbulência interna. Ele se virou e andou para o outro lado, cobrindo a extensão da cabine em poucos passos, mas não sentindo nenhum alívio.

– O copiloto disse...

– Eu sei o que ele disse! – interrompeu Bahir, com irritação.

– Oh, ótimo. Porque pensei que talvez você tivesse desenvolvido um problema de audição. Eu devia ter percebido que o problema era com sua capacidade de compreensão.

– Oh, eu tenho um problema, e ele começa e termina com você.

Ela piscou, fingindo inocência.

– Eu fiz alguma coisa errada?

De repente, a turbulência dentro de Bahir explodiu. Ele se aproximou e pôs as mãos nos braços da poltrona dela, uma de cada lado, o rosto bem perto do de Marina. Ele quase gemeu de satisfação ao vê-la se encolher. Gostava de saber que a pegara de surpresa. E, estranhamente, também gostava de saber que ela ainda se sentia afetada por sua presença.

– Que jogo você acha que está fazendo?

A centímetros dos seus, aqueles ricos olhos cor de caramelo se arregalaram. Bahir se perdera neles uma vez, nas promessas dos mesmos. Mas isso tinha sido antes, e, apesar do poder sedutor de tais olhos, ele não permitiria se perder novamente.

– Eu não sei do que você está falando.

Ele balançou a cabeça com incredulidade.

– Então talvez eu deva lhe dizer. Estou falando sobre estar preso aqui... com você. Eu expressamente falei para Zoltan que não faria isso. E que, em hipótese alguma, você concordaria. Todavia, aqui estamos nós, juntos. Como acha que isso aconteceu? A menos que *you* tenha concordado. E preciso me perguntar: que possível razão você teria para fazer isso?

Marina tentou esconder seu nervosismo, mas ele a viu engolindo em seco. Bahir havia se treinado para detectar as mínimas mudanças em expressões faciais e linguagem corporal de seus oponentes, uma habilidade que o ajudava muito no jogo de pôquer. Sabia que ela estava escondendo alguma coisa. Marina imaginava que haveria outra chance para eles? Achava que, pelo fato de ter acompanhado Zoltan e os outros ao acampamento de Mustafa, ele a queria de volta?

Ela o olhou, a expressão inocente.

– Acha que eu quero estar aqui, presa a milhares de metros acima da terra, com você e seu humor sombrio?

Aquela não era exatamente uma resposta, e Bahir teria lhe dito isso, exceto que foi distraído por uma mecha de cabelos no rosto dela.

– Alguém deve ter concordado. – Ele ergueu uma mão. – E, com toda certeza, não fui eu.

Ela se encolheu novamente quando os dedos dele se aproximaram, prendendo a respiração enquanto ele afastava os cabelos do seu rosto. Bahir ficou surpreso ao sentir um leve tremor sobre a pele sedosa e ainda mais perturbado quando sentiu sua própria pele formigar.

Abruptamente, endireitou o corpo e se posicionou de costas para ela, esfregando as mãos para se livrar da sensação indesejada.

– Acha que eu não tenho coisas melhores para fazer do que perder meu tempo, cuidando de uma princesa mimada?

– Eu concordo totalmente – replicou ela. – Tenho certeza de que há um cassino esperando perder dinheiro para o famoso sheik de Spin. Não imagino como você conseguiu sair de um.

As mãos de Bahir pararam. Ele não precisava de lembretes do por que ainda não estava a uma mesa de roleta. Virou-se devagar.

– Cuidado, princesa.

Marina ergueu o queixo.

– Essa é a segunda vez que você se dirige a mim pelo meu título. Faz tanto tempo assim que esqueceu meu nome? Ou simplesmente não consegue pronunciá-lo?

– Faz tanto tempo assim que você esqueceu que eu disse que nunca mais queria vê-la?

– Talvez você devesse ter pensado nisso antes de aparecer do lado de fora de minha tenda naquela noite.

– Então é disso que esta situação se trata? Por que tal fato mudaria alguma coisa? Ou você quer apenas me agradecer?

– Agradecer você? Pelo quê?

– Por salvá-la de Mustafa.

– Oh, engano seu, Bahir. Você não estava lá por mim. Foi pela cavalgada, para se divertir com seu grupo de homens felizes. Uma pequena aventura para estimular seu gosto por excitação. Portanto, não espere que eu me ajoelhe para lhe agradecer.

Uma súbita memória de Marina ajoelhada lhe veio à mente, interrompendo-lhe o processo de pensamento, assim como a boca e língua dela haviam feito na ocasião. Não que ela lhe estivera agradecendo daquela vez. Mais como provando seu gosto. *Saboreando-o*. Na verdade, tinha sido Bahir quem a agradecera...

Ele meneou a cabeça, imaginando se algum dia se livraria daquelas imagens, sabendo que sentiria falta delas nas noites de insônia, se desaparecessem. Mas essa pequena concessão não significava que dava as boas-vindas à presença dela *agora*, enquanto tentava esclarecer um ponto.

– Eu não quereria seu agradecimento, de qualquer maneira. Se eu fiz alguma coisa naquela noite, foi por lealdade a Zoltan e aos meus irmãos. Foi um dever, nada mais.

– Quão nobre da sua parte.

– Eu não me importo como você chama isso. Apenas não pense que mudei de ideia sobre o que falei no passado, ou estaria se enganando. O que tivemos está acabado.

– Realmente acha que precisa me dizer isso? Eu não tenho problema em me lembrar do que você falou. Como não tenho problema em acreditar que está sendo sincero agora, como foi na época. E, para sua informação, é você quem está se enganando se pensa que eu seria insana o bastante para querer que você mudasse de ideia. Depois do que me disse, depois do modo como me tratou, eu não o aceitaria de volta nem se você fosse o último homem da face da Terra!

Bahir se sentou em sua poltrona.

– Então, nós estamos de acordo. Isso é meramente um dever. Do tipo mais desagradável.

Ela o olhou quando ele prendeu o cinto.

– Finalmente, você falou alguma coisa com a qual eu concordo.

A concordância de Marina não oferecia satisfação. O humor dele espelhava o céu escuro enquanto o avião descia pelas nuvens, chuva batendo nas janelas, os ventos de tempestade movendo as asas... e um pressentimento em seu íntimo que, independentemente do clima, as coisas não estavam prestes a melhorar.

CAPÍTULO TRÊS

O AVIÃO tocou o solo em algum lugar na costa da Turquia, num pequeno aeroporto, não longe de onde a margem da praia encontrava o mar. Estava quase escuro agora, embora ainda fosse meio da tarde, e eles emergiram do avião para um vento cortante. Um carro esperando levou Marina e Bahir pelas formalidades da imigração, antes de surpreender Marina, saindo do aeroporto.

Ela afastou os cabelos do rosto e olhou para o aeroporto atrás deles.

– Nós não deveríamos ficar com o avião? – perguntou ela, preocupada. – De modo que estejamos prontos para decolar, assim que o tempo melhorar?

Subitamente, ela parecia quase vulnerável. Com os longos cabelos pretos desalinhados ao redor do rosto, e com os cílios ainda molhados pela chuva, Marina parecia mais jovem. Mais suave. Quase como ficava ao acordar sonolenta depois de uma noite de amor. Tudo que faltava era o sorriso e o brilho ardente nos olhos, enquanto ela o tocava, pedindo mais.

– Você não ouviu o último aviso do piloto, princesa? – perguntou Bahir, reprimindo os pensamentos do passado. Essa era a razão pela qual nunca mais quisera vê-la. Porque sabia que Marina o fazia se lembrar de todas as coisas que ele nunca mais apreciaria. – Aeroportos estão fechados por toda a Europa. Não vamos a lugar algum esta noite.

– Mas meus filhos... Eu prometi a eles que estaria em casa esta noite.

Bahir desviou os olhos. Não estava convencido pela súbita preocupação maternal de Marina. Aquela era a primeira vez que mencionava os filhos, e,

se eles significavam tanto, por que ela os deixara sozinhos em casa, para começar? Por que não os levava para o casamento da tia, ou para a coroação de Zoltan?

– Partiremos assim que amanhecer – disse ele, já ansioso por isso. – Você logo estará em casa.

Ela ficou em silêncio enquanto eles passavam por uma pequena cidade, que parecia abandonada, uma vez que todos tinham se abrigado da tempestade, as janelas das casas fechadas, os toldos balançando no vento.

– Então, para onde vamos agora? Por que não ficamos no avião?

– A tripulação vai ficar no avião, o qual é, afinal de contas, propriedade de Al-Jirad.

– E quanto a nós?

– Há um pequeno hotel na costa. Muito exclusivo. Você ficará mais confortável lá.

– E você?

– Isso não é sobre o meu conforto.

SE HOUVESSE conforto naquele hotel, estava se provando difícil de encontrar. Certo, então havia luxo: tapetes artisticamente tecidos, móveis finos, torneiras de ouro com esmeraldas do tamanho de ovos de codorna.

Mas não havia conforto. Assim como era impossível dormir. Mesmo agora, quando parecia que o pior da tempestade passara, raios se infiltravam pelas lindas cortinas bordadas, iluminando o quarto inteiro. Mas a atmosfera no dormitório permanecia pesada, e a cama macia parecia opressiva. Marina olhou para as portas que levavam ao terraço com vista para o mar.

Desde que tinham chegado, ela se trancara em sua suíte, querendo desesperadamente distância de Bahir. Ele estivera impossível no avião, mal-humorado no começo, então abertamente explosivo após a notícia do atraso do voo, como se tudo fosse culpa dela.

Talvez fosse. Tinha sido ela quem concordara em permitir que ele a escoltasse para casa, mas não pelo motivo que Bahir pensava... não por que ela o queria de volta.

Que tipo de arrogância levaria um homem a acreditar que uma mulher iria querê-lo depois de todas as coisas que ele lhe dissera?

Ele pensava que Marina não tinha orgulho?

O homem era insuportável.

Então, ela se refugiara no quarto, aproveitando sua privacidade para ligar para Catriona e explicar sobre o atraso. Falou com cada um dos seus filhos, prometendo que logo estaria em casa para abraçá-los e beijá-los novamente. Para lhes fazer cócegas até que eles rolassem de rir.

Parecera uma ideia tão boa se trancar ali, enquanto a tempestade acontecia do lado de fora. Mas, como o pior da tempestade, horas tinham passado, e ela ainda não conseguia dormir. Todavia, não entendia a guerra que estava acontecendo em seu interior.

Pois o detestava, certo? Odiava-o pela maneira como Bahir a cortara de sua vida com a mesma rapidez que se cortava um pedaço de fruta... como se ela nunca tivesse significado mais do que isso para ele. Entretanto, apenas vê-lo despertara uma resposta de desejo em seu corpo que agora lhe tirava o sono.

Estava louca? Ou era devassa? A princesa festeira que não se importava com nada, exceto em se divertir, independentemente de quem lhe proporcionasse diversão?

Deus, estava quente! Ela se sentou na cama, o suor escorrendo de seus cabelos para o pescoço.

Que refúgio! Tudo que conseguira tinha sido trocar um tipo de prisão por outra. E, dentro de algumas horas, estaria de volta no avião... com ele... e a tortura continuaria.

Outro raio iluminou o quarto, e Marina olhou para as portas novamente. Havia uma chance de que elas pudessem ser abertas agora, sem que o vento as derrubasse de suas dobradiças. E talvez estivesse mais fresco no terraço. Talvez o vento dissipasse um pouco do calor que queimava sua pele, e o ar esfriasse seus lençóis enquanto ela não estava lá.

Marina saiu da cama e estendeu o braço para pegar seu penhoar, apenas para lembrar que este ainda estava no fundo de sua mala, porque achara que estava muito quente para usá-lo. Pensou no roupão do hotel pendurado no closet, mas a ideia do tecido atoalhado em sua pele com aquele calor...

Ela hesitou por um segundo. Não precisava de nada além de sua camisola fina. Eram três horas da manhã, e só iria até o terraço escuro. Não ficaria muito tempo do lado de fora e ansiava por sentir o ar frio e a chuva em sua pele.

A força do vento tinha diminuído, mas Marina ainda precisou segurar a porta para que não batesse. Então saiu e a fechou, já sentindo o vento penetrando a abertura lateral de sua camisola longa, roçando contra suas pernas e seu centro quente.

Ela tremeu, não de frio pela chuva, mas com a carícia deliciosa do vento contra sua pele. Andou até a balaustrada que dava vista para o mar.

Podia ver as ondas brancas no oceano escuro, sentir o ar salgado no ar. Um raio iluminou o mundo por um instante, antes que um forte trovão soasse no espaço aberto.

Então uma onda feroz estourou nas pedras abaixo, e Marina foi atingida pelos respingos, o vento gelando as gotas em sua pele.

Ela arfou, e, sentindo seu corpo vivo e repleto de energia, abriu os braços em sua lateral e riu com vontade. Aquilo era loucura. Era revigorante. Sentia-se livre, exatamente como sempre ansiara ser.

Como tinha sido uma vez, antes que Bahir tivesse roubado seu coração.

ELE A observava de sua porta, onde estava parado há mais de uma hora, assistindo à tempestade se acalmar. No começo, não a ouvira, qualquer som que ela tivesse emitido, levado pelo vento ou perdido sob o estouro das ondas, mas então percebeu um movimento pelo canto do olho, a visão de uma mulher vestida numa camisola longa branca. Mas não qualquer mulher. *Marina*. Um fantasma de seu passado, movendo-se no terraço com braços desnudos e pés descalços, os cabelos pretos soltos e esvoaçando livremente.

Ele enrijeceu quando a camisola foi colada ao corpo curvilíneo, pelo vento e chuva, aos seios magníficos e à leve curva da barriga. Colada a todos os lugares que ele lembrava, aderindo-se à pele sedosa de tal maneira que ela poderia estar nua.

A rajada de vento ergueu o tecido fino ao redor das pernas dela, e Bahir imaginou se ela ainda não usava nada por baixo da camisola.

Ele gemeu. Por que ela usaria uma camisola branca? Tão virginal e inocente.

A quem ele estava tentando enganar?

Marina estava longe de ser virgem. Ela era uma feiticeira. Ele iria embora agora, enquanto tinha a chance, antes que ficasse tentado a fazer alguma coisa da qual se arrependeria.

Mas não conseguiu fazer seus pés se moverem. Não conseguiu se virar. Em vez disso, permaneceu e observou enquanto ela era golpeada por uma onda estourando abaixo e quando ela abriu os braços e riu de maneira tão audaciosa quanto o clima. Viu a camisola branca molhada se tornar transparente... e soube que não tinha escolha.

Soube que precisava ir até ela.

SUA CAMISOLA estava ensopada e aderida ao corpo, seus cabelos embaraçando ao vento, e Marina sabia que em breve se sentiria pegajosa com sal e se consideraria insana por fazer algo tão impulsivo, quando deveria estar tentando dormir.

Mas, no momento, sentia-se mais viva do que se sentira em meses. Mais desperta. Mais livre.

Ela se virou, levantando seus cabelos molhados para esfriar sua nuca, enquanto outra onda enviava respingos na sua direção e quando um raio iluminou o terraço e a informou de que não estava sozinha.

– Bahir – disse ela, abaixando os braços de maneira abrupta. Seu corpo já estava alerta, seus mamilos rijos e salientes contra o tecido da camisola, e seus pés prontos para fugir.

Ela poderia ter tentado correr, mas a máscara torturada de Bahir a manteve no lugar, como se ele tivesse lutado contra demônios internos e perdido. Os olhos escuros prenderam os seus, misteriosos num rosto sombreado, enquanto partes da camisa branca se aderiam ao peito largo, tornando-se da cor da pele dourada que havia por baixo.

Marina engoliu em seco.

– Por quê? – perguntou ela, querendo ter certeza, com medo de confiar na química entre eles.

– Você também não consegue dormir. – Ele fez uma declaração em vez de responder.

– Eu estava com calor.

Os olhos de Bahir a percorreram, lentamente, e o calor que a envolveu não pôde ser aliviado nem mesmo pelo ar frio da noite ou por sua camisola molhada. Ao olhar para a camisa branca colada à pele dele, moldando um mamilo escuro, Marina percebeu que devia estar... exposta. Praticamente nua. Passou os braços ao redor de seu torso, numa tentativa inútil de se cobrir.

Nunca tinha sido recatada com Bahir. Talvez não houvesse motivo para que fosse agora. Ele já vira tudo antes, e mais. Mas Marina estava diferente agora. Era mãe, e gravidez havia deixado as marcas inevitáveis em seu corpo. Ele notaria, ele se importaria? Não tinha direito de se importar, e ela não precisava se perguntar... todavia...

Então os olhos escuros encontraram os seus, e Bahir murmurou:

– Eu também sinto isso. Calor. – E ela sabia que ele não estava falando sobre o tempo.

Ele se aproximou um passo, depois outro, de modo que Marina precisou erguer o rosto para olhá-lo.

– Você deveria entrar – disse ele.

– Eu deveria – concordou ela, porque continuar ali seria imprudente. A última coisa que precisava era ficar presa num terraço com um homem que nunca parara de desejar, mesmo quando tentara detestá-lo tanto.

Mas seus pés não se moveram, nem mesmo quando o vento colou a camisola mais uma vez contra suas pernas, incentivando-a a sair dali enquanto ainda era tempo.

– Você deveria entrar – repetiu Bahir, a voz rouca contra a pele dela. – Exceto que...

Marina inclinou a cabeça para ele, seu corpo pulsando de desejo.

– Exceto que...?

– Exceto que eu não quero que você entre.

Ela fechou os olhos, uma parte sua desejando que já tivesse entrado, de modo que nunca tivesse ouvido aquelas palavras. A outra parte, a parte devassa que pertencia a Bahir para sempre, se deleitou com a declaração.

– Eu quero você – disse ele, e Marina abriu os olhos ao sentir mãos grandes erguendo seu queixo e segurando seu rosto.

Subitamente, era tarde demais para fugir. Quando ela o fitou, foi para ver uma expressão de tanto desejo que alimentou sua alma, pois fazia muito tempo que alguém não a olhava assim, e essa pessoa tinha sido Bahir. Ninguém jamais a olhara do jeito que Bahir a olhava.

Mas isso fora antes...

– Isso é um erro – murmurou Marina com fraqueza.

– Isso – ele traçou os dedos ao longo de sua pele e ela se esqueceu de como respirar – parece um erro?

Talvez não agora, pensou ela. Mas no dia seguinte ou na semana ou no mês seguinte perceberia que aquele tinha sido um erro.

E então a mão dele se curvou ao redor de sua nuca, puxando-a para sua boca ávida. Alguns erros, racionalizou Marina, existiam para serem cometidos.

O vento bateu às suas costas, empurrando-a para mais perto dele, e ela encontrou os lábios dele com os seus num primeiro toque precioso.

Era como voltar para casa, só que melhor, porque era uma casa que ela nunca esperara encontrar novamente. Um lar que pensara ter perdido para sempre.

– Bahir – sussurrou ela contra os lábios sensuais, reconhecendo o gosto, aroma e textura dele.

Por um momento incrível, o encontro tênue de suas bocas foi o suficiente, mas apenas por um momento. Até que ele gemeu e a puxou contra si, aprofundando o beijo.

Marina correspondeu, abrindo as mãos no peito largo, pressionando as unhas na carne firme, como se para provar que ele era real, que aquilo estava acontecendo.

Ele era real, seus dedos a informaram. Deliciosamente real.

E tão quente.

O hálito, os lábios no seu pescoço, a pele sob suas mãos... tudo em Bahir estava quente. Entretanto, quando ele lhe segurou um seio e lhe roçou o bico com o polegar, foi ela quem sentiu que entraria em combustão.

Então a boca de Bahir substituiu a mão, banhando-lhe o mamilo através da camisola fina, e nunca tinha sido tão delicioso sentir seda contra pele.

Respingos de uma onda estourando os atingiram. As nuvens se abriram para revelar uma lua aguada, e Marina se agarrou à cabeça dele para não desmoronar sob o impacto do ataque sensual.

Mas quando as mãos másculas deslizaram por suas costas e seguraram seu traseiro, os dedos dele perigosamente perto do ápice de suas coxas e do centro pulsante de sua existência, ela soube que seus joelhos não aguentariam muito mais tempo.

– Bahir! – exclamou ela, mas ele já antecipara sua necessidade, sabendo instintivamente o que ela queria, como sempre soubera.

Ele lhe segurou o rosto nas mãos e a beijou longa e apaixonadamente, até que Marina estivesse zozona e sua própria respiração ofegante, quando ele se

afastou para falar:

– Uma noite – murmurou Bahir com voz rouca. – Somente esta noite. Isso é tudo que eu peço.

Ela sabia o que ele estava lhe dizendo... que não mudara de ideia, que não a queria em sua vida de modo permanente e que nunca querereria seu amor... mas estava lhe oferecendo essa noite.

Ela aceitaria?

Se fosse mais forte... se fosse mais como sua irmã mais nova, Aisha, que tinha domado seu próprio sheik poderoso... diria o que ele podia fazer com essa noite. Mas não era tão forte. E a escolha era tão injusta.

Podia ter essa noite com ele e sacrificar seus princípios e orgulho, ou podia não ter nada. Mas seu orgulho e princípios jamais fariam seu coração disparar apenas com um olhar ou com um toque gentil. Não poderiam levá-la ao paraíso. E como orgulho e princípios se comparavam ao paraíso?

Uma noite curta vivenciando o paraíso. Algumas horas antes que eles tivessem de se levantar e voltar ao aeroporto a fim de continuar o voo.

Valeria a pena?

Oh, sim.

E, no dia seguinte, Marina lhe contaria sobre o filho deles... e não importaria se Bahir nunca mais quisesse vê-la, porque ela teria essa noite roubada para guardar na memória.

Estudou-lhe os olhos e viu impaciência lá, um desejo exigente que ecoava o seu próprio desejo.

– Apenas uma noite – concordou ela, e se sentiu sendo erguida nos braços fortes, como se não pesasse nada.

Bahir a carregou para sua suíte do lado oposto do terraço de Marina e a deitou sobre a cama de modo reverente, uma cama que parecia tão remexida quanto a que ela deixara. As cobertas estavam empilhadas no chão, e ela se deleitou em saber que podia ser responsável por, pelo menos, parte do calor que o impedira de dormir.

Bahir parou na lateral da cama, seus olhos nunca a deixando, enquanto ele removia a camisa e a jogava no chão, a pele dourada e úmida brilhando na luz da lua. Marina prendeu a respiração quando a calça se juntou à camisa, seguida pela cueca, e então ele estava gloriosamente nu à sua frente, a ereção orgulhosa e livre.

A boca de Marina secou quando ele apoiou um dos joelhos ao seu lado na cama.

– Você é magnífico – disse ela. Não que isso fosse alguma surpresa, estava apenas declarando um fato, pois Marina sempre o achara magnífico, vestido ou nu, mas nunca tanto como agora, quando a masculinidade potente estava em total evidência.

Bahir tocou uma mão na bainha de sua camisola e sorriu, os olhos brilhando.

– E você – começou ele – está muito vestida.

CAPÍTULO QUATRO

FOI ASSIM que começou, com as mãos dele subindo por suas canelas, erguendo a camisola molhada de suas pernas, enquanto trilhava beijos atrás de seus joelhos e no interior de cada coxa.

E, no momento em que Marina estava arfando em antecipação e expectativa, ele se ergueu e puxou o tecido de seda sobre os quadris dela, deslizando as mãos por sua cintura e seios sensíveis, livrando-a da camisola, antes de lhe beijar os olhos, nariz, boca, ombros, seios e todas as partes de seu corpo. Com cada toque mágico daquelas mãos em sua pele, com cada beijo ardente em sua boca, a febre de Marina se construiu, até que uma lágrima escorreu pelo canto de cada olho.

O momento intenso era acre-doce, pois ela sonhara tantas vezes com uma noite como esta. Sonhara com Bahir voltando para ela, admitindo ter cometido um erro, suplicando-lhe perdão, e, num milhão de maneiras distintas, em cenários diferentes, Marina lhe dera as boas-vindas de volta.

Havia sonhado com uma noite mágica, quando ele retornaria para dizer que se arrependia, que errara e que a amava. E ela pegaria a mão de Bahir, posicionando-a em sua barriga e lhe contando que o filho dele estava em seu interior, criado num ato de amor.

Até que, finalmente, percebera que ele nunca voltaria, nunca a procuraria. Aquilo estava acabado.

Todavia, embora Marina soubesse que nada tinha mudado, ele estava lá agora... e, mesmo que isso nunca fosse bastar, era *alguma coisa*.

– Você é linda – ela o ouviu dizer, e abriu os olhos para vê-lo ajoelhado e a fitando com o que parecia ser adoração. Mas Marina ainda esperou, imaginando se ele notaria as mudanças em seu corpo desde a última vez que eles tinham estado juntos, as mudanças causadas pela maternidade. – Tão linda – repetiu Bahir.

Ela estendeu uma mão, a fim de puxá-lo para baixo e acabar com aquele desejo desesperador.

– Por favor, faça amor comigo, Bahir.

Ele a surpreendeu, pegando-lhe a mão, virando-a na sua, beijando-lhe a palma e murmurando:

– Eu farei. Mas antes... – Ele lhe soltou a mão para lhe apartar as pernas e abaixar a cabeça ali.

Marina arfou ao perceber o que ele pretendia, e não apenas em antecipação ao prazer iminente. Mas eles tinham tão pouco tempo, e ela esperara que Bahir quisesse tomar seu prazer o maior número de vezes possível. Não esperara que ele quisesse passar o tempo dando prazer. Além disso, por mais que ela tivesse sentido falta dos deleites que a boca dele podia lhe causar, o que mais ansiava era por senti-lo em seu interior.

– Bahir – exclamou ela quando ele envolveu os braços ao redor de suas pernas e a abriu para ele. – Por favor.

Mas suas súplicas foram respondidas pelo deslize da língua quente ao longo de sua fissura, e ela arqueou as costas em reação.

– Oh, Deus. – Marina gemeu quando a língua dele produziu mágica em seu corpo, fazendo seus sentidos girarem, sem tempo de se recuperarem, antes que lábios sensuais se fechassem no pequeno botão, tomando-o na boca e a enlouquecendo de prazer, com a habilidade de um artesão... um homem que sabia exatamente o que ela precisava e quando.

– Por favor! – implorou Marina, sabendo que já estava perdida, não sabendo bem pelo que pedia.

Mas ele sabia. No auge do prazer, ela sentiu dedos hábeis se juntarem à boca de Bahir, levando-a a um clímax explosivo. Levando-a ao paraíso.

Ele sempre fora o melhor, pensou ela enquanto as ondas de deleite a percorriam. Aparentemente, isso não tinha mudado.

Ele a puxou para um beijo quando ela voltou para a Terra. Marina sentiu o desejo crescente em Bahir, e tal desejo alimentou o seu próprio, fazendo-a necessitar dele em seu interior mais do que nunca.

– Deus, você está tão sexy assim – murmurou ele, afastando-se um pouco. – Tem alguma ideia do quanto eu a quero?

Ela lhe sorriu. Então pensou sobre proteção, e ia falar alguma coisa, mas Bahir já estava estendendo o braço para pegar a carteira de cima do criado-mudo, extraíndo um pacotinho, que abriu impacientemente com os dentes.

– Ainda bem que um de nós é responsável.

Marina piscou, seu desejo começando a desaparecer.

– O que você disse? – perguntou ela, incerta se o ouvira direito, incerta se entendera o que ele implicara.

Bahir deslizou o preservativo ao longo de sua extensão rígida.

– Eu disse – ele se inclinou sobre ela, roçando-lhe um mamilo com a boca, enquanto se posicionava entre suas pernas – que é sorte sua que um de nós pode pensar com clareza.

Ela ficou imóvel, a mágica que a boca dele produzia neutralizada pelo conteúdo tóxico daquelas palavras.

– Você acha que eu sou irresponsável.

– Eu não disse isso – replicou ele, antes de mordiscar o bico de seu outro seio, angulando os quadris para o centro dela.

– Você disse. – Marina movimentou os quadris e escapou das tentativas dele de se unir a ela. – Foi isso que você implicou... que era responsável porque pensou sobre proteção. Falou que eu tinha *sorte* por você ter pensado nisso.

– Isso não é importante!

– É importante, se é assim que você pensa.

– Marina, não faça isso. Eu não impliquei nada.

– Você acha que eu sou irresponsável, não acha? Somente porque mencionou proteção antes de mim. Assumi que eu nunca perguntaria.

– Ora, Marina, você dificilmente é a garota exemplo para sexo seguro.

– E você é o garoto exemplo, suponho?

– Não sou eu que tenho dois filhos ilegítimos. Pensei que você ficaria feliz por não ser presenteada com um terceiro.

Sangue esquentou as veias de Marina, pela injustiça daquelas palavras.

– Como ousa? – gritou ela, contorcendo o corpo sob ele, empurrando-o com ambas as mãos e o socando com punhos cerrados, desesperada para fugir. – Como você ousa falar sobre meus filhos e dizer que *eu sou* irresponsável? Saia de cima de mim!

– Ouça! – Ele lhe agarrou um pulso antes que ela lhe socasse o ombro. – Que diabos está errado com você?

Ela o fitou com raiva.

– Muito fácil. *Você* está errado comigo. Eu lhe disse que isso era um erro. Eu sabia que era. Apenas lamento não ter percebido quão grande era o erro, até agora.

– Não se preocupe – retrucou ele entre dentes cerrados, enquanto rolava de lado e a libertava. – Isso não vai acontecer de novo.

Marina saiu da cama, pegou sua camisola do chão e a vestiu, não se importando quando percebeu que estava do avesso, já se dirigindo à porta.

– É melhor você acreditar nisso.

SE O voo até lá tinha sido insuportável, o voo para Pisa foi pura tortura, a atmosfera tão tensa que dessa vez até mesmo os comissários de bordo perceberam e os deixaram sozinhos pela maior parte do tempo. A falta de distrações não ajudou. Marina largou seu livro em frustração, imaginando se aquele voo acabaria alguma hora. Tentara ler a mesma passagem no mínimo uma dúzia de vezes agora e ainda não absorvera as palavras.

Mas como uma mente repleta de autorrecriminação e raiva podia absorver alguma coisa? Ela detestava que se permitira cair no feitiço de Bahir na noite anterior. Detestava que ele lhe tirara toda a lógica, a sabedoria e experiência de vida que ela possuía, com a mesma facilidade que havia tirado a camisola de seu corpo.

Detestava a si mesma por ter permitido isso.

E quando se lembrou de seu próprio clímax explosivo na cama dele teve vontade de morrer. Como poderia se olhar no espelho agora? Mas uma coisa sabia. Não iria olhar para ele.

Oh, podia ouvi-lo do outro lado do corredor, movimentando-se na poltrona, resmungando baixinho de vez em quando. Podia sentir a raiva emanando de Bahir em ondas, mas se recusava a olhar naquela direção. Não poderia encará-lo sabendo o que lhe permitira fazer.

Marina fechou os olhos. Seu corpo ainda pulsava com as lembranças. Ainda ansiava pela finalização que agora nunca aconteceria.

Deus, pensou, apertando as coxas num esforço de conter o desejo, como era tola. Talvez Bahir tivesse razão. Talvez ela fosse irresponsável. Mas não do jeito que ele imaginava.

É claro, a chegada à Pisa estava atrasada, o aeroporto ocupado, depois da tempestade do dia anterior, a pista cheia de aviões e ônibus de passageiros, todos competindo por espaço.

Então, no momento que eles aterrissaram, os nervos de Marina estavam à flor da pele, e ela não se importava mais que ele fosse o pai de seu filho ou que decidira lhe contar isso. Só queria que Bahir fosse embora.

– Eu sigo sozinha a partir daqui – disse ela, sem olhá-lo, quando sua bagagem foi colocada num carro que esperava do lado de fora do aeroporto.
– Tenho um motorista. Você pode ir embora.

Ela o estava dispensando?

– Não é assim que funciona, princesa.

Marina o encarou então, provavelmente pela primeira vez desde que saíra do quarto dele naquela manhã, e Bahir soube que a irritara chamando-a pelo título. Todavia, quanto menos pessoal fosse a relação deles, melhor para ambos.

– O combinado foi levá-la até sua casa com segurança.

– Eu não contarei a ninguém, se você não contar.

– Isso não depende de você – replicou ele, pondo sua própria sacola no porta-malas do carro, antes de gesticular a cabeça para o motorista fechá-lo.
– E não depende de mim. – Eu fiz um acordo com Zoltan, e esse acordo permanece.

– Não há necessidade...

Ele abriu a porta traseira do carro.

– Entre.

– Mas eu não quero que você...

Bahir se inclinou para perto do ouvido dela, sussurrando:

– Acha que eu quero você? Acha que quero estar aqui? Mas isso não se trata do que eu penso ao seu respeito. Não é pessoal. É dever, princesa, simplesmente dever. Eu prometi que faria isso, e farei até o fim.

Ele se afastou, e ela permaneceu diante da porta aberta pelo que pareceu uma eternidade, uma expressão furiosa nos olhos, a postura rígida.

– Se você entrasse no carro ainda hoje, seria bom, princesa. Sei como está com pressa de se reunir com seus filhos preciosos. – *Sem mencionar quanta pressa ele estava de se ver livre dela para sempre.*

Os olhos de Marina se estreitaram então, e alguma coisa quase maligna cruzou suas feições, antes que ela dissesse:

– Você tem razão, isso é tudo sobre dever. Apenas não me diga mais tarde que não te avisei.

Bahir não se incomodou em perguntar o que aquilo significava. Não queria saber. Fechou a porta traseira do carro depois que ela entrou, e, após dar o dia de folga para o motorista, pegou as chaves e o volante. De jeito nenhum, compartilharia o banco de trás com *ela*. Pelo menos, dirigir pelas autoestradas frenéticas da Itália lhe daria alguma coisa relativamente sã para pensar.

Pegou o caminho em direção a Genoa e a saída que os levaria para o norte da Toscana, onde Marina morava, enquanto ela permanecia sentada no banco de trás, a expressão fechada e os olhos escondidos atrás de óculos escuros. Uma mulher tão diferente daquela que agraciara sua cama na noite anterior.

Do que se tratara tudo aquilo? De algum tipo de vingança perversa por ele a ter dispensado todos aqueles anos atrás?

Ela ainda estava tão amarga que procuraria qualquer chance de vingança, incluindo encontrar qualquer justificativa para que pudesse detê-lo meros momentos antes que ele a penetrasse?

Que outro motivo havia? Porque Marina dificilmente poderia se ressentir por ser considerada irresponsável. Deus, a mídia do mundo inteiro tinha usado essa palavra ao se referir a ela, uma vez ou outra, e com motivo. Aquilo não poderia ser considerado um insulto, uma vez que dois filhos ilegítimos provavam tal verdade.

O trânsito estava pesado na autoestrada, mas o carro poderoso não demorou a pegar uma saída e uma estrada mais estreita, que levava à região montanhosa onde ela vivia. Descobrir isso tinha sido uma surpresa. Bahir imaginara que ela ainda morasse perto da cidade, em algum lugar onde pudesse apreciar noitadas agitadas. Mas Marina tinha filhos agora. Talvez os deixasse com a babá enquanto se divertia. Talvez fosse responsável o bastante para fazer isso. O que era alguma coisa.

O ritmo da viagem diminuiu consideravelmente depois que eles saíram da autoestrada, a estradinha se curvando ao longo de um rio fértil e passando por vilarejos pitorescos, onde construções quase invadiam a estrada.

Ele desviou de outro trator de fazenda, que se movia muito devagar. Aquele era claramente um lugar inconveniente para morar. Mas talvez

Marina não ficasse em casa com frequência.

Bahir olhou pelo espelho retrovisor para vê-la recostada contra o banco de couro, os olhos ainda escondidos atrás dos óculos escuros. Mas nada podia esconder a linha tensa da boca de Marina.

Então ela estava cansada. Quem não estaria depois da noite anterior?

Ele não sentia a menor compaixão. Pelo menos, ela apreciara algum alívio. Diferentemente de Bahir, que queimara com insatisfação até o dia amanhecer, apenas pensando em Marina, deitada em sua cama, desejosa, linda...

Ele estivera apenas a alguns instantes do lugar que ansiava estar desde que ela aparecera como uma feiticeira naquele terraço, embrulhada para presente numa camada de seda transparente...

– Não me ouviu? – ela falou atrás dele. – Você precisa virar à esquerda aqui.

Bahir teve de virar o carro abruptamente ou teria perdido a saída.

– A que distância sua casa fica daqui? – perguntou ao pegar uma estrada de terra ainda mais estreita e ver uma placa de neve avisando sobre os perigos do inverno.

– A alguns quilômetros. Não está longe.

Bahir suspirou. Não via a hora de chegar à casa de Marina e finalizar sua tarefa.

Na autoestrada, aqueles poucos quilômetros quase não teriam levado tempo. Nessa trilha estreita de terra era impossível correr, e a subida à montanha parecia levar uma eternidade.

Os pneus cantaram em protesto quando ele fez outra curva fechada, virando o volante para mais perto da encosta quando um veículo quatro por quatro veio na outra direção, passando a milímetros da lateral do carro de Bahir.

Ele arfou. Aquela tinha sido por pouco! O que ela fazia vivendo naquele fim de mundo? Era difícil conciliar a Marina que ele conhecia... a garota cheia de energia, livre e devassa... com um lugar tão rústico.

Pessoas que não gostavam de uma vida agitada e festiva certamente adorariam viver lá, pois, conforme eles subiam a montanha, Bahir descobriu que as vistas se tornavam cada vez mais espetaculares, vale após vale emoldurados por picos altos do seu lado e uma cadeia de montanhas verdes a distância.

– Logo depois da próxima curva – disse ela finalmente. – A saída à esquerda. – E lá veio a próxima surpresa quando ele entrou no caminho de cascalho... Bahir não sabia bem o que estivera esperando, mas com certeza não era isso.

A mansão de pedra se estendia abaixo da lateral de uma cadeia de montanhas, suas janelas com vistas para cenários magníficos em todas as direções. Buganvílias escalavam os muros externos numa trilha de vermelho brilhante, contrastando com a pintura amarela. Desceu do carro e olhou ao redor, sentindo o sol da Toscana em seus ombros. Mais ameno que o sol do deserto, registrou, mesmo no começo da tarde, quando estava no seu momento mais potente. Ou talvez fosse sempre mais frio naquela altura.

Marina não esperou que ele acabasse sua avaliação do lugar, e abriu a porta do carro, talvez também impaciente para se ver livre daquela situação.

– É aqui que você mora? – perguntou ele, tirando a bagagem dela do porta-malas.

Marina estendeu o braço para pegar suas malas, mas Bahir as segurou com firmeza, e ela comprimiu os lábios.

– Esta é minha casa, sim. – Ela suspirou com a resignação de alguém que sabia que ele ia cumprir a tarefa até o fim, e liderou o caminho, descendo uma escada na lateral da casa que levava a um terraço e a uma pérgula coberta. Dali, a vista era ainda mais incrível. Do outro lado de um vale entre as montanhas havia um vilarejo colorido contra a densa folhagem e, diante deles, a terra verde parecia desbotar com cada cadeia sucessiva de montanhas.

Então, Bahir ouviu passos vindos da casa e vozes de crianças gritando “Mamãe, mamãe!”, antes que uma porta se abrisse e duas crianças de cabelos escuros saíssem para o terraço, rindo.

– Mamãe! – gritou um menino que colidiu, com força total, contra as pernas dela. Uma pequena garotinha o seguia, também se jogando contra a mãe.

Ele sentiu um nó na garganta ao vê-la se ajoelhar e abraçar as duas crianças. Então, aqueles eram os filhos de Marina? Saber sobre eles era uma coisa... conhecê-los era outra bem diferente.

Bahir desviou o olhar, querendo que o momento de reencontro acabasse. Não se relacionava com famílias. Certamente, não queria pensar nas

implicações da família de Marina, dos homens com quem ela dormira logo depois de expressar seu amor eterno por ele.

– Você está em casa finalmente, graças a Deus – ele ouviu alguém dizer. E se virou para ver uma mulher mais velha, de uns 40 e poucos anos, secando as mãos num avental coberto de farinha, parada junto à porta, olhando diretamente para ele. Ela arqueou uma sobrancelha intrigada para o visitante, antes de se voltar para Marina: – O almoço está quase pronto. Devo colocar mais um prato à mesa?

Marina beijou cada um de seus filhos e endireitou o corpo, segurando-os pelas mãos.

– Bahir, esta é Catriona, minha babá, governanta e salva-vidas em geral. E estes – acrescentou ela, olhando para baixo – são meus filhos, Chakir e Hana. Bahir foi gentil o bastante para me trazer para casa em segurança – falou para eles. – Digam *ciao* para nosso visitante, crianças.

Gentil o bastante para levá-la para casa com segurança? Não realmente. Mas, dessa vez, Bahir não teve escolha senão olhar para as crianças, que não falaram nada. A menina se agarrou à saia da mãe, os olhos grandes, o polegar na boca, claramente não impressionada.

Mas foi o menino que o perturbou mais, que estudava Bahir com desconfiança, a expressão desafiadora, como se fosse protetor da mãe e estivesse disposto a mostrar isso. E aqueles olhos eram estranhamente familiares...

– Eu não vou ficar – disse ele, sentindo-se tolo ao perceber que ainda estava segurando a bagagem de Marina, como se fosse algum carregador de malas. Colocou-as no chão ao lado da porta e deu um passo atrás.

– Você... deve ficar – murmurou Marina, as palavras soando forçadas. – Fique para o almoço.

– Não, eu... – Ele olhou ansiosamente na direção dos degraus, para onde sabia que o carro estava parado.

– Você deve... – A voz de Marina falhou. O convite não era caloroso, mas sim uma insistência que despertou em Bahir algum instinto de sobrevivência. Algo lhe dizia que devia fugir dali o mais rapidamente possível.

Mas não podia fugir.

A babá-governanta o estava observando. Marina, de repente parecia frágil, como se fosse desmoronar a qualquer momento, exceto que estava

ancorada pelas pequenas mãos de seus dois filhos... a garotinha de olhos grandes e o menino que o fitava com aqueles olhos intensos...

E um calafrio percorreu a sua coluna quando ele percebeu.

Seus olhos.

O ar puro da montanha pareceu faltar, até que Bahir quase não conseguia respirar.

– Não – murmurou ele. – Isso não.

E teve apenas uma vaga ciência de Catriona levando as crianças para dentro e fechando a porta, deixando Marina ali, o rosto bonito subitamente pálido demais.

– É verdade – sussurrou ela. – Chakir é seu filho.

CAPÍTULO CINCO

— NÃO! — A palavra explodiu dos lábios de Bahir como um míssil, pretendendo ser tão mortal e decisiva quanto um, antes que ele se virasse, andando para o fim do terraço, afastando-se da casa... mas não estava mais longe daquele pesadelo. — Não. Não pode ser!

— Sinto muito — disse Marina, atrás dele. — Eu sei que isso deve ser um choque.

Ele se virou.

— Um choque? É assim que você chama isso? Saber que eu tenho um filho com... o que... dois anos de idade? A primeira vez que ouço sobre a existência dele, e você chama isso de *choque*?

— Chakir fez três anos, dois meses atrás.

Ele não queria ouvir nada do tipo. Mas pensou em datas e calendários e sobre o que sabia de tempo de gravidez. Três anos e dois meses... mais aproximadamente nove meses de gravidez, se ela estivesse falando a verdade. As contas coincidiam com a última vez que eles haviam estado juntos. Mas o garoto não podia ser seu.

Todavia, como explicar aqueles olhos...?

Bahir respirou fundo, enquanto andava de um lado para o outro no terraço, pensando, procurando respostas, não encontrando nenhuma, apenas que aquilo era impossível. Assim como era impossível apagar do cérebro as palavras de Marina, embora quisesse isso mais do que qualquer coisa no mundo.

Como podia ser verdade? Ele supostamente tinha um filho pelos últimos três anos, e ela nunca se incomodara de informá-lo sobre o fato. Por que agora? A menos que...

– O que você quer, Marina? – perguntou ele, virando-se para ela. – Dinheiro, é isso? Precisa de dinheiro para bancar esta mansão e seu estilo de vida, e o verdadeiro pai do menino a abandonou; então você viu a oportunidade de me enganar com seu erro, num esforço de sustentar a criança?

As mãos dela se fecharam nas laterais.

– Chakir não é um erro! Nunca chame o *nosso* filho de erro!

Bahir apontou em direção à casa.

– Aquela criança não é minha. Isso não é possível.

– Por quê? Porque o grande e infalível Bahir assim diz?

– Porque eu usei proteção! Sempre usei proteção.

– E gravidez não planejada só acontece com pessoas irresponsáveis, certo? Pessoas como eu? Oh, você devia ouvir a si mesmo, Bahir.

– Eu nunca quis um filho!

– Não. Eu também não planejei... no entanto, este bebê aconteceu, apesar de todas as precauções que tomamos. Talvez seu cérebro de jogador possa entender melhor se eu colocar isso de uma maneira diferente... nós apostamos em contracepção e perdemos.

Ele bufou. O que ela entendia sobre jogos? Sobre ganhar e perder? *Nada, comparada a ele.*

– Então você tem um filho. O que eu não entendo é por que está tão desesperada para alegar que ele é meu? Você passou de mão em mão no momento que eu saí de sua vida.

Marina se encolheu, quase como se tivesse sido fisicamente golpeada, ferida, sem dúvida, pela verdade daquelas palavras. Mas aquele queixinho desafiador se ergueu enquanto ela lutava.

– Eu não entendo você, Bahir. Como pode duvidar que ele é seu? *Sabe* que é verdade. Viu a si mesmo no rosto de Chakir quando o olhou. Sei disso. Eu vi o momento que você reconheceu a semelhança.

– Então existe uma semelhança. – Ele deu de ombros, seu cérebro procurando uma explicação. – Uma coincidência. Nada mais. Você não pode ter certeza que o menino é meu.

– Eu posso ter certeza, Bahir – disse ela. – Porque eu tinha acabado de descobrir que estava grávida naquele dia que fui a você, o dia que você escolheu me cortar de sua vida para sempre.

– Você estava grávida então?

– Eu tinha acabado de descobrir. Estava nervosa. Com medo. Mas empolgada, também. E pensei... ousei esperar... que você pudesse ficar um pouco empolgado, também.

– Todavia, não falou nada sobre estar grávida.

– Porque não fazia mais sentido! Não uma vez que você me disse que não estava interessado no meu amor e me mandou sair de sua vida para sempre. Não quando deixou claro que não queria uma família e que nunca queria filhos. Por que eu lhe contaria então, quando já era tarde demais?

Bahir abaixou a cabeça nos punhos cerrados, seu peito pesando com a descoberta, acrescentando ao peso das lembranças do passado e de um dia tão horrível que ele tentara bloquear de sua mente.

– Então, é tudo culpa minha? Você não me conta que temos um filho, e a culpa é minha?

– Não. Isso não é uma questão de encontrar o culpado. Eu só estou tentando lhe explicar por que não lhe contei em palavras que você entenda. Você dificilmente teria me agradecido naquele dia, se eu tivesse dito que estava grávida. Era tão veementemente contra a ideia de filhos que eu não consegui compartilhar a notícia. Acima de tudo, eu não podia arriscar. Arriscar que você me dissesse o que fazer...

Bahir piscou ao perceber o que ela estava implicando. Marina achava que ele teria insistido num aborto?

Ele voltou a mente para aquele dia, um dia que tinha piorado progressivamente com a chegada do correio, um dia contaminado que se tornara mais tóxico quando ela aparecera de modo inesperado, linda e sorridente. Bahir quase a odiara naquele momento. E, então, Marina lhe perguntara se ele já desejara uma família, e a base do mundo dele tinha caído.

Ele pensara que a conhecia. Acreditara que entendiam um ao outro. Que estavam vivendo o momento. Aproveitando enquanto podiam, antes que cada um seguisse seu caminho.

E tinha sido bom. Muito, muito bom.

Mas, então, ela o surpreendera, tornando-se carente e pegajosa como as outras.

– Você já pensou em ter filhos? – perguntou Marina. – Eu o amo. – E a mente dele havia se tornado tão envenenada quanto suas memórias.

Ela soubera que estava grávida mesmo enquanto pronunciara aquelas palavras.

E se Marina tivesse lhe contado naquele dia, ele teria insistido num aborto? Deus. Não sabia. Nunca considerara a possibilidade. Tudo que sabia era que nunca quisera um filho. Mas ver aquele garotinho e pensar...

Praguejou. Às vezes, era melhor *não* pensar.

– Então, por que me contar agora se você não pôde me contar na época? – perguntou Bahir, sentindo-se mal com tudo aquilo, com a enganação, as mentiras, o choque da descoberta. – Por que esperar até agora, quase quatro anos após o evento, para jogar esta bomba?

Ela meneou a cabeça, e ele tentou não notar o jeito que as mechas dos cabelos longos dançavam ao redor do rosto de Marina.

– Eu não queria lhe contar nunca – disse ela. – Não queria que você soubesse, em absoluto. E você falou que nunca mais queria me ver. Então por que eu complicaria as coisas com notícias que você não queria ouvir? Foi esse meu raciocínio. Mas coisas aconteceram ultimamente, e...

– Que coisas?

– Como você aparecer com Zoltan e os outros no acampamento de Mustafa, para começar. Eu jamais esperei isso, não depois que você disse que nunca mais queria me ver.

Bahir enrijeceu o maxilar.

– Eu fiz aquilo por Zoltan e Aisha. Teria feito o mesmo por qualquer pessoa.

Marina deu um sorriso triste.

– Obrigada por falar isso de modo tão sucinto, mas eu não tenho ilusões quanto à sua atitude, acredite. Tudo que fez se tratou de dever para com seus irmãos do deserto. Assim como ver você me fez perceber que era meu dever lhe contar sobre seu filho, por mais que isso fosse desagradável para nós dois. Você tinha o direito de saber, quisesse ou não um filho, quisesse ou não saber. É seu direito como pai saber da existência de seu filho. Por que outro motivo eu teria concordado em entrar naquele avião com você?

– Então foi assim que aconteceu?

Ela pausou, esboçando um sorriso fraco.

– Acha mesmo que eu iria querer que você me escoltasse para casa? Você era a última pessoa com quem eu queria estar, e eu sabia que você se sentia da mesma forma sobre mim, mas não tive escolha. De que outra maneira eu deveria lhe contar?

Bahir suspirou.

– Então Zoltan também estava nisso? O mundo inteiro soube antes de mim?

– Não. Zoltan não sabe de nada. Apenas Aisha sabe, e eu só contei a ela, porque foi minha irmã quem surgiu com a ideia maluca. Ela assumiu que, porque nós já nos conhecíamos, seríamos companhias perfeitas de viagem. Eu tentei convencê-la do contrário. No final, contei-lhe por que isso não daria certo.

– Mas então você concordou.

– Aisha me convenceu do que eu já estava pensando... que você precisava saber. – Marina abaixou a cabeça. – Exceto que, quando entrei no avião com você, ainda não consegui encontrar as palavras. Era mais fácil mandá-lo embora em Pisa, e esquecer sobre lhe contar.

– Mas então você insistiu em dirigir – continuou ela após uma pausa. – De qualquer forma, está feito agora. E, no fim, isso não era sobre você. Não inteiramente.

– Como assim?

– Eu fiz isso por Chakir. Por nosso filho.

Ele olhou em direção à casa.

– Realmente acha que o garoto se importa?

– Talvez não agora, mas um dia ele pode se importar. Um dia, pode querer saber mais sobre o pai, sobre que tipo de homem ele é. Um dia, talvez Chakir o procure para tentar entender seu próprio lugar no mundo. Você precisa estar preparado para tal possibilidade.

– E isso é tudo que você quer de mim?

– Não é o bastante para um homem que nunca quis um filho? Um homem que nunca quis ver a mãe da criança em questão novamente? Mas agora você sabe. Deixo em suas mãos se quer contar para sua família ou não. E suponho... – Marina cruzou os braços, tremendo um pouco. – Se, por acaso, eles quiserem conhecê-lo, ou ver uma foto dele, você me informa?

– Eles não incomodarão você – declarou Bahir com firmeza. – Eu sei que não.

Ele suspirou e olhou ao redor.

– Bonito lugar – comentou. *Muito bonito para uma mulher que tinha se divertido usando dinheiro da mesada por anos.* – Seu pai lhe comprou esta casa? Para as crianças?

Ela pareceu surpresa pela pergunta, e meneou a cabeça.

– Não. Pertence a uma pessoa muito amiga.

Uma pessoa muito amiga? O pai da garotinha?

– Que conveniente – murmurou ele.

– Suponho que se pode dizer isso.

Bahir hesitou, pensando o que mais havia para dizer.

– Então é isso?

Ela o olhou, o rosto quase inexpressivo.

– É isso.

Aquela parecia uma dispensa, uma que ele ficou feliz em aceitar.

– Eu tenho de ir. Não ficarei para o almoço.

– Sim, é claro – replicou ela, como se não esperasse nada diferente. Como se quisesse que ele fosse embora. – Obrigada por ter me trazido para casa. Desculpe-me por não acompanhá-lo até o carro. Preciso entrar e ver meus filhos. – E Marina se virou e saiu andando.

ELE TINHA sido dispensado. Permaneceu sentado dentro do carro, o qual estava parado no caminho de cascalho. Tudo que tinha de fazer era ligar o motor, engatar a primeira e partir, esquecendo que aquilo tudo acontecera.

Era o que pretendia fazer quando Marina partira calmamente. Porque, se podia sair daquele encontro calmamente, então ele também podia.

Exceto que não podia.

Porque dessa vez se, não estava se distanciando somente dela. Estava se distanciando *dele*. O garoto. Seu filho? É claro que era seu filho.

Tinha visto seus próprios olhos no menino, assim como vira os olhos de seu irmão recém-nascido quando o bebê estava nos braços da mãe deles, o rostinho puro e inocente. E seu pai lhe dissera que o novo irmão de Bahir era muito parecido com Bahir quando bebê. Os mesmos olhos escuros que o fitavam de todos os espelhos.

Os mesmos olhos que ele viu na criança.

Seu filho.

Bahir pensou no seu irmão bebê. Pensou nas celebrações que tinham acompanhado o nascimento dele, pensou no tempo com seu irmão, antes que a morte o levasse embora, juntamente com o resto deles. Pensou no amuleto que encontrara no pacote do advogado, o amuleto que estivera em volta do pescoço de seu irmão quando ele havia morrido.

E pensou na criança dentro da casa.

Bahir nunca quisera um filho. Nunca quisera família. Nunca quisera arriscar perder novamente o que estava tão perto dele.

E por muito tempo aquilo funcionara. Ele não perdia nada, e quando perdia era apenas dinheiro. Detestava perder, mas era sempre só dinheiro.

Mas agora parecia que tinha um filho. Dentro daquela casa, uma casa que provavelmente pertencia ao homem com quem Marina se relacionara logo depois de deixá-lo, se a idade da menina fosse alguma indicação. Ele queria que seu filho fosse criado sob o mesmo teto, pago por um dos amantes da mãe? Certamente, era Bahir quem deveria sustentar a criança. Deveria ser ele quem proporcionasse uma casa para seu filho.

Podia ter abandonado todos os pensamentos sobre ter uma família, mas isso não significava que abandonara os princípios com os quais fora criado.

Era um beduíno, nascido e criado como um.

Família era tudo para seu povo.

Então, como ele podia simplesmente ir embora?

Não podia. Era como se Marina tivesse lhe dado um filho e depois lhe roubado a próxima respiração. Informando-o como se aquilo fosse mera formalidade. Como, uma vez que ela cumprira seu dever ao lhe contar, o papel de Bahir tivesse acabado.

E isso parecia errado.

Muito errado.

Ele nunca quisera um filho, verdade.

Mas agora o garoto existia. *Chakir*.

E azar, casualidade ou qualquer coisa que tivesse acontecido, o fato era que ele estava inexoravelmente unido a uma mulher com quem não queria ter nada a ver. E não podia apenas ir embora.

MARINA FECHOU a porta e se encostou contra a mesma, respirando fundo enquanto secava as lágrimas de seus olhos, esperando se recompor um

pouco antes de se juntar aos seus filhos para almoçar, ou eles iriam querer saber por que ela estava chorando.

Deus, se Bahir tivesse ficado mais um momento, ela teria caído aos prantos, ali no terraço. Quando ele a lembrara da mãe de Hana, Marina quase desmoronara. Tudo que a segurara foi testemunhar as expressões brincando no rosto dele. Tinha sido óbvio saber o que ele estava pensando.

A mente de Bahir estivera imaginando que tipo de “amigo” lhe emprestara aquela casa.

Mas e se ela tivesse apreciado as atenções de algum homem? E daí se tivesse tido outros amantes que lhe deram presentes? Com certeza, Bahir não ficara celibato durante todos aqueles anos. Um homem com o apetite dele? Sem chance.

Não, ele apenas lhe dera mais motivos para se alegrar com sua partida.

E Marina precisara disso.

Sua tarefa estava cumprida agora. Bahir sabia a verdade e lidaria com esta como bem entendesse. Sem dúvida, ele negaria a verdade e fingiria que nunca recebera a notícia de hoje.

Ela piscou e enxugou o rosto uma última vez. Era hora de seguir com sua vida.

Hora de acabar de uma vez por todas com qualquer esperança patética de que Bahir pudesse mudar de ideia algum dia. Quão mais claro ele podia ter deixado que só tinha ido ao acampamento de Mustafa no deserto por causa de Zoltan e seus amigos? Quão mais claro podia ter deixado sua posição do que indo embora rapidamente após ser confrontado com a existência do filho deles?

Bahir era história. Ele não fazia parte de sua vida. Não fizera pelos últimos quatro anos. Não fazia agora. Talvez fosse hora de aceitar isso.

Da cozinha veio o som de Catriona servindo o almoço para seus dois filhos famintos, e ela sorriu. Era Bahir quem estava perdendo ao dar as costas para o filho. Não ela.

A BATIDA à porta veio quando eles estavam acabando de almoçar. Um pressentimento fez a pele de Marina se arrepiar. *Não podia ser?*

– Eu atendo – disse Catriona, observando-lhe o rosto, não perdendo nada.

– Não – disse ela, levantando-se de onde estava sentada, observando Hana comer sozinha. – Eu vou.

– E se for ele?

Marina deu um sorriso que não sentia. Catriona não perguntara nada desde seu retorno, embora houvesse questões em seus olhos, questões que a mulher não faria até que as crianças estivessem dormindo e elas pudessem conversar propriamente.

– Então, ele irá querer falar comigo, de qualquer forma.

A batida à porta veio novamente, mais alta e mais insistente, dessa vez. E alguma coisa sobre aquela batida informou Marina de quem estava do outro lado.

– Tem certeza? – perguntou Catriona, recolhendo pratos e mantendo a voz leve, como se nada estivesse errado. Mas, então, a mulher do vilarejo local tinha um verdadeiro talento para amenizar a atmosfera, reconheceu Marina, lembrando-se de quando elas duas tinham cuidado de Sarah naqueles últimos meses e como, mesmo no final, ela mantivera o lar coeso quando todos poderiam facilmente ter desmoronado.

– Tenho certeza. Não se preocupe, eu volto logo. É provavelmente alguém do vilarejo.

Ela sabia que estava se enganando... alguém do vilarejo bateria à porta da cozinha... mesmo antes que abrisse a pesada porta da frente.

– Bahir – reconheceu ela, saindo e fechando a porta, quando o pressentimento se transformou em medo. Uma olhada para o rosto dele lhe disse que ela precisava colocar o máximo de barreiras possíveis entre esse homem e seus filhos, pois, ao partir, Bahir parecera um homem derrotado, mas agora parecia mais alto e mais poderoso do que nunca. Com um brilho duro e frio nos olhos e um maxilar determinado, parecia mais um guerreiro. E aparentemente a batalha ainda não começara.

– Você quer mais alguma coisa? – perguntou Marina.

– Pode-se dizer que sim – replicou ele, o tom de voz gelado. – Eu vim por meu filho.

Levou um tempo para Marina registrar as palavras.

– Eu não entendo – disse ela, sentindo-se apavorada. – Como assim, você veio por ele?

– É muito simples. Você teve nosso filho para si mesma por três anos. Agora é a minha vez.

CAPÍTULO SEIS

— NÃO — ELA conseguiu exclamar, seu corpo inteiro em negação. — *Não!*

— Sabe — continuou ele, como se ela não tivesse falado nada — , decidi que não quero ser o tipo de pai ausente. Se a criança é minha, como você atesta tão alegremente, então eu tenho uma responsabilidade como pai de providenciar para que ele seja criado propriamente.

— Ele está sendo criado propriamente! Ele lhe pareceu que está sendo negligenciado ou sofrendo de alguma maneira? O que está tentando provar, Bahir? O que você realmente quer?

— Eu lhe disse. Quero meu filho!

Marina olhou para a casa atrás de si, imaginando se Catriona e as crianças poderiam ouvir a discussão.

— Não precisa gritar — avisou ela, antes de atravessar o terraço, os braços cruzados abaixo dos seios.

— Você me ouviu? — disse ele atrás dela, a voz mais baixa, porém não menos ameaçadora. — Eu quero meu filho.

— Não. Isso é loucura. Você só está zangado, querendo algum tipo de vingança. Porque não pode estar falando sério.

— Estou falando muito sério. Você deveria ter considerado a possibilidade de eu querer participar da criação de meu próprio filho, quando decidiu me contar que eu era pai.

Ela piscou, momentaneamente atônita, porque tal possibilidade nunca lhe passara pela cabeça. Era improvável demais. *Impossível demais.* Marina se

virou, esperando que ele visse a verdade de seu argumento em seus olhos.

– Mas você nunca quis filhos! Era tão veementemente contra a ideia que eu tive medo de lhe contar que estava grávida. E agora está me dizendo que quer participar da criação dele?

– É verdade, eu nunca quis um filho. Mas o que eu queria é irrelevante agora, não acha? Porque a criança existe. Está aqui, e é minha, tanto quanto é sua!

– Mas você não pode simplesmente entrar aqui e exigir seu filho, como se ele fosse algum tipo de pacote... como uma posse para ser passada de um para outro, porque acha que agora é a sua vez.

– Por que não?

– Porque Chakir não é um pacote para ser passado de uma pessoa para outra. É uma criança. E porque eu não deixarei que você leve meu filho.

Ele deu uma risada sardônica.

– Seu filho? Você parece ter memória curta, princesa. Pouco tempo atrás, parecia determinada a me dizer que o menino era meu.

– Ele é seu filho, mas você não seria um bom pai para ele.

– Alguém me deu a oportunidade? Como você pode ser um bom pai para uma criança que não sabe que existe?

– Você não queria saber. Não queria um filho.

– Mas o garoto está aqui!

– O nome dele não é “o garoto”. É Chakir!

Bahir suspirou.

– Outra coisa da qual eu não participei. O que mais você decidiu para nosso filho, princesa? Já escolheu uma escola para ele? Já procurou uma noiva próspera para ele?

– Não seja ridículo.

– Sim – disse ele, as feições fortes contorcidas. – É ridículo eu ter de perguntar quando, como pai do menino, já deveria saber essas coisas. Eu deveria ter dado palpite em tais decisões.

Marina balançou a cabeça, determinada a não ceder.

– Eu não achei que você estivesse interessado. Não pensei que se importaria, considerando que deixou sua posição clara como cristal.

– E então você decidiu não me contar nem mesmo que ele tinha nascido!

Ela ergueu o queixo.

– Você não queria mais me ver. Por nenhuma razão, ou foi essa a impressão que eu tive.

Bahir a encarou com olhos furiosos.

– E esta é sua desculpa patética para ter me negado o conhecimento da existência de meu próprio filho? Esta é sua desculpa por tê-lo mantido em segredo por três anos?

– E agora acha que isso lhe dá o direito de mantê-lo consigo para sempre e me oferecer somente o direito parental no caso de um dia ele querer me procurar? – Irritado, ele se virou e andou para a balaustrada, onde a terra declinava abaixo e vales e montanhas formavam o pano de fundo.

Um cenário tão majestoso, pensou Marina, que um mero homem pareceria insignificante em comparação. Nenhum homem tinha o direito de parecer majestoso diante de tal vista. Mas esse homem parecia. Era alto e largo como as montanhas, com seu verdadeiro eu tão inalcançável e perigoso quanto os picos mais altos.

E na noite anterior... não, nessa mesma manhã... ele a levava para picos altos, com a mágica de sua boca, lábios e língua...

Ela tremeu. Agora, essa mesma boca lhe dizia que ele queria levar Chakir. *Filho dela*. Por que Bahir queria fazer uma coisa dessas? Porque se sentia desprezado? Mas como ela poderia fazê-lo entender? Como iria lutar contra ele?

– Você não tem esse direito – disse ele, virando-se. – E agora é hora de o pai dele exercer alguns de seus direitos. Eu quero levar o garoto para casa.

– Casa? – Marina meneou a cabeça. Na época que eles estavam juntos, ele vivia numa sucessão de apartamentos e quartos de hotéis, sempre dentro do alcance de um cassino de sua escolha. – Eu não sabia que você tinha uma casa.

– Eu estou planejando visitar a casa de meus pais em Jaqbar. Quero que o menino vá comigo. Quero mostrar-lhe a terra onde o pai dele foi criado.

Jaqbar? O choque roubou o ar dos pulmões de Marina. Ele não a teria surpreendido mais se dissesse que queria levar Chakir para Monte Carlo e lhe ensinar tudo que sabia sobre jogos, pois não havia nada em Jaqbar, além de infinito deserto.

– Quer levá-lo para um lugar no deserto? Você deve estar louco! Não pode levá-lo para lá. Ele é apenas uma criança.

– Ele é meu filho. E o deserto é o lar dele.

– Não, *este* é o lar de Chakir. O único lar que ele conhece. Ademais, você não sabe nada sobre crianças. Não saberia como cuidar de uma, nem se ela viesse com um manual, muito menos no meio do deserto. Eu não permitirei que você o leve. Não permitirei que o leve para lugar algum.

– Então, eu não lhe darei uma escolha. Levaremos o caso à Justiça, se é assim que você prefere, princesa. Imagine como os jornais vão se divertir com essa pequena batalha pela custódia: *Princesa Festeira Rouba Bebê*. Seu pai ficará tão orgulhoso de sua primeira filha lendo isso.

Ela engoliu em seco, o quadro que ele pintara vívido demais, as consequências muito terríveis. Pela primeira vez desde seus anos rebeldes de adolescente, havia o começo frágil de um relacionamento decente entre o rei e ela. Ele ainda não entendia as circunstâncias nas quais Marina se tornara mãe de, não apenas uma, mas de duas crianças ilegítimas. Isso era culpa dela também, por nunca ter desejado revelar a verdade, mas eles estavam finalmente começando a se entender.

Ela não suportaria se aquele relacionamento frágil fosse ameaçado. E isso era tão injusto!

– Eu nunca roubei Chakir!

– Não. Você apenas roubou três anos da vida de meu filho de mim. Os primeiros passos dele, as primeiras palavras, o primeiro sorriso. Comemorou os aniversários dele? Apreciou-os bastante por nós dois?

As palavras de Bahir machucavam. O fato de ela ter comemorado e apreciado todos os eventos importantes não era crime contra o pai ausente.

– Você não queria um filho – repetiu Marina, na defensiva.

– Você não me deu uma escolha!

– Eu tentei – retrucou ela. – Não se recorda daquele dia?

– Recordo-me de você me perguntando se eu queria um filho. Eu disse não. Não me lembro de você me contando que já estava grávida.

Ela passou as mãos pelos cabelos e suspirou.

– Então, podemos chegar a algum acordo – murmurou Marina, procurando soluções. – Talvez você pudesse visitá-lo em alguns finais de semana ou sair com ele pelo dia? Há um mercado todas as terças-feiras em Fivizzano, o vilarejo ao pé da montanha, e há sempre a praia em La Spezia. Não é longe.

– Ou há uma Corte em Roma, onde ganharei a custódia total do meu filho, quando eu contar a eles o quanto você é inadequada para ser mãe do

meu filho.

Ele falava sério? Realmente lutaria pela custódia de Chakir? Mas a quem Bahir estava enganando? Imaginava que seria um pai exemplar?

– Você acredita, por um momento, que eles dariam a custódia para um homem que passa metade da vida em uma mesa de roleta? Um homem que nem mesmo tem um lar? Nem mesmo o famoso sheik de Spin poderia achar alguma coisa boa em sua reputação. Você seria ridicularizado na Corte.

Bahir deu de ombros.

– Então talvez devêssemos colocar isso em teste. Qual de nós, pergunto-me, tem mais a perder, ao se expor publicamente?

– Seu cretino! – xingou ela. Pois não havia dúvida em sua mente sobre qual dos dois perderia mais. Marina não podia arriscar a exposição e as calúnias inevitáveis que se seguiriam. E não podia arriscar que alguém descobrisse a verdade sobre Hana, quando prometera a Sarah que não contaria.

Oh, Deus, e se eles levassem Hana embora? E se ela perdesse seus dois filhos?

Lágrimas inundaram seus olhos. Como Bahir podia fazer isso com ela? Tinha tanta sede de vingança assim? Odiava-a tanto?

– Você não faria isso – sussurrou ela, esperançosamente.

– É claro que eu farei, se você continuar tentando manter meu filho longe de mim.

– Bahir, por favor. – Marina meneou a cabeça. – Não faça isso. Você não pode levá-lo. Ele não o conhece.

– De quem é a culpa disso? Não minha. Ele irá para o deserto comigo. Eu lhe ensinarei a montar e a caçar. Eu lhe ensinarei sobre a cultura de seus antepassados beduínos.

– Mas Chakir é só uma criança. Acabou de completar três anos. Ele é muito pequeno para uma viagem como essa.

– Eu nasci numa tenda no deserto! Cresci lá. Como, então, ele pode ser muito pequeno?

Marina estava perplexa. Já se sentia emocionalmente abalada pelos eventos das últimas 24 horas... mas essa última informação fez sua cabeça girar. Passara meses com aquele homem e nunca soubera das origens dele. Mas quando eles tinham passado tempo conversando? Nas alturas vertiginosas do relacionamento deles nada importara, exceto os dois e seu

mundo sensual particular, preenchido com prazer, e era somente agora, quando tal relacionamento já era história, ela descobria alguma coisa sobre o passado dele.

Mas isso ainda não significava que Bahir podia levar seu filho embora.

– Não faça isso – pediu ela. – Não pode esperar tirar Chakir de perto de mim e levá-lo para algum deserto. Você não sabe nada sobre crianças, e é um estranho para ele. Chakir ficaria aterrorizado. E seria irresponsabilidade minha, como mãe, simplesmente permitir que você o levasse.

Ele não disse nada, os olhos selvagens, o maxilar rijo, como se estivesse pesando a verdade nas palavras dela. Então Marina continuou argumentando:

– Isso não vai dar certo, entende? Ele não iria com você. Seria desumano forçá-lo.

– Tudo bem – disse Bahir, finalmente. – Faremos do seu jeito. Eu quero vocês dois de malas prontas para partirmos amanhã, às 10h.

– Nós dois?

– É claro – replicou ele, olhando para o relógio, como se estivesse subitamente entediado com a conversa. – Se isso será tão problemático... se a criança não irá sozinha... então você terá de ir, também.

– Não, Bahir – respondeu ela, atordoada. – Não foi isso que eu quis dizer.

– Pelo contrário, eu acho que esta é uma excelente solução.

– Você está se esquecendo de Hana.

– Não. Não a garota – disse ele com desdém. – Ela fica.

– Eu não irei a lugar algum com Chakir, deixando Hana para trás. Não deixarei nenhum filho meu para trás.

– Desde quando? Você, a mãe maravilhosa, pareceu muito contente em deixar seus filhos em casa quando viajou sozinha para o casamento da tia deles.

– Você acha que eu deveria ter tirado as crianças doentes da cama para levá-los a um casamento num país distante?

– Chakir estava doente?

– Os dois estavam. Com catapora. Eu nem ia ao casamento, mas Catriona insistiu muito para que eu fosse. A pior fase da doença já tinha passado na ocasião, e ela disse que cuidaria deles. Mas agora...

– Mas, o quê?

Agora ela desejava que nunca tivesse ido. Se tivesse ficado em casa, não teria cruzado o caminho de Mustafa e precisado ser resgatada. Não teria precisado de uma escolta para casa, e esse pesadelo não estaria acontecendo agora.

Respirou fundo. *Estava* acontecendo e, de alguma maneira, tinha de lidar com aquilo. Uma maneira que não envolvesse deixá-lo tomar todas as decisões.

Uma que talvez envolvesse pagar para ver se ele estava blefando.

– Somente que agora nada. – Marina o encarou, animada com sua nova resolução. Havia um risco, é claro, de que perdesse tudo com essa tática, mas sentia que sempre haveria um risco no que dizia respeito a Bahir. Era melhor o risco que ela aceitasse do que um que ele lhe impusesse.

– Mas eu lhe digo uma coisa, Bahir. Nós somos uma família... Chakir, Hana e eu... e eu não deixarei Hana novamente tão cedo. Não farei isso com minha filha. Ou ela vai, ou nenhum de nós vai. E, se você não gosta disso, pode esquecer seu plano de viajar com Chakir para qualquer lugar e pode me levar à Corte. E não espere que isso seja fácil, porque eu lutarei contra você cada passo do caminho.

– E você pode contar à imprensa quantas histórias sórdidas quiser, e veremos quem acaba com a custódia quando eles descobrirem que você não tem nada; que não passa de um jogador, sem lar e sem uma vida fora do cassino. Quem, em seu juízo perfeito, daria a custódia de uma criança para um homem assim? Que tipo de pai ele poderia ser? – continuava

– Então, leve-me à Corte, se é o que precisa fazer, e eu arcarei com as consequências, mas não pense que pode tomar decisões no que diz respeito à *minha* família e esperar que eu as aceite cegamente!

NO FINAL, todos eles foram, até mesmo Catriona, que se oferecera para acompanhá-los, uma oferta que Marina ficou feliz em aceitar. E não apenas para ter alguém que ajudasse a cuidar das crianças, mas para ter alguém que podia fazer o papel de dama de companhia e ser a voz da sabedoria, caso a presença constante de Bahir tornasse os pensamentos de Marina mais carnisais... ou, pior ainda, a fizesse pensar na possibilidade de Bahir se encaixar na sua pequena família em bases mais permanentes.

Bahir suspirou enquanto punha a última sacola no porta-malas e ela lhe deu um cesto com lanches para as crianças.

– O que você falou para o garoto? – perguntou ele.

– Eu disse às crianças que nós íamos sair de férias. O que esperava que eu dissesse?

– Você não contou a ele... quem eu sou?

– Acho que é um pouco cedo para isso, não acha? Talvez você devesse tentar conhecê-lo um pouco, antes.

Ela se afastou quando Catriona e as crianças chegaram, e Bahir observou a mulher mais velha prender as crianças em suas cadeirinhas de carro antes de subir junto com eles no banco de trás. A notícia de que Catriona os acompanharia o pegara de surpresa, mas agora ele estava contente por isso. Ela poderia cuidar da menina.

– Aonde nós vamos? – perguntou o garoto quando Bahir entrou atrás do volante do grande veículo quatro por quatro.

– Jaqbar – disse ele, olhando para a criança pelo espelho retrovisor, notando pela primeira vez as marcas quase desaparecendo na pele cor de oliva dele. A garotinha também tinha as mesmas marcas. Se ele tivesse notado antes, provavelmente teria assumido que eram picadas de mosquitos. Então Marina falara a verdade sobre a catapora das crianças? Bahir não soubera se acreditava ou se ela estivera tentando passar a imagem de “boa mãe”.

– É longe? – perguntou o menino.

– Nós chegaremos lá na hora do jantar – respondeu a mãe.

– Tanto tempo assim?

– Não esqueça – acrescentou ela – que há um passeio de avião, primeiro.

– Eu gosto de aviões – disse Chakir quando o carro começou a descer a montanha. – Gosto quando ele decola. Whoosh! – E uma pequena mão decolou no ar.

Ao lado dele, a menina riu, tirando o dedo da boca para fazer seu próprio avião com a mão.

– Whooth! – E ela caiu na gargalhada de novo.

Bahir sentiu o olhar lateral de Marina e imaginou que ela estava se perguntando quanto tempo ele aguentaria tudo aquilo. Ele apenas sorriu. A garotinha lhe era indiferente, verdade, mas estava determinado a provar para Marina que podia ser um bom pai para seu próprio filho. Podia ser um jogador, mas era um jogador profissional, que ganhara milhões de seu trabalho. Por que isso deveria fazer dele um pai ruim? Testemunhara os

argumentos dela esfarelado sob o peso da culpa... testemunhara a quase derrota de Marina... e a tivera na palma de sua mão.

Mas, então, ele lhe dissera que a menina não estava convidada, e Marina tinha se transformado num tipo de leoa defendendo seu filhote, disposta a qualquer coisa para isso. E por quê? Por que a garota era tão especial? Porque o pai tinha sido especial para ela? Era ele o dono daquela casa?

Bahir gemeu com o pensamento de outro homem fazendo amor com Marina, enquanto seu filho era esquecido em seu berço por perto.

E pensar que ela um dia lhe declarara amor eterno!

Eles aterrissaram no calor de Souza, a capital de Jaqbar, um pouco antes das 6h da tarde.

– Nós passaremos a noite aqui – disse Bahir quando eles chegaram num resort privado, o ar refrescado por uma centena de fontes espirrando. – Amanhã viajaremos para o deserto; então, vocês podem querer aproveitar a piscina. Não há muita água no lugar para onde vamos.

– Para onde vamos? – perguntou Chakir, com curiosidade infantil. – Você não vem nadar também?

– Chakir – ralhou Marina. – Não é educado fazer tantas perguntas.

Pelo contrário, ele gostava que o garotinho fosse ousado e não tivesse medo de lhe fazer perguntas.

– Está tudo bem – disse Bahir, pondo uma mão na cabeça do menino... na cabeça de seu *filho*... apenas para ser assolado por uma memória há muito tempo enterrada, de seu pai fazendo o mesmo com ele. As longas túnicas de seu pai haviam dançado com o vento do deserto, o rosto curtido pelo sol, os olhos transbordando amor. E, por um momento, ele ficou sem fala. Piscou, afastando as lembranças, vendo os olhos escuros de seu filho o estudando intensamente.

Bahir sorriu.

– Eu preciso organizar algumas coisas para amanhã cedo, para garantir que nossas férias acampando sejam as melhores possíveis. Talvez mais tarde eu volte a tempo de nadar um pouco.

– Nós vamos acampar de verdade?

– Isso mesmo. Como eu acampava quando era criança. – Embora as tendas que ele adquirira fossem muito diferentes das tendas baixas básicas de sua infância. Não ouviria Marina dizendo que ele não tinha condições de sustentar o filho. Olhou para ela agora e a viu o observando

silenciosamente, com o que parecia medo nos olhos. – Nós queremos que estas férias sejam perfeitas, não queremos?

CAPÍTULO SETE

ELLES ESTAVAM todos na parte rasa da piscina quando ele retornou, as crianças espirrando água e brincando, as mulheres por perto, prontas para ajudar se uma das crianças escorregasse.

Ele olhou para seu filho por um momento, mas seus olhos logo foram atraídos para Marina. Ela estava num maiô inteiro vermelho que mostrava membros longos e dourados em todo seu esplendor, os cabelos pretos presos num rabo de cavalo que lhe caía nas costas como uma corda pesada de seda.

O pedaço de lycra podia ser mais do que ela usara duas noites atrás, quando se deitara nua em sua cama, mas, de alguma maneira, parecia menos, pois acentuava cada curva gloriosa, e tudo que ele sabia estar por baixo, de modo que suas mãos coçavam de vontade de tocá-la, e seu corpo enrijecia em resposta.

Ela escolheu aquele momento para erguer a cabeça, e os olhos deles se conectaram, o ar se tornando carregado com expectativa. Expectativa do quê? Tinha sido Marina quem o abandonara na outra noite, que desistira do que eles haviam começado, porque ele implicara que ela era irresponsável.

Certo, então um dos filhos ilegítimos de Marina era seu, e ele podia ter alguma responsabilidade por Chakir. Mas engravidar novamente de outro, logo depois de dar a luz ao filho dele? Ela não aprendera nada?

Era por isso que Marina o olhara daquele jeito então, com uma expressão ardente que prometia prazeres carnavais inacreditáveis? Porque simplesmente

não conseguia evitar? Porque olhava assim para todos os homens?

Ele praguejou baixinho. Ela não tinha direito de olhá-lo daquele modo! Bahir apertou a toalha nas mãos e a jogou na espreguiçadeira mais próxima, antes de andar para a parte funda da piscina. No momento, precisava se refrescar na água fria, e isso não tinha nada a ver com a temperatura.

– Bahir! – ele ouviu seu filho chamar assim que seu corpo tocou a água. E continuou nadando.

MARINA ESTAVA sentada na beira da piscina com seu filho, esperando Bahir terminar com suas braçadas aparentemente infinitas. Mas ela não se importava com quanto tempo aquilo levaria. Primeiro, o fato de ele estar nadando tinha lhe dado a chance de se cobrir com um sarongue. Alguma coisa sobre o jeito que ele olhara para seu corpo lhe disse que ela necessitava de proteção contra aquele olhar voraz. Segundo, a atividade de Bahir lhe proporcionara tempo para respirar.

E Marina necessitava de tempo para lembrar como respirar.

Pois a visão dele somente naquele calção de banho lhe tirara o fôlego. Felizmente, Bahir tinha mergulhado na piscina, ou ela ainda o estaria olhando... *desejando...*

A água na outra ponta da piscina se agitou quando os braços poderosos de Bahir se aproximaram da borda. Então ele parou e subiu à superfície, enquanto o filho deles pulava na outra extremidade da piscina.

– Você nada tão rápido – disse o garotinho, e o tom de alguém adorando um herói na voz dele quase partiu o coração de Marina. Chakir não tinha heróis, percebeu ela, nenhum modelo masculino próximo o bastante para causar um impacto. Ela mordiscou o lábio, sentindo-se culpada.

Bahir saiu da piscina com facilidade, e Marina teve de se esforçar para desviar o olhar e não encará-lo com fascínio.

– Aposto que você pode nadar mais rápido – ele falou para o menino, pegando a toalha e enxugando o rosto. – Apostamos uma corrida agora, se você quiser.

A expressão de Chakir se tornou triste. Ele balançou a cabeça.

– Eu... não sei nadar.

– Por que não? – A pergunta, dirigida à criança, foi feita em tom gentil, diferentemente do olhar direcionado à mãe.

Marina pegou a mão de seu filho.

– Chakir passou a ter medo de água quando estava com dois anos. Achei que seria melhor esperar até que ele estivesse pronto, antes de submetê-lo a mais aulas de natação.

Bahir se ajoelhou e ficou no mesmo nível dos olhos do filho.

– Verdade? – Ele olhou para a piscina convidativa atrás de si. – Que tal se eu lhe der uma aula agora? Antes que você se dê conta estará me vencendo numa corrida.

Os olhos de Chakir se arregalaram, e Marina pôde ver um misto de excitação e medo ali.

– Você me ensinaria?

– É claro – replicou Bahir –, mas só se você achar que está pronto.

Chakir olhou incerto para a mãe.

– Talvez na parte rasa da piscina – sugeriu ela, tentando encorajar.

– Mas mamãe, não dá para nadar no rasiho – disse ele. – Todo mundo sabe disso.

Ela quis sorrir ao ver como seu garotinho estava sendo corajoso.

– Não se preocupe – murmurou Bahir, já conduzindo o menino para a parte mais funda da piscina. – Eu cuidarei bem dele.

Marina os observou nervosamente. Como ele saberia cuidar de uma criança? Não sabia nada sobre crianças. Mas então, enquanto assistia a Bahir ensinar Chakir a segurar na borda da piscina e bater as perninhas, a lhe mostrar como podia relaxar e boiar sobre as costas para ganhar confiança na água, reconheceu, relutantemente, que ele estava cuidando bem do filho. Quando Bahir conseguiu que ele pusesse o rosto embaixo da água, sem forçá-lo, ela soube disso. No fim da aula, seu filho conseguiu até mesmo dar algumas braçadas, enquanto Bahir apoiava o corpinho dele na água.

Ao assistir pai e filho trabalhando juntos, Marina foi tomada por culpa pelo fato de tê-los mantido separados durante todos aqueles anos. Entretanto, havia mais do que sentimento de culpa, alguma coisa frágil que florescia em seu interior. Algo precioso que ela não queria nomear, apenas sentir.

– Você me viu, mamãe? – Chakir perguntou orgulhosamente, depois que a aula acabou, correndo para a mãe, enrolado em sua toalha felpuda, os olhinhos brilhando de excitação. – Eu estava nadando!

– Eu vi, meu amor – disse ela, envolvendo-o nos braços. – Estou tão orgulhosa de você!

– Eu terei outra aula amanhã, antes de irmos embora.

Marina meneou a cabeça.

– Tem certeza que ele disse isso? Eu não sei se vai dar tempo.

– Eu farei com que dê tempo – anunciou Bahir, aproximando-se.

Novamente, ele estava diante dela, apenas num calção de banho, e dessa vez, molhado. Marina engoliu em seco, tentando não notar os pelos do peito colados à pele, formando padrões. Tentou, e fracassou, não notar a trilha única que descia, circulando o umbigo, antes de desaparecer dentro do calção preto.

– Sem problemas – acrescentou Bahir.

Ela olhou para cima, o rosto queimando, sabendo que o problema estava em tentar pensar claramente enquanto confrontada com tamanha perfeição masculina.

– Obrigada – murmurou ela, levantando-se quando Chakir correu para avisar a irmã que Catriona estava recolhendo os brinquedos deles. – Isso foi bondade sua.

Ele deu de ombros.

– O menino deveria saber nadar.

– Mas como você conseguiu ensiná-lo? Nunca teve nada a ver com crianças.

– Meu pai me ensinou a nadar. – E então, antes que ela pudesse explorar mais essa revelação, Bahir perguntou: – O que aconteceu com Chakir? Por que ele tinha tanto medo?

Marina observou seu filho, agora ensinando Hana a nadar, os bracinhos gesticulando no ar, e se perguntou como Bahir conseguira fazer tanta diferença em seu filho numa única aula.

– Ele estava começando a ganhar confiança quando um menino... um valentão da região... pulou na piscina enquanto Chakir estava com o rosto debaixo d'água. Acho que ele só pretendia assustá-lo, mas Chakir se moveu, e o garoto caiu sobre as costas dele, empurrando-o para o fundo da piscina. Ele poderia ter se afogado.

Ela tremeu, lembrando-se daquele dia, lembrando-se do pânico ao ver quando o professor de natação tirara seu filho desmaiado da água e bombeara o pequeno peito, até que ele tossisse e cuspsse muita água.

Marina o sentiu ficar tenso ao seu lado, e se virou para estudar os olhos frios e escuros.

– E, então, eu nunca teria conhecido meu filho.

– Não – replicou ela, percebendo que tinha acabado de marcar outro ponto contra si mesma... mas o que era mais um em sua longa lista de transgressões? – Suponho que não. E agora, se você me der licença, eu vou ajudar Catriona com as crianças. Aparentemente, o dia começará cedo, amanhã.

Bahir a observou ir, notando o rabo de cavalo balançar com cada passo, notando o meneio sensual dos quadris sob o sarongue que ela pusera ao seu redor como uma armadura. Seria preciso mais do que isso para impedi-lo de imaginá-la nua. Ele detestou a si mesmo pela necessidade de observá-la.

Marina devia ser uma feiticeira, para que ele às vezes a odiasse com cada fibra de seu ser, enquanto, ao mesmo tempo, a desejava com desespero.

Ela só podia ser uma feiticeira.

ELES PEGARAM a estrada cedo, mas não tão cedo que Chakir não pudesse ter outra aula de natação antes que partissem. Ele estava todo orgulhoso enquanto o veículo quatro por quatro percorria as terras desertas, alardeando que logo seria rápido o bastante para vencer Bahir.

Mas não demorou muito antes que as duas crianças estivessem dormindo no banco de trás, Catriona cochilando no meio.

– Você lidou bem com isso – comentou Marina, sentada ao lado de Bahir, no banco da frente.

– Lidei bem com o quê? – perguntou ele.

– Chakir e a ambição infantil de ganhar de você.

Ele deu de ombros, os olhos fixos na estrada à frente.

– É bom ser ambicioso.

– Eu estou apenas surpresa. Que você tenha feito isso de maneira tão afável.

– Ele é uma criança com a noção infantil de que nada é impossível e de que tudo é alcançável, até mesmo as estrelas. Eu não tenho dúvidas de que fui muito parecido. Um dia.

Marina franziu a testa, interessada.

– Somente um dia? Você não pensa mais assim?

– Vamos dizer que eu aprendi, do modo duro, que há certas coisas que o universo não lhe dará, por mais que você as deseje.

– Que tipo de coisas?

Bahir sorriu então.

– E você se preocupa que o nosso filho faz muitas perguntas.

– Desculpe – murmurou ela, ficando em silêncio, mas não apenas por causa da crítica gentil. Foi o uso da expressão “nosso filho” que a fez perder a voz.

Não “o garoto” ou “meu filho”, mas “nosso filho”.

E Marina se surpreendeu por gostar do som daquilo na boca de Bahir, um som que acendia uma vela de esperança em seu interior, de que aquilo não precisava acabar tão mal... que eles não precisariam enfrentar uma batalha pela custódia, mas poderiam conseguir algum tipo de acordo, pelo bem do filho deles.

– Ele gosta de você – disse ela, pensando em voz alta. – Especialmente depois das aulas de natação. Acho que você o conquistou.

– Ótimo. Eu também gosto dele. – Bahir virou a cabeça para fitá-la e dessa vez, os olhos dele estavam preenchidos com o que parecia respeito. – Você fez um bom trabalho com Chakir. Ele é um ótimo garoto.

Aquela chama oscilante de esperança no interior de Marina brilhou um pouco mais. Aquilo não duraria, ela sabia. Mais cedo ou mais tarde, ela faria ou diria alguma coisa que o lembraria de seus pecados, e as paredes de hostilidade voltariam a se erguer entre eles. Mas, no momento, era bom não estar em guerra.

Eles pararam para um piquenique num pequeno oásis, onde havia uma espécie de poço e algumas palmeiras sombreando um abrigo decadente feito de tijolo e barro.

– Que calor – exclamou Chakir ao descer do carro com ar-condicionado para o ar abafado do deserto. Então começou a correr atrás da irmã em volta do poço, até que o piquenique estivesse pronto, esquecendo completamente o calor.

– Alguém morou aqui um dia? – perguntou ele quando se sentou sobre a toalha de piquenique, arfando, mas pronto para comer. – Apontou para o barracão decadente. – Naquele prédio?

– Não – respondeu Bahir. – Pelo menos, não o tempo inteiro. – É um abrigo para pastores de ovelhas e outros viajantes de passagem. Um lugar

para proteger estas pessoas nas noites mais frias ou para abrigá-las quando ocorrem tempestades de areia e o céu fica preto no meio do dia.

Chakir arregalou os olhos.

– Você já viu uma tempestade de areia?

– Sim. Quando eu era criança. A areia bloqueou o sol, e ficou tão escuro que eu não podia ver minha mão diante do meu rosto.

– Você veio para cá de férias, também?

– Não, eu cresci aqui. Ou não muito longe daqui.

Chakir olhou ao redor.

– Como alguém pode morar aqui? No deserto?

Seu pai sorriu.

– Quando nós chegarmos ao acampamento, eu lhe mostrarei.

– Vai mostrar para mim também? – perguntou Hana, fascinada, e claramente determinada a não ficar de fora. – Por favor.

Marina viu a expressão de Bahir se fechar.

– Eu também gostaria muito de saber – murmurou ela. – Nós duas queremos, não é, Hana?

Desta vez, Bahir não teve escolha, senão assentir.

– É claro.

– Por que você faz isso? – perguntou Marina mais tarde, enquanto eles guardavam as coisas do piquenique no porta-malas do carro. – Por que responde as perguntas de Chakir com tantos detalhes e mal responde quando Hana pergunta alguma coisa?

– Eu faço isso?

– Você sabe que sim! Eu estou ciente de que Chakir é o motivo de estarmos aqui, mas não há necessidade de tratar Hana como se ela não existisse.

– Eu não sei do que você está falando.

– Estou falando do jeito que você tenta ignorá-la.

– Eu lhe disse para não trazer a menina.

– E eu lhe disse que éramos todos nós ou ninguém.

– Bem, você conseguiu o que queria, então. Ela está aqui, não está?

– Então não a trate como se ela não estivesse. Hana é irmã de Chakir, goste você disso ou não.

– Talvez eu não goste. – Ele subiu no assento de motorista e bateu a porta.

Marina o detestou naquele momento, com todas as fibras de seu ser. Não que ele se importasse. Bahir não queria nada dela, exceto o filho deles. E agora ela estava quase arrependida de ter ido. A satisfação de ver pai e filho juntos começava a desaparecer, pois, em vez de isso preencher um espaço em sua família e oferecer uma figura paterna para Chakir, o jeito que ele estava agindo poderia criar um abismo entre seus dois filhos.

Aquilo era tão injusto. Hana já sofrera tanto em sua vida curta. Ela também merecia felicidade.

E, porque queria compensar a garotinha pela indiferença de Bahir, Marina pegou a filha, que corria para o carro atrás do irmão, e a ergueu nos braços, girando-a no ar.

– Eu amo você, Hana Banana – disse ela, usando o apelido carinhoso. – Nunca se esqueça disso, certo?

A menina segurou o queixo da mãe em suas mãozinhas, fitando-a com olhos pretos solenes.

– Eu também amo você, mamãe. – Então ela riu e se contorceu para ser liberada.

Muito tocante, pensou Bahir, incapaz de evitar assistir à performance pelo seu espelho lateral, sabendo que o show era para ele, sabendo que era tudo tão falso.

Pois o que Marina sabia sobre amor? Ela era volúvel e mutável como o vento do deserto, mudando de direção e soprando de um homem para o próximo sem pensar duas vezes.

Não, ela não sabia nada sobre amor.

A menina provava isso.

UM REBANHO de cabritos se espalhou quando o carro subiu uma elevação, saltando e fugindo em velocidade para todas as direções, encantando Chakir e Hana. Abaixo deles, estava o local de acampamento, uma coleção de tendas imensas ao redor de um oásis de aparência mais convidativa.

– Uau! É aqui que você mora? – perguntou Chakir do banco de trás.

– Não – respondeu Bahir. – Nós mudávamos muito quando eu era criança, mas aqui não é longe de um dos lugares que acampávamos. – Ele não iria para aquele lugar, agora apenas uma extensão vazia de deserto. Mas uma extensão que continha muitas memórias e onde o vento fúnebre carregava os choros de muitas almas perdidas.

– Sua família está lá? – perguntou Marina, uma emoção repentina na voz. Quando ele virou a cabeça, viu que ela agarrava um pendente junto ao pescoço e revelava medo nos olhos. Estaria preocupada que eles reconhecessem a semelhança familiar e declarassem o óbvio antes que ela estivesse pronta para contar a verdade a Chakir sobre o pai do garoto? Ou temia que eles sequestrassem Chakir e o mantivessem lá para sempre?

Qualquer que fosse o caso, ela não tinha motivo para preocupação. As únicas pessoas no acampamento eram aquelas que seu velho amigo Ahab organizara para ajudar com a visita deles, levadas para lá de uma das tribos que ainda conseguia levar um estilo de vida simples beduíno, apesar do mundo moderno.

O estilo de vida simples beduíno, Bahir lembrou a si mesmo, para o qual ele dera as costas.

– Não. Eles... não estão aqui. – Ele a viu relaxando contra o assento e lhe observou o perfil: os cílios escuros e longos, a boca pecadoramente sensual. Perguntou-se por que Marina tinha de ser tão linda que às vezes olhar para ela lhe causava dor física.

Bahir desviou o olhar, não querendo responder a própria pergunta.

O acampamento se tornou mais agitado conforme eles se aproximavam. Não agitado como Nova York ou Monte Carlo, mas agitado no estilo beduíno, onde cada movimento tinha um propósito e era quase poético. Figuras em túnicas balançavam ritmicamente ao longo da areia, reunindo-se num ponto onde o carro deles parou, um homem muito velho na liderança.

Ahab, Bahir percebeu com surpresa ao parar o veículo. Ele não era alto e ereto como costumava ser, mas curvado e frágil, o rosto enrugado pela idade, os cabelos mais brancos do que as areias, o que fez Bahir questionar por quanto tempo ficara longe dali. Muitos anos, pensou. Anos que não conheciam números.

– Ahab – disse ele, saindo do carro para respirar o ar do deserto. Ar que lhe trouxe inúmeras lembranças um momento antes que ele abraçasse seu velho amigo. – É bom ver você.

– Você veio, Bahir. – Lágrimas escorriam dos olhos do velho homem. – Você veio para casa, finalmente.

Uma emoção desconfortável o envolveu, fazendo-o se sentir vulnerável. Ele tentou reprimi-la, mas não conseguiu. Quando piscou e disse a si mesmo para ignorar a sensação, Marina e Catriona tinham descido do carro

com as crianças, e Ahab estava sorrindo para todos através de olhos marejados.

– Bem-vindos – murmurou ele, depois que Bahir apresentou o pequeno grupo, seu olhar se demorando em Chakir um momento mais longo do que o necessário, informando Bahir que o velho homem reconhecera o que ele tinha tentado negar. – Há uma festa sendo preparada em honra à sua visita, mas antes eu lhes mostrarei suas tendas e depois nos sentaremos e tomaremos chá.

Hana e Chakir gritaram em deleite quando viram a tenda que ocupariam. Suas camas baixas eram cobertas com almofadas de todas as cores imagináveis. O chão estava alinhado com tapetes, sobre os quais havia um acampamento de brinquedo, completo com tendas, camelos e bonecos.

Marina ficou tentada a dar seu próprio grito quando viu seu quarto, decorado com panôs de seda e tapetes macios, com abajures de bronze sobre mesinhas laterais entalhadas em madeira. E a cama? Era a fantasia de qualquer garotinha, mas numa versão adulta... decorada com tecidos suntuosos em cores ricas, ousadas e lindas, e cercada por cortinas finas. Uma cama adequada para um harém. E tão enorme para uma única pessoa.

Ela pensou em como seria acordar numa cama como aquela, numa tenda beduína, no meio do deserto, nos braços de um amante beduíno, depois de um ato de amor explosivo, e com a promessa de mais por vir.

A cama seria mais bem aproveitada então.

Seus dois filhos entraram, querendo ver o quarto dela. Chakir deu um gritinho entusiasmado ao ver a cama, e atravessou o cômodo para mergulhar entre uma abertura nas cortinas, com Hana o seguindo alegremente.

Marina riu e subiu na cama com os filhos, fazendo-lhes cócegas até que as lágrimas escorressem de seus olhinhos e eles lhe suplicassem para parar. Então ela abraçou uma criança de cada lado, enquanto os três permaneciam, ofegantes, na grande cama cortinada.

Não, pensou ela, beijando a cabeça de cada um de seus filhos. Uma cama tão grande não era um desperdício.

Eles tiveram tempo para conhecer a área do acampamento antes da hora da festa de boas-vindas, e Hana e Chakir correram de uma tenda para a outra, um bando de crianças os acompanhando e aceitando-os em seu grupo.

Mas foram os animais que mais os fascinaram: os camelos e cavalos que a tribo usava agora por diversão, não mais como meio de transporte, e um rebanho de cabras, com seus filhotes. Hana estava tão fascinada pelos filhotes que foi quase impossível afastá-la de lá.

Logo depois, Ahab lhes deu as boas-vindas à cerimônia do chá, a entrega de cada xícara para os hóspedes, uma oferta de amizade. Ahab ofereceu uma honra especial para as crianças, solenemente colocando um colar com um pendente de um olho estilizado sobre a cabeça de cada criança.

– O que é isto? – ela perguntou para Bahir.

– Um amuleto. Para espantar o mau-olhado e mantê-los seguros. – Mas ele não acreditava naquilo. Nada podia manter uma criança segura se o destino escolhesse levá-la.

Todavia, ambas as crianças aceitaram o presente com a solenidade que a cerimônia pedia. Então, a parte formal da cerimônia acabou, e as crianças da tribo logo atraíram Chakir e Hana para suas brincadeiras.

Quando a tarde se transformou em noite, eles se moveram para um círculo de cadeiras sob o céu escurecido, onde uma fogueira já queimava e três músicos tocavam seus instrumentos de corda e suas baterias. Ali, eles comeram carne e legumes na brasa, seguidos por doces com aroma de rosas e café forte.

Era uma noite perfeita, pensou Marina, observando as crianças brincarem e fazerem novos amigos, enquanto o ar cheirava à fumaça de madeira e a música parecia se expandir para completar a paisagem.

Ela observou Bahir conversando com Ahab e se perguntou sobre aquele lugar para onde Bahir os levaria. Por que a família dele não estava lá para recebê-lo, quando outros, como Ahab, tinham lhe dado abertamente as boas-vindas de volta ao lar?

Por que ele nunca falara sobre seu passado?

Hana subitamente subiu no seu colo, desistindo de brincar, ofegando e lutando para manter os olhos abertos.

Marina aconchegou sua filha no colo, acariciando-lhe os cabelos.

– Está cansada, Hana Banana? Você quer ir para cama?

– Não – disse a menina enfaticamente, esfregando um olho com o pulso. – Não cansada.

– Eu sei – concordou Marina, sorrindo, embalando-a nos braços, sabendo o momento exato em que Hana adormeceu, a pequena cabeça tombando

para trás. Ela se inclinou e beijou o rosto de Hana, pensando na mãe da garotinha e desejando que ela pudesse estar lá, uma lágrima escorrendo por seu rosto.

Mãe e filha, pensou Bahir, ouvindo o que Ahab falava, mas prestando atenção em Marina com a criança adormecida no colo. Como uma mulher podia parecer tão sexy aninhando uma criança que nem mesmo era dele? Mas de alguma maneira, Marina conseguia. Ela ainda tinha o poder de deixá-lo em chamas.

Observou-a se levantar graciosamente com a criança nos braços, enquanto Catriona ia buscar um cansado Chakir.

– Você não está indo embora tão cedo? – perguntou Ahab para Marina.

– São as crianças – respondeu ela. – Elas tiveram um longo dia.

– Eu ficarei com elas – disse Catriona. – Você volta para a festa.

Bahir se levantou. Ela parecia tão frágil, segurando a criança relaxada demais em seu sono.

– Posso ajudar? – ofereceu ele, não sabendo bem o que isso envolveria.

Marina respondeu agarrando ainda mais a criança junto ao peito, como se não confiasse nele com a filha.

– Nós nos viramos, obrigada.

– Veremos você em breve? – perguntou Ahab.

Mas foi para Bahir que ela dirigiu seu olhar. Bahir que sentiu a incerteza de Marina, o medo e alguma coisa como tentação.

– Talvez.

– Princesa Marina é uma boa mãe – comentou Ahab quando o pequeno grupo seguiu em direção à tenda deles. – Os filhos são uma honra para ela.

E, por mais que Bahir se ressentisse da presença da garotinha e do que aquilo significava, não foi capaz de discordar.

– VOCÊ JÁ foi visitá-los? – questionou o homem mais velho um pouco depois, quando se levantou para atizar o fogo, as notas do *oud* de cordas como um poema na brisa.

A pergunta de Ahab o pegou de surpresa. Bahir não precisava perguntar a quem ele se referia, mas estivera atento aos sons, a fim de ouvir se Marina retornaria, e não estava pensando sobre *eles*. Mas estava em Jaqbar, não estava? Aquilo não era suficiente para eles? Não era como se Bahir pudesse mudar alguma coisa.

– Adiantaria alguma coisa?

O velho homem assentiu.

– Você deve ir. Eles esperaram muito tempo por seu retorno.

Bahir não disse nada, sabendo que o homem mais velho estava certo, que se reconectar com sua terra natal significava encontrar sua família. Todavia, quanto mais perto ele chegara, mais desconfortável se sentira. Afinal de contas, o que poderia lhes dizer? Que ele também podia ter perdido a vida com as deles por todo o bem que fizera no mundo? Que tinha desperdiçado anos de sua vida em mesas de jogos?

Bahir apenas pôs uma das mãos no ombro magro de Ahab, esperando que o velho homem entendesse, quando Marina retornou com um aroma que complementava o ar puro do deserto e o tornava ainda mais doce.

Ela estava de volta. E ele se sentia aliviado, não apenas porque temera que ela não voltasse, mas porque Ahab agora tinha outra pessoa para quem dirigir suas perguntas, permitindo-lhe espaço para lidar com os demônios do passado.

E Bahir *lidaria* com eles, pensou, enquanto Ahab questionava Marina sobre as crianças, e ele desligava, sentindo um nó se formar em sua garganta com o pensamento. E, é claro, em algum momento, iria visitá-los.

Devia-lhes isso.

Mas somente quando estivesse pronto.

ERA TARDE. Os músicos tinham ido embora, e Ahab e os outros haviam se retirado, o fogo agora apenas uma cama de brasas. Marina sabia que deveria ir dormir, mas a lua era uma bola dourada no céu, transformando o deserto num mundo à parte, e o ar estava carregado com expectativa. Expectativa do quê, ela não sabia, exceto que nenhum dos dois parecia capaz de se recolher e quebrar essa frágil magia que existia entre eles.

E ocorreu a Marina que, durante todo o tempo de namoro, eles nunca haviam feito uma coisa tão simples. Tinham passado tempo em cassinos e salões de bailes, e feito amor em quartos e banheiros de alguns dos hotéis mais sofisticados do mundo, mas nunca apreciaram o simples prazer de assistir a uma fogueira sob uma lua radiante, no deserto.

Ele estava tão lindo naquela luz, pensou, roubando um olhar enquanto Bahir mirava o fogo. Com um rosto tão misterioso.

Um rosto que ainda podia aquecer seu sangue com um único olhar, tão masculinamente lindo que ela teve de desviar os olhos. Ergueu o rosto para a lua, querendo absorver a serenidade daquele momento e guardá-la junto ao coração para sempre, perguntando-se por que um momento como esse acontecia entre eles agora, quando já era tarde demais.

E era tarde demais, pois eles tinham tido sua época, e fora incrível, com ambos voando acima do mundo de meros mortais, o sexo sublime, a paixão inimaginável.

Marina fechou os olhos. Aquilo fazia tanto tempo. E agora, por alguma razão, o destino os unira novamente, e eles precisavam encontrar uma maneira de seguir em frente.

Porque agora compartilhavam um filho.

O querido Chakir, que virara sua vida de ponta-cabeça e a fizera perceber que havia mais na vida do que festas e evitar responsabilidades, pois como você podia evitar responsabilidade quando era mãe? Você não tinha escolha, exceto crescer.

O luar banhava seu rosto suavemente. Ela logo iria dormir. Nem pretendia voltar, mas Catriona lhe dissera que ela era muito jovem para dormir tão cedo, e houvera alguma coisa nos olhos de Bahir... um convite, uma súplica?... que a atraía.

E não houvera nada a temer. Nada acontecera além de eles terem descoberto que podiam ficar sentados em silêncio ao redor de uma fogueira, ouvindo os sons do deserto, enquanto experimentavam uma consciência deliciosa com cada respiração.

Havia alguma coisa a respeito dessa mulher, pensou Bahir, observando-a virar o rosto para a lua e fechar os olhos... alguma coisa elementar que ele nunca vira antes, até aquela noite de tempestade no terraço, quando ela dançara ao ser molhada pelo estouro de uma onda do mar.

Algo que o fizera se perguntar se algum dia a conheceria verdadeiramente.

Sempre pensara em Marina como uma garota festeira, louca e devassa... e ela *havia sido* na época... porém, havia mais nela do que isso. Ela possuía uma profundidade que ele nunca imaginara. Um instinto ferozmente protetor com os filhos... um deles, filho seu também.

Marina era mãe do filho dele.

Entretanto, mesmo que pudesse ver tais qualidades, as eternas questões ainda o consumiam. Por que ela se envolvera com outro homem tão depressa? Como podia ter esquecido o que eles haviam compartilhado? Por raiva dele? Ou por que nunca o amara?

Bahir olhou para o lindo perfil dela, e teve de se perguntar... por que ele a deixara? Por que a deixara ir para os braços de outro homem e para a cama de outro homem?

Marina suspirou e se virou para ele, rapidamente demais para que Bahir pudesse desviar o olhar e fingir que não a estava observando.

– É lindo – murmurou ela, após um momento de hesitação. – O luar, quero dizer.

– Sim – concordou ele, incapaz de tirar os olhos dela, sabendo onde estava a verdadeira beleza daquela noite.

Em algum lugar do deserto, uma coruja piou. O fogo estalou, enviando faíscas no ar, e a lua continuava enorme e baixa no céu, repleta de expectativa.

Ele poderia beijá-la agora sob aquele luar. A atmosfera era perfeita. O deserto inteiro parecia esperar por isso.

Bahir não tinha direito de fazer o deserto esperar.

Marina o observou se aproximar, até que podia sentir calor emanando do corpo másculo. O hálito de Bahir era quente no seu rosto, os olhos escuros estavam fixos em sua boca, e ela soube que ele ia beijá-la... e sabia que havia uma centena de razões para não permitir isso.

Mas, por Deus, com seus sentidos à flor da pele, não conseguia se lembrar de uma única...

CAPÍTULO OITO

OS LÁBIOS dele tinham gosto de café e promessas, e o sabor inconfundível do desejo.

– Isso não vai dar certo – murmurou Marina, apesar da promessa no beijo, algum fiapo de lógica se infiltrando na nuvem de desejo, dizendo-lhe que ela já vivera aquilo antes e que não acabara bem.

Bahir a silenciou com sua boca hábil, e ela se deixou persuadir por um momento, entregando-se ao beijo com paixão.

O momento se estendeu e se estendeu. Mas ela pararia com aquilo, disse a si mesma, recordando-se de outra noite quando se entregara ao ato de amor de Bahir, quando cedera ao desejo, apenas para ser lembrada do que ele realmente pensava ao seu respeito. Pensou na raiva que sentira então, tentando reunir forças, quando tudo que sentia era uma necessidade pulsante entre as coxas.

– Vamos para a minha tenda – murmurou ele, a boca quente no pescoço dela, as mãos a moldando ao seu corpo poderoso, a língua lhe provocando a pele.

– Não – sussurrou ela, virando o rosto para longe da boca tentadora, desejando que tivesse sido mais forte desde o começo. – Eu não posso.

Mas ele não a liberou. Em vez disso, tocou-lhe um dos seios, roçando o bico rijo com o polegar, e ela gemeu dentro da boca de Bahir.

– Vamos acabar o que começamos, Marina.

Com a mão máscula fazendo mágica em seu seio e a boca ardente prometendo infinitos prazeres, as palavras dele soaram tão razoáveis, tão racionais que ela quase sucumbiu.

Mas Marina nunca quisera razão ou racionalidade de Bahir. Tudo que sempre quisera era o amor dele, em retorno ao seu. E, no final, tinha sido isso que destruíra o relacionamento deles.

Ela respirou fundo, reunindo todas as suas forças quando lhe segurou o rosto entre as mãos, uma lágrima escorrendo de seu olho ao ver os olhos de Bahir tão torturados quanto ela se sentia.

– Bahir, nosso tempo passou. Acabou. Isso não faz sentido.

Suas palavras foram recebidas com uma expressão de incredulidade, como se ele não pudesse entender aquilo. Marina sorriu.

– Você sabe que isso não faz sentido. – Ela viu a incredulidade dele se transformar em desacordo, depois em raiva. Esperou que pelo menos um pouco de compreensão se seguisse, quando Bahir subitamente se levantou, segurando a cabeça nas mãos como se esta estivesse prestes a explodir e ele precisasse manter as duas laterais unidas.

– O que você quer, Marina?

Ela ficou de pé e alisou sua túnica, enquanto pensava numa resposta para aquela pergunta.

– Eu quero que Chakir conheça o pai. Talvez que tenha um bom relacionamento com ele.

Chakir? Ele nem estivera pensando sobre o menino. E sim sobre uma mulher que podia virá-lo do avesso com um único olhar.

– E quanto a nós?

Ela piscou.

– Se possível, eu gostaria que nós fossemos amigos.

Amigos!

Ela o fitava com aqueles olhos de sereia, entretanto lhe dizia que queria que eles fossem amigos? Como poderiam ser apenas amigos?

Bahir olhou para a lua e quis gritar sua raiva, sua frustração, seu descontentamento. Mas, em vez disso, inalou o ar do deserto.

– Está tarde – disse ele. – Eu a acompanharei até sua tenda.

BAHIR DORMIU mal, uma noite com sonhos sem nexos, onde ele procurava algo que não podia ver e que continuava se mexendo e fugindo de seu

alcance.

É claro que se sentia frustrado, racionalizou na manhã seguinte, enquanto estava diante da pia, molhando sua cabeça com água fria. Duas vezes agora, Marina deixara seu corpo em chamas. Duas vezes agora, ela o deixara sem liberação.

Quando ela desenvolvera essa habilidade de dizer não? Ela, que um dia tinha sido tão ávida por sexo que não usava roupa de baixo, no caso de isso atrasar as coisas? Ela, que nunca lhe negara sexo durante todo tempo que eles haviam ficado juntos, que costumava ter tanta iniciativa quanto ele?

Ela achava que, depois de tudo aquilo, eles podiam ser apenas amigos? A quem Marina estava tentando enganar?

Não a ele. Talvez, tentasse enganar a si mesma.

– A bagagem já está nos veículos – disse Ahab, da porta da tenda. – Podemos ir assim que você estiver pronto, Bahir.

Ele se virou e agradeceu a seu velho amigo, já tentando se preparar para outro dia na companhia *dela*. Mas talvez um dia de passeios turísticos em Melted Gorge, mostrando ao seu filho as maravilhas da região pudesse distraí-lo. Talvez um dia tentando convencê-la de que ela estava se enganando o distraísse.

Bahir se olhou no espelho enquanto enxugava o rosto, tentando ignorar suas olheiras. Precisava de alguma distração.

Mas não era a distração que estava procurando quando viu Marina sentada no banco de trás com as crianças, e Catriona no banco frontal de passageiro. Interessante, pensou ele, sentindo-se, de alguma maneira, vingado. Então Marina estava determinada a manter distância? Talvez porque também não achasse que aquela história de amizade seria tão simples.

Eles partiram em um comboio pelas estradas do deserto, meia dúzia de veículos com metade dos membros da tribo os seguindo, uma atmosfera de férias os envolvendo enquanto viajavam para passar um dia nas montanhas.

Se Marina estava tentando se esconder dele, então que assim fosse. Bahir se concentrou na excitação de seu filho, respondendo as perguntas ansiosas dele sobre para onde eles estavam indo e o que veriam. Até mesmo conseguiu responder uma pergunta da menina, quando esta veio, sem precisar do incentivo de Marina, sorrindo quando viu, pelo espelho retrovisor, que ela notara.

Ele poderia fazer o jogo da amizade, se era isso que ela queria. Seria capaz de tolerar uma criança que ela fizera com outro homem, se isso o ajudasse a convencer Marina que uma mera amizade entre os dois não era, nem de perto, o bastante.

Continuaram viajando em direção às montanhas azuis imponentes diante deles. Passaram por um lago salgado, onde cegonhas levantaram voo numa nuvem branca e preta que momentaneamente bloqueou o sol da manhã. Passaram por uma raposa do deserto, que estava como uma sentinela no topo de uma duna de areia e que se afastou dali silenciosamente quando eles se aproximaram.

Ele adorava ver seu filho se deleitando com aquelas coisas. Era quase como ser um menino novamente, exceto que...

Não, isso não, pensou Bahir, sabendo que não suportaria se isso acontecesse com ele. Era tarde demais agora para desejar que nunca tivesse um filho, mas nunca desejaria que aquilo acontecesse com alguém, muito menos com um filho seu.

MARINA O observava do banco de trás, silenciosamente o aplaudindo quando ele explicou alguma coisa para Chakir, parabenizando-o quando ele reconheceu uma pergunta de Hana e respondeu. Hana tinha ouvido com toda a concentração de uma criança de dois anos. Marina, por outro lado, ouvira com um tipo de alegria, porque, pela primeira vez, não precisara interceder em nome de sua filha.

Pois Bahir havia respondido como se a pergunta tivesse vindo de Chakir. E por isso, ela estava grata, e mais do que um pouco impressionada. Para um homem que nunca quisera filhos, ele mostrava um interesse no filho que ela nunca imaginara possível. Para um homem que fizera questão de excluir Hana até agora, ele parecia pelo menos estar se esforçando para não ignorar a criança.

Bahir teria entendido seu apelo para que eles fossem amigos? Ela nunca deveria ter ficado com ele até tão tarde na noite anterior, envolvida da magia da noite no deserto. Não deveria ter permitido que ele a beijasse. Mas talvez suas súplicas tivessem rompido algum tipo de barreira.

Talvez eles pudessem ser amigos, afinal de contas.

O DESFILADEIRO estava escondido como um segredo, e os visitantes desembarcaram para seguir uma trilha que levava em direção a uma larga rachadura nas montanhas. O nível de excitação entre os visitantes era alto. Crianças e adultos estavam ansiosos para entrar no desfiladeiro... e não apenas para o piquenique que apreciariam depois... e não demorou para que Marina pudesse ver por quê. A trilha se estreitou enquanto eles progrediam, fazendo curvas através de pedras, as paredes de cada lado se tornando mais altas.

Conforme eles se moviam vale adentro, as cores das pedras foram mudando, de brancas para caramelo e outras nuances mais escuras, enquanto, em outros lugares, cores em tom púrpura e verde brilhavam das paredes.

– Uau – exclamou Chakir quando Bahir pediu que eles olhassem para dentro de um poço, onde todas as nuances de cor que já tinham visto pareciam se fundir em pura poesia.

Hana parou atrás do irmão e absorveu a vista, tentando entender aquilo tudo. Ela tirou os dedos da boca para revelar um sorriso amplo.

– Bonito – disse ela.

Marina viu os olhos de Bahir descansarem em Hana por um momento, antes que ele os voltasse para ela, arqueando uma sobrancelha, como se esperando por sua reação, e Marina teve de reprimir o pensamento de que ele os levara lá somente por causa dela, e de mais ninguém. Ela sorriu.

– É incrível.

Mas foi o sorriso que ele lhe retornou que provocou uma reação em seu corpo novamente, fazendo-a imaginar se algum dia Bahir deixaria de excitá-la com um único olhar ou sorriso.

Estivera enganando a si mesma na noite anterior? Algum dia ficaria satisfeita de ser apenas amiga de um homem que podia levá-la ao céu com um toque de seus dedos ou de sua língua?

Todavia, estava provado que o relacionamento deles não daria certo de nenhuma outra maneira. Ela não era mais aquela garota impulsiva do passado. Não podia mais ser. E Bahir parecia estar preenchido com um ódio por alguma coisa que quase o consumia.

Ambos haviam mudado ao longo dos anos. Eram pessoas diferentes, mas também eram ambos pai de Chakir. Então, para o bem do filho, eles precisavam tentar ser amigos.

O grupo emergiu ofegante e encantado do desfiladeiro para fazer um piquenique na sombra de um penhasco. Chakir e Hana comeram a primeira coisa que viram pela frente, em sua pressa de ir brincar com os novos amigos.

– Eles ficarão bem? – perguntou Marina, dando alguns passos atrás dos filhos quando eles seguiram as outras crianças.

Ela o sentiu junto ao seu ombro.

– Eles ficarão bem.

Marina respirou fundo e resistiu ao impulso de seguir as crianças, mas era tão difícil ver Hana correndo livremente, quando ela prometera cuidar bem da menininha. Em sua casa na Toscana, conhecia os perigos locais. Era diferente lá, no deserto, onde tudo era novo e estranho para eles.

– Mas há perigos no deserto.

– Como você diz, princesa – concordou Bahir – , no deserto, há sempre perigos à espreita.

Aquilo a fez olhá-lo, estudando-lhe o rosto e desejando algo que sabia que não deveria desejar. Sabendo que ele estava certo, pois os perigos do deserto estavam em toda parte.

E, naquele momento, Bahir era a coisa mais perigosa de todas.

Ela se virou, tremendo, seus olhos seguindo as crianças correndo em círculos, os bracinhos estendidos, imitando as cegonhas que eles tinham visto mais cedo. Hana... pequenina, preciosa Hana... atrás de todos, abrindo os braços e a fazendo sorrir.

– E isso deveria me deixar tranquila?

Bahir suspirou.

– Talvez você pudesse dar uma folga.

– O quê? Dar uma folga para quem?

– Para a menina. Hana – acrescentou ele, antes que ela pudesse corrigi-lo.

– Você age como se ela fosse feita de vidro, sempre pairando ao redor dela. Por que não a deixa ser criança?

– Você não entende – replicou Marina, meneando a cabeça. – Hana é especial.

– Posso ver isso.

Ela o fitou com raiva.

– Você não gosta de Hana. Ponto final.

– Por que eu deveria gostar? Ela não é minha filha.

– E é só isso que importa? As únicas pessoas que contam são aquelas produzidas por seus espermas férteis?

– O que espera que eu diga? Eu nunca quis um filho. O fato de você ter me apresentado um foi o bastante para eu lidar, sem precisar lidar com a irmã, de carona. – Bahir deu de ombros. – Mas ela é engraçadinha, de certo modo.

A cabeça de Marina girou. Ele realmente notara alguma coisa sobre Hana, além do fato de ela não ser filha dele? Talvez Bahir estivesse tentando suavizar sua postura em relação à garotinha.

– Hana é linda – disse Marina, pensando em Sarah, vendo o rosto angelical da mãe toda vez que olhava para a filha. Hana era uma miniatura de Sarah. Mesmo a risada da criança a lembrava da risada de sua amiga.

– Não que ela se pareça muito com você.

A sensação de perigo deixou os sentidos de Marina em alerta. De alguma forma, ela conseguiu dar de ombros, fingindo indiferença, enquanto seu instinto de autoproteção registrava a necessidade de fechar aquele tópico de conversa.

Havia um jeito seguro para fazer isso.

– Talvez – murmurou ela, já se virando na direção da segurança do grupo –, porque ela se pareça mais com o pai.

Quem era ele?, Bahir queria perguntar, enquanto a observava ir, insatisfeito tanto com a resposta de Marina como pelo jeito que ela podia se afastar, com a coluna tão reta e o queixo erguido como se estivesse declarando algum tipo de superioridade moral. Quem era aquele homem maravilhoso que a filha dele era tão especial? Onde estava agora? Ocupado com uma esposa, enquanto deixava Marina sozinha para cuidar da filha?

Quem quer que fosse o homem, uma coisa era certa: o filho de Bahir nunca viveria na casa de outro homem, independentemente de quem fosse o pai de Hana.

Ele viu Marina voltar para o piquenique, para um grupo de mulheres, incluindo Catriona, que conversavam e olhavam para onde as crianças brincavam. Ele seguiu o olhar das mulheres e viu as crianças sentadas num círculo, um dos garotos mais velhos fazendo desenhos na areia com um graveto. Ele estaria contando uma história para os menores, Bahir sabia. Podia quase escutar a voz do menino no ar deserto.

Lembrou-se de estar sentado num círculo como aquele um dia, ouvindo seu primo contar uma história sobre os primeiros beduínos, e como eles tinham evocado um camelo em seus sonhos, uma fera de pés macios que os carregaria com segurança pelas areias do deserto. E como haviam sido acordados por um barulho assustador, apenas para descobrir os primeiros camelos do lado de fora de suas tendas, impacientes para trabalhar.

Bahir viu seu filho ouvindo, a expressão fascinada no pequeno rosto. Escutou a risada de Chakir, e aquele peso estranho em seu interior se moveu inesperadamente de novo, comprimindo seus pulmões e dificultando sua respiração.

O vento soprou, e ele ouviu as vozes sussurradas de seus irmãos, de sua mãe e de seu pai, de todas as pessoas da tribo o chamando.

Pôs as mãos na cabeça e se virou, seus pés o levando para longe dali, longe da conversa das mulheres, dos murmúrios baixos dos homens e das risadas das crianças. Mas o som que mais queria bloquear era o som dos fantasmas de seu passado.

Eles não entendiam?

Ele não estava pronto para encará-los ainda.

MARINA O observou sair andando, sentindo a dor dele em cada passo torturado.

– Ele vai ficar bem, você acha? – perguntou ela quando Ahab se juntou a eles. – Acha que alguém deveria acompanhá-lo?

O velho homem observou Bahir através de olhos enrugados pelo sol.

– Há coisas que um homem precisa fazer sozinho.

Ela o fitou, imaginando que coisas ele não estava lhe contando, antes que olhasse para Bahir se distanciando.

– Mas ele está sofrendo.

– A dor que ele está sentindo foi infligida muito tempo atrás. Talvez Bahir só esteja começando a sentir a dor agora.

– Que dor? O que aconteceu com ele? Isso tem algo a ver com a família de Bahir?

– Bahir irá lhe contar – replicou Ahab. – Quando achar que for a hora.

ELE ANDOU sem um propósito definido, até que se encontrou de volta no desfiladeiro, onde as paredes coloridas se erguiam acima, antigas e repletas

da sabedoria do mundo. Uma sabedoria que ele não compreendeu, até que um vento fúnebre soprou no vale e o mandou embora. Bahir então se encontrou de volta perto do piquenique, sob os penhascos, sabendo que estava andando em círculos e não compreendendo, mas simplesmente precisando andar.

Até que lhe ocorreu que sua vida era o mesmo percurso sem propósito.

Que ela estava certa.

Por que, o que ele realmente fazia da vida? Jogava. O que produzia? Nada. Não realmente. É claro, era fácil pensar que estava produzindo alguma coisa quando ganhava. Estava fazendo dinheiro. Muito dinheiro. Mas, além disso, o que realizava? Que bem fazia a alguém?

Deus, pensou, subitamente cansado se seu exame de consciência, cansado de tudo. Tinha planejado ir para o deserto para levantar seus ânimos, não para encontrar defeito em si mesmo. E daí se não tinha uma casa? Não precisava de uma. Então por que se censurar sobre coisas que não podia mudar e não precisava mudar?

Era bom no que fazia. Era o melhor. No jogo de roleta, ninguém arriscava tanto ou ganhava tanto. Isso não era um tipo de realização?

Um grito soou no ar do deserto... um grito de criança. Bahir virou em direção ao som, absorvendo a cena ao seu redor, vendo crianças andando, cansadas, para a área do piquenique, quando ouviu o grito de Marina.

– Hana? – chamou ela, medo na voz, um segundo antes que a menina gritasse novamente, um berro de pânico que cortou o deserto como uma lâmina afiada. E, dessa vez, ele encontrou a fonte. A garotinha estava gritando, sentada sobre o chão de pedras, os pequenos membros rígidos. Por um segundo, Bahir assumiu que ela devia ter caído enquanto tentava alcançar as outras crianças, e esperou que ela se levantasse, até que notou a atenção de Hana focada na forma preta feia, marchando ameaçadoramente em direção a ela na areia.

CAPÍTULO NOVE

— HANA! — GRITOU ele, já correndo em direção a ela. — Hana, levante-se. Mova-se!

Mas a criança estava petrificada de medo, enquanto o escorpião se aproximava com propósito, o rabo curvado sobre a cabeça, venenoso e pronto para infligir sua picada.

O ar foi preenchido com gritos de pânico, quando todos subitamente perceberam o que estava acontecendo. Ofegando, Bahir começou a correr naquela direção, mal registrando os outros andando para a cena, ciente apenas de que havia movimento. Seus olhos estavam na garotinha.

— Mamãe! — ela gritou entre soluços, apoiando as mãos na areia e impulsionando o corpo para trás, os olhos fixos no terror que se aproximava.

Por que ela não corria? Ela precisava correr. Era muito pequena para sobreviver a uma picada de escorpião, e ele nunca chegaria lá a tempo. Todos esses pensamentos passaram por sua cabeça nos segundos que levaram para Bahir alcançá-la, segundos que se estenderam com impossibilidade, antes que ele desse um salto desesperado e a tirasse do caminho do perigo, rolando com ela na areia no deserto.

Por um momento, a menina em seus braços estava muito chocada para emitir qualquer som, mas, quando ele se levantou, ela se recuperou o bastante para gritar novamente, expressando seu protesto e contorcendo o pequeno corpo numa tentativa de se libertar.

E, apesar de um dos homens ter espantado o escorpião com um graveto, Bahir não a soltaria enquanto aquele animal estivesse por perto.

– Hana! – Marina veio correndo em direção a eles, a túnica batendo contra as pernas, o rosto lindo tão drenado de cor que ela poderia ter sido feita das areias do deserto.

A menina estendeu os braços para ela, e, sem fôlego, Marina segurou a filha contra o peito, pressionando os lábios nos cachinhos da criança enquanto soluçava.

– Oh, Hana – murmurou ela quando os soluços se acalmaram. – Está tudo bem. Você está bem agora.

Ela olhou para Bahir com olhos marejados, a voz ainda trêmula:

– Eu tentei não entrar em pânico. Pensei sobre o que você falou e me forcei a não correr para Hana e pegá-la, como geralmente faço. E então vi o escorpião se movendo na areia ao lado dela. – Marina tremeu, embalando a criança nos braços. – Se você não tivesse chegado lá a tempo...

Bahir censurou a si mesmo por seu conselho na hora errada.

– Eu nunca deveria ter lhe dito nada. Se eu soubesse que era sério, teria chegado lá mais cedo.

Olhos nos quais um homem poderia se afogar piscaram para ele.

– Obrigada.

Bahir tirou a areia das mãos para não puxá-la para seus braços, com criança e tudo, e confortá-la.

– Depois, verifique se Hana não sofreu arranhões – disse ele. – Eu tentei mantê-la fora do chão, mas ela pode ter tido um ou dois arranhões.

Chakir os alcançou, os olhinhos brilhando de excitação.

– Você pode me ensinar a fazer aquilo? – perguntou ele e Bahir quase riu.

– Talvez mais tarde – replicou ele, pensando que eles já tinham tido excitação suficiente por um dia. Ademais, havia outra coisa que ele precisava fazer, algo que não podia mais adiar, as vozes em sua cabeça se tornando mais altas e mais insistentes. Mas, antes, devia levar esse pequeno grupo para casa. – Acho que agora é melhor voltarmos para o acampamento, não é?

A viagem para casa foi tranquila, com ambas as crianças dormindo rapidamente, exaustas depois das atividades do dia.

Dessa vez, Marina se sentou no banco da frente com ele, observando os dedos longos no volante, parecendo relaxados e confiantes, enquanto ela

estava longe de se sentir relaxada e confiante, e tentava entender o homem ao seu lado... um homem que nunca quisera filhos, mas que, entretanto, arriscara a própria vida para proteger a filha dela pois não estava equivocada em relação à enormidade das ações de Bahir. Uma picada de escorpião era capaz de ameaçar a vida de um homem adulto, fechando seu sistema respiratório, fechando sua garganta e paralisando seus pulmões. Uma criança do tamanho de Hana não teria chance, não ali, tão longe de assistência médica.

Marina olhou para atrás, viu que estavam todos dormindo, até mesmo Catriona, e falou suavemente para ele:

– Você salvou a vida dela hoje, sabia?

Ele deu de ombros, como se aquilo não fosse nada de extraordinário.

– Eu era quem estava mais perto dela, só isso.

– Talvez. E eu sei que lhe agradei lá, mas certamente não foi o bastante.

Obrigada por ter feito o que você fez e ter alcançado Hana a tempo.

Ele a fitou.

– Eu teria feito isso por qualquer criança em perigo.

– Eu sei. É só que sei que você não tem o menor interesse em Hana. Enquanto que em Chakir, por outro lado...

Ele virou a cabeça, a expressão zangada.

– Você acha que eu salvaria meu próprio filho e deixaria a criança de outra pessoa sofrer um destino terrível?

– Não. – Ela meneou a cabeça. – Não foi isso que eu quis dizer. Só fiquei surpresa que foi você quem agiu, quando não era seu filho em perigo, e quando tinha feito tanta questão antes de mostrar que não se importava com Hana, porque ela não era sua filha.

Bahir meneou a cabeça e olhou para a estrada.

– Diante do perigo, isso não me pareceu um detalhe muito pertinente.

E Marina sentiu censura naquelas palavras, antes que ele finalizasse a conversa, não lhe dando a chance de dizer o que realmente queria dizer.

O que deveria dizer.

Pois o fato de Bahir salvar Hana a lembrou de seu próprio resgate do doentio Mustafa, que tinha sequestrado sua irmã, Aisha, a fim de reivindicar o trono de Al-Jirad. E depois, quando tal plano fracassara, ele sequestrara Marina para frustrar a ascensão do meio-irmão Zoltan ao trono. Ela tentara minimizar a importância de Bahir em seu resgate, tentara acreditar que ele

só estava lá porque os três amigos, Zoltan, Kadar e Rashid, assim esperavam... e talvez isso fosse em parte verdade... mas ele ainda estivera lá para assegurar que ela retornasse à família em segurança.

E, agora, ele a salvara mais uma vez, pois, ao salvar Hana, Bahir salvara a promessa que Marina havia feito para Sarah antes que sua amiga morresse.

Ela suspirou.

– Desculpe. Agora eu o ofendi. O que eu estava tentando fazer, de modo desajeitado, admito, era agradecer-lhe, propriamente dessa vez, por você ter ajudado a me salvar de Mustafa. Acho que nunca fiz isso. É uma pena que o agradecimento esteja tão atrasado.

A última coisa que ela esperava em retorno a suas palavras era um sorriso. O rosto dele estava de perfil, os olhos na estrada à frente, mas os lábios realmente se curvaram num sorriso raro.

– O quê? Você está me agradecendo, princesa, enquanto, o tempo inteiro, eu só estava lá me divertindo com meus amigos? Como você nos chamou... um grupo de homens felizes tendo uma aventura de meninos?

Marina afundou no seu assento, mortificada. Deus, tinha dito isso? Era um milagre que ele tentara salvar Hana, considerando a ingratidão dela.

– Você precisa me perdoar. – Ela procurou pelas palavras certas e, no fim, acabou com uma desculpa patética. – Eu estava zangada com você na ocasião.

– Está tudo bem – murmurou ele, e então a fitou de maneira tão inexpressiva que Marina se perguntou no que ele estaria pensando. – Eu sei tudo sobre raiva.

Aquelas palavras a fizeram tremer. Ela não perguntou o que ele queria dizer, quando o acampamento foi avistado. Não tinha certeza se queria saber. Uma vez, já fora recipiente da raiva de Bahir, e sabia o bastante para não querer voltar lá novamente.

Lembrou-se daquele dia agora, enquanto observava o deserto pela janela, quando Bahir destruíra seu mundo com a força da raiva e a mandara embora de sua vida para sempre.

Pelo menos, ele pretendia que fosse para sempre. Todavia, lá estavam eles, forçados a se unirem pelas circunstâncias, pela existência de Chakir.

Às vezes, a raiva ainda estava lá. Parecia borbulhar sob a superfície. Porém, outras vezes, havia outra emoção, também intensa e poderosa, que

parecia dirigir as ações de Bahir.

E agora ela se perguntou como pudera ter se relacionado com ele durante todos aqueles meses, sem perceber o mistério dentro do homem, sem questionar quem ele verdadeiramente era.

O veículo se aproximou da área de acampamento, um acampamento beduíno tradicional, completo com tendas opulentas para seus hóspedes, e isso lhe despertou ainda mais perguntas na cabeça. Ele decidira levar Chakir para o deserto, e tudo aquilo tinha sido preparado em honra dos visitantes deles.

– Como você organizou tudo isso?

– Você fala do piquenique?

– Não. Eu falo de nós, aqui no meio do deserto, onde aparentemente você não mora há anos. E, um dia, decide que nós todos viremos ao deserto, e, em seguida, há um acampamento inteiro montado para nós. Como isso é possível?

Bahir deu de ombros.

– Dinheiro fala alto por aqui, onde eles têm pouca chance de ganhá-lo.

– Mas tão rápido? Num momento você decide vir ao deserto, e, no seguinte, isso tudo o espera?

– Não realmente. Antes de levar você para casa, eu já estava planejando vir. Então já tinha dado alguns telefonemas e feito alguns contatos. Descobrir que Ahab estava vivo facilitou as coisas. Quando eu disse a ele que traria pessoas comigo, ele sabia onde encontrar as tendas que eu precisava. Ahab sugeriu a estadia com a tribo dele... uma das últimas que resistem à urbanização e vivem do modo mais tradicional possível... em vez de acampar sozinho, como eu havia planejado no começo.

– Eu gosto daqui – disse Marina, pensando nos novos amigos que tinham feito e nas aventuras apreciadas, apesar do trauma de hoje. – As pessoas da tribo nos recebem muito calorosamente.

– Esse é o jeito beduíno – replicou ele com uma nota de orgulho na voz.

– Visitantes são convidados de honra. Eu não pensei que ainda houvesse tribos vivendo de maneira tão simples. O mundo progrediu tanto.

– Mas sua família vivia assim?

Uma pausa. E, embora ele estivesse sentado atrás de um volante de um carro, dirigindo ao longo da estrada deserta, ainda sentiu como se a areia

tivesse se movido sob seus pés, como aquele primeiro passo na areia movediça, quando o mundo inclinara e tudo dera errado.

– Geralmente.

– E foi assim que você cresceu... no meio das cabras, sentado ao redor de fogueiras, ouvindo histórias à noite, observando as estrelas, e seu pai o ensinando a nadar?

Bahir sentiu o peso dos anos sobre si, o peso opressivo das lembranças tristes.

– Um milhão de anos atrás – respondeu ele, com um nó na garganta.

– Então, onde está sua tribo agora? – perguntou ela, quando eles adentraram a área de acampamento, liderando o comboio. – Onde está sua família? Perguntei a Ahab, e ele disse que você me contaria.

Ele parou o carro, e permaneceu sentado ali, enquanto os passageiros do banco de trás acordavam, parecendo tão confusos quanto ele se sentia, mas sabendo que a hora tinha chegado.

Sentira isso durante a tarde inteira. Durante a tarde inteira, seu dever o chamara. E que melhor maneira de explicar aquilo para Marina, se ela estava tão curiosa e quando palavras pareciam muito fracas no solo infértil?

Bahir desafivelou o cinto de segurança, começou a abrir a porta e olhou para ela.

– Eu irei visitá-los depois que nós descarregarmos a bagagem. Talvez você deva ir comigo. Talvez, então, possa entender.

Ela deveria? Havia um significado oculto no convite, juntamente com uma medida de desafio nos olhos dele. Mas o que aquilo significava? Por um tempo, Marina imaginou o pior, que talvez ele estivesse escondendo alguma verdade terrível sobre a família. Também pensou na possibilidade de eles terem renegado Bahir depois que ele passara a jogar em cassinos ao redor do mundo.

Mas agora, ele falava sobre visitá-los...

Eles haviam concordado em revê-lo, agora que ele estava de volta? Tinham ficado sabendo sobre o neto através de Ahab?

– E Chakir?

– Não. Não o menino. É muito cedo.

Um alívio a inundou. Eles ainda não tinham contado para Chakir que Bahir era pai dele e, por enquanto, era assim que Marina queria que as coisas ficassem. Preferia esperar até ter certeza de que Bahir queria ser uma

parte permanente da vida do filho. Não queria ter de explicar onde estava o pai, caso ele mudasse de ideia e optasse ficar fora da vida de Chakir.

– Esqueça – disse ele, percebendo a hesitação de Marina. – Essa provavelmente foi uma má ideia.

– Não – replicou ela. – Eu irei.

AQUELA ERA uma má ideia, percebeu Bahir enquanto eles saíam do acampamento e iam em direção à cadeia de montanhas azuis, ao longo de pouco mais do que uma trilha de pedras. Uma péssima ideia levá-la consigo.

Mas, pelo menos, ela parara de fazer perguntas. Estava sentada ao seu lado no carro, em silêncio. Logo, Marina teria todas as respostas de que precisava, e mais. Não que isso fosse fazer alguma diferença, mas talvez ela entendesse por que ele dissera o que dissera naquele dia.

E, se ela entendesse, talvez um dia pudesse perdoá-lo. Mas, então, ele se lembrou das lágrimas não derramadas nos olhos de Marina... da dor e desolação... e pensou que não ficaria surpreso se ela nunca o perdoasse por destruir o que eles um dia tiveram.

Mas ela saberia a verdade sobre sua família.

Eles escalaram uma das cadeias de montanha, a partir do vale, e a pulsação de Bahir acelerou, enviando calor ao seu corpo, até que o suor começou a escorrer por sua testa e costas.

Mais uma montanha. A última vez que estivera lá era pouco mais de uma criança. Tanto tempo atrás, e ele ainda se lembrava da linha de montanhas contra o céu, ainda sabia exatamente para onde estava indo.

Todavia, era mais do que memória que o guiava, pois era quase como se pudesse sentir as mãos deles no volante, a sabedoria coletiva dirigindo o veículo ao longo da trilha de pedras.

Conduzindo-o para casa.

Casa. Esse era um conceito estranho para um beduíno, onde um endereço fixo não era um modo de vida, e o deserto inteiro era provavelmente o quintal dos fundos. Então, sua família e sua tribo eram sua casa, seu lar. Era ainda mais estranho que sua família estivesse reunida num lugar dos mortos.

Entretanto, eles ainda o chamavam.

O que Bahir lhes diria?

O que poderia lhes dizer que eles iriam querer ouvir?

O veículo quatro por quatro subiu a inclinação de pedras, o nervosismo de Bahir aumentando a cada segundo.

Um pouco antes de chegar ao topo, ele parou o carro e puxou o breque de mão.

– Por que nós paramos aqui? – perguntou Marina, olhando ao redor, procurando respostas. – Que lugar é este?

Olhar ao redor não diria nada a ela, ele sabia. Não havia nada para ver, exceto areia, chão de pedras e ocasionais plantas, mas, agora que estavam ali, ele não conseguia encontrar as palavras para lhe contar. Ela logo descobriria por si mesma. Mas ainda não. Primeiro, ele precisava de tempo para encontrar sua paz e se recompor.

– Espere aqui – instruiu ele, sem explicações, deixando o motor ligado e o ar-condicionado funcionando. – Eu não irei demorar.

Sem esperar resposta, ele saiu no ar quente e seco, fechando a porta com firmeza, o olhar na trilha, onde esta desaparecia no topo, já antecipando a cena que o esperava.

Então, respirando fundo, afastou-se do carro e, com um peso no coração, subiu a trilha.

Parou quando alcançou o topo e olhou para o vale abaixo, onde um dia algumas tendas baixas se reuniam em volta de um pequeno oásis, onde crianças corriam livremente, rindo, cheias de vida.

Um dia, um lugar tão cheio de vida.

E agora não havia nada, exceto um vento misterioso que movia a areia do deserto numa dança fúnebre, ao redor de algumas linhas de pedras brancas lisas, fixadas no solo de pedras.

Sua família.

O vento o circulo quando Bahir se aproximou, aprisionando-o, celebrando sua captura enquanto batia nas pedras, apresentando-o como um prêmio.

Bahir parou à base de uma das 26 pedras simples, tomado pela enormidade do que acontecera lá.

Tomado por culpa, porque deveria haver mais uma pedra branca lá.

Ajoelhou-se no chão de areia e pôs uma mão sobre a pedra.

– Pai – disse ele quando a primeira lágrima foi absorvida pelo solo sedento. – Eu voltei. Voltei para casa.

QUANTO TEMPO não era considerado muito tempo no deserto? Bahir tinha saído há quase meia hora e ainda não havia sinal dele. Marina não podia mais ignorar sua preocupação.

Por que ele não retornara?

Ele tinha subido aquela trilha, então parado ali, olhando para alguma coisa abaixo, e tudo sobre a postura de Bahir sugerira um homem se sentindo derrotado.

E, depois, ele desaparecera atrás da montanha, e ela não vira mais nada. Mas, do topo da montanha, talvez fosse capaz de ver.

Marina se inclinou para o lado do motorista e desligou o motor, descendo do carro para o ar tão seco que lhe roubou o fôlego. Uma brisa a encontrou então, brincando com as pontas de seus cabelos, movendo a bainha de sua túnica enquanto ela subia a trilha.

Um lugar triste, pensou, tremendo com a sensação, pois, embora a paisagem fosse tão linda quanto qualquer outra em Jaqbar, havia um vazio misturado com sofrimento ali, tornando o deserto desolado.

Marina alcançou o topo da montanha e o viu a uma pequena distância, ajoelhado na areia, e por um momento ficou aliviada por tê-lo achado... até que notou as pedras brancas lisas se sobressaindo da terra ao redor dele, e o vento triste emitiu seu gemido fúnebre. O coração dela se apertou.

– Oh, não, Bahir – sussurrou ela, sabendo que aquilo era terrível, e ainda desejando que não fosse verdade. – Por favor, isso não.

Poucos minutos depois, Marina se ajoelhou ao lado dele, diante de uma das pedras simples, não o olhando, dando-lhe tempo para registrar sua presença. Apenas após ter certeza que ele o fizera, ela perguntou:

– Quem são eles?

– Minha família – respondeu Bahir, a voz embargada pela emoção. – Deixe-me apresentar você a eles. – Ele apontou para uma pedra ao seu lado. – Aqui está minha mãe. – Apontou para a próxima. – Meu pai. – Continuou listando-os. – Meus primos, meus tios, minha tia, a mãe dela. Eles estão todos aqui.

– E quem é este?

– Este... este é meu irmãozinho, Jemila. Ele tinha três anos. A mesma idade que Chakir tem agora. – A voz dele falhou no nome do filho. Marina lhe fitou o rosto pela primeira vez, viu as lágrimas escorrendo, e seu próprio coração se partiu.

– Oh, Bahir.

– Há 26 no total – disse ele, sem retornar seu olhar. – Todos da família, exceto um.

– Todos, exceto você.

– Eu estava na escola na Inglaterra – murmurou ele. – O orgulho da família. O escolhido. Aquele em quem todos os sonhos e esperanças da tribo residiam. – Ele balançou a cabeça. – Eu tinha 12 anos quando descobri que um viajante tinha sido achado doente no deserto e levado ao acampamento para ser revivido. Mas ele morreu, e, um por um, todos adoeceram... os velhos, os jovens, os fortes. A doença não fez exceção. Somente depois de duas semanas que todos haviam sido enterrados é que eles finalmente me procuraram para me informar.

– Bahir – murmurou ela, não sabendo o que falar para confortá-lo, em vez disso, passando um braço ao redor do ombro dele, apenas para informá-lo de que estava lá, surpresa ao descobri-lo frio sob sua mão, quando o dia estava tão quente. – Eu sinto muito.

Ele ergueu o rosto para o céu então, as feições tensas e sofridas.

– Eu deveria estar aqui. Eram férias, e eu sempre vinha para casa nas férias. Exceto que dessa vez recebi um convite para ir à casa de um colega da escola. Eu nunca tinha tido um Natal e via a excitação dos outros internos, todos ansiosos para participar das festividades e ganhar presentes, e eu sabia que meus pais insistiriam que eu viesse para casa. Então, falei que precisava ficar na escola a fim de me recuperar nos estudos. Disse-lhe que eu não poderia vir para casa.

Ele abaixou a cabeça quase até o chão.

– Eu menti para meus pais. Deveria ter estado aqui com eles. Deveria estar enterrado sob uma dessas pedras.

Finalmente, ela entendeu o horror do passado dele; finalmente percebeu a agonia e a dor que o tinham tornado no homem que era, o homem consumido por culpa. Marina lhe apertou os ombros, tentando lhe transmitir seu calor e espantar o frio do passado que o possuía.

– Eles teriam desejado que você sobrevivesse. Não o teriam culpado. Ninguém o teria culpado.

– Eu não preciso que ninguém mais me culpe. Não acha que tenho culpa suficiente? Menti para minha família. Eu não estava aqui quando deveria ter estado, e terei de conviver com meus pecados para sempre.

– Bahir, você não deve se culpar.

– Quem mais tem culpa? Quem restou para levar a culpa? – Ele suspirou, e ela podia sentir a agonia que o devastava.

– Eu jurei naquele dia, o dia que eles me trouxeram para este lugar, que preferia nunca ter um filho a arriscar deixá-lo sem ninguém e sem nada. Nada, exceto culpa.

Ao seu lado, Marina absorvia parte daquela dor imensa.

– Você nunca quis um filho porque não queria que ele sofresse como você sofreu. Como ainda sofre.

Bahir balançou a cabeça violentamente.

– Não! – gritou ele, pondo as mãos na testa, antes de se levantar, angustiado, andando do simples cemitério para um grupo de palmeiras, onde o sol se infiltrava através das folhas e onde uma pequena fonte mantinha viva uma margem estreita de grama. Marina seguiu a distância, sentindo-se impotente e triste, sem saber o que falar ou fazer, sabendo apenas que seu próprio coração estava se despedaçando ao vê-lo cair de joelhos, mergulhar as mãos no minúsculo lago e jogar água no rosto.

– Foram eles que sofreram. Não eu. Eu sobrevivi. Fui para a casa de meu amigo, ri e brinquei, sem ter ideia do que estava acontecendo aqui no deserto. E então, de repente, eu não tinha nada. Não tinha ninguém. Eu deveria ter estado com eles! Gostaria que estivesse.

Bahir fechou os olhos, e ela viu lágrimas escorrendo deles.

Não havia nada que ela pudesse dizer, nada que pudesse fazer, além de se ajoelhar à sua frente, abraçá-lo, então, beijar-lhe as lágrimas das faces.

Ele tombou contra Marina e permitiu que ela segurasse sua cabeça nas mãos. Deixou-a beijar seu rosto torturado e acariciar seus cabelos, enquanto ela aninhava a cabeça dele junto ao peito. Bahir permitiu que ela o confortasse, enquanto soluços sacudiam seu corpo, e seu choro angustiado ecoava no deserto, enquanto a brisa quente os envolvia em seu abraço sussurrado.

Até que o vento mudou sutilmente para uma carícia, e o conforto se transformou em desejo. Bahir começou a beijá-la de modo hesitante, uma hesitação que logo se tornou ardente e desesperada, como um homem sedento no deserto, encontrando água pela primeira vez em dias.

Marina não tentou impedi-lo. Não tentaria. Ele já tinha perdido tanto, e tudo que ela tinha a oferecer era o conforto de seu corpo num ato sexual que

afirmava vida.

Ele se inclinou suavemente sobre a grama, seus beijos preenchidos com tanto desespero que devastou a alma de Marina, fazendo-a querer chorar pelo menino que ele tinha sido, o garoto que sentia ter traído a família, que perdera tudo sem direito a um adeus. Então, ela pôs seu coração nos beijos, querendo compensá-lo pela dor, querendo curar-lhe o sofrimento para sempre. Querendo lhe dar esperança.

Bahir aceitou tudo que ela podia dar, querendo mais. Ela sentiu a mão grande descer por sua lateral, sentiu a túnica subindo por suas pernas, e se movimentou para capacitá-lo a passar o tecido pelos quadris. Ele lhe removeu a túnica pela cabeça, olhando-a com intensidade.

E, enquanto ele a olhava, Marina se livrou de seu sutiã e calcinha e se deitou na grama, oferecendo-se para ele.

Com um gemido gutural, ele se despiu quase com violência, e então voltou a beijá-la, cobrindo-lhe o corpo com o seu, a masculinidade pressionada contra sua barriga, as pernas poderosas encontrando um lar entre as suas.

Marina se arqueou sob ele, arfando quando Bahir encontrou seu centro pulsante, seu próprio desejo agora escalando. Ela gemeu, esquecendo, por um momento, que aquilo era sobre dar prazer a ele.

– Bahir – sussurrou ela, a voz rouca de desejo.

Ele respondeu com uma investida dos quadris que levou o membro viril para seu interior, preenchendo-a tão deliciosamente, tão magicamente que levou lágrimas aos olhos de Marina.

Sexo sempre tinha sido bom com Bahir, ela lembrou enquanto ele permanecia enterrado nela. Ele sempre fora o melhor. Mas nunca havia sido tão maravilhoso segurá-lo profundamente dentro de seu corpo.

Então ele começou os movimentos rítmicos, e tudo ficou melhor ainda. Bahir capturou um mamilo entre os lábios, enquanto continuava investindo em seu corpo, e ela gemeu, o corpo em chamas. Ele capturou o outro seio, a tempo da próxima investida poderosa.

De súbito, não havia mais tempo para gentileza ou discernimento. Só havia tempo para se agarrar a ele, enquanto ela sentia o prazer se construindo e aumentando vertiginosamente.

Até que ela não aguentou mais e explodiu num orgasmo que a fez ver estrelas. Como se de outra galáxia, Marina pareceu ouvir o grito dele,

triunfo no desespero, vitória na angústia, e ela o abraçou quando ele também alcançou as estrelas, confortando-o enquanto o guiava com segurança de volta para a Terra.

Amando-o.

Porque, embora soubesse que nunca poderia lhe dizer isso, sabia, no fundo de seu coração, que amava Bahir. Nunca deixara de amá-lo.

Eles permaneceram deitados ali, enquanto o dia ia embora, e o sol baixando tornava o deserto um mar de ouro.

– Eu nunca chorei por eles – contou Bahir, abraçando-a contra si, acariciando-lhe os cabelos. – Eu não conseguia. Estava envergonhado demais. Zangado demais.

– Está tudo bem – murmurou ela, querendo chorar por um menino que não tinha sido capaz de extravasar sua dor.

– Não. – Bahir suspirou. – Não está tudo bem. Naquele dia que você chegou, quando eu fiquei zangado...

– Psiu. – Marina pôs um dedo nos lábios dele. – Não importa. Eu entendo.

Ele lhe pegou a mão, curvou-a em seus dedos longos e a pressionou em seus lábios.

– Não. Há mais. Depois que minha família morreu, o colégio concordou em estender minha bolsa de estudos. Não fazia sentido, eles disseram, me mandar para casa. Não havia nada para mim lá. E, então, uma família adotiva foi encontrada para mim, um homem árabe que trabalhava com finanças corporativas em Londres e que alegou ser algum parente distante. Um homem cruel. Um homem com uma esposa falsa e superficial. Um homem que me batia com uma bengala se eu não fosse o primeiro da classe. Um homem que achava que estava me criando para uma carreira com ele. Eu o odiava.

Ele meneou a cabeça.

– Eu sabia que precisava ir embora, mas precisava de dinheiro. Foi quando comecei a jogar. Foi quando descobri que tinha um dom para isso. Ele me bateu mais quando descobriu o que eu estava fazendo, e isso apenas me deixou ainda mais determinado. Aos 15 anos, meus ganhos já eram o bastante para nunca mais precisar voltar lá.

– Naquele dia que você apareceu... naquela mesma manhã... eu havia acordado para as vozes de minha família na minha cabeça. Havia sonhado

com eles durante a noite, sonhado com o dia, vinte anos atrás, quando eu estive aqui e fui apresentado com a verdade, que minha família e todos que eu amava, meu mundo inteiro, tinham sido roubados de mim.

– Não é de admirar que você estava aborrecido naquele dia.

– Mas não foi por isso. Foi um pacote do advogado que chegou naquela manhã... continha uma carta, informando-me que meu pai adotivo tinha morrido. E continha o anel do meu pai, um colar de minha mãe e o amuleto que estivera ao redor do pescoço de Jemila quando ele morreu. Meu pai adotivo guardara as coisas da minha família por todos aqueles anos, sem nunca me contar que elas existiam.

– E eu estava tão furioso... com meu pai adotivo, sim, mas com minha família por eles terem me abandonado para um destino tão terrível. E comigo mesmo, por mentir e me divertir com um amigo, quando deveria estar com eles. Naquele dia, odiei a todos e odiei a mim mesmo, e, então, você entrou, falando de família. – Ele balançou a cabeça. – Eu fui agressivo, porque você entrou em meu pesadelo, falando sobre coisas que eu não queria ouvir, especialmente naquele dia.

Ele respirou fundo e exalou devagar, como se deixando o peso do passado sair com o ar. Marina percebeu o horror de suas próprias ações descuidadas, o fato de ter escolhido justo aquele dia para declarar seu amor e compartilhar a excitação do filho que eles haviam feito juntos. Ela se ergueu sobre os cotovelos e se inclinou sobre ele.

– Sinto muito. Eu não tinha ideia.

– Como poderia ter, quando eu nunca lhe contei nada, quando enterrei meu passado tão profundamente para que este nunca subisse à superfície? Mas naquele dia não tive como esquecer.

Marina apenas meneou a cabeça. Não podia nem imaginar.

– Pensar que fui o escolhido – continuou Bahir, em tom amargo. – Eu era a grande esperança da tribo, nascido com um dom para números; portanto, enviado para uma escola na Inglaterra... um privilégio raro para meu povo, um que eles esperavam que levasse benefícios e riqueza à tribo. Eles tinham tanto orgulho de mim... meu pai, minha mãe...

Ele virou a cabeça de lado.

– E olhe como eu os recompensei... me tornando um jogador. Um perdulário. E, apesar de eu ter terminado os estudos e pago a faculdade com os meus ganhos, de que me adiantou um diploma quando saí da faculdade

diretamente para a mesa de roleta? Que sentido fez esta vida ter sido poupada quando todas as outras estavam perdidas? Que bem já fiz para eles?

– O que você poderia fazer? – argumentou Marina, afastando-lhe os cabelos da testa. – Nada poderia trazê-los de volta.

– Eu deveria ter feito alguma coisa! Conquistado alguma coisa, além de notoriedade em todos os cassinos do mundo.

– Mas você tinha perdido tudo. E talvez seja por isso que joga – murmurou Marina, tentando analisar a situação. – Porque dinheiro não é como pessoas. Pode-se ganhar e perder dinheiro, e ganhar novamente, e a dor de perdê-lo, se existe, é transitória. Talvez porque, acima de tudo, não haja um risco real.

Ele virou a cabeça para ela novamente, a expressão intrigada, como se não compreendesse, e ela se perguntou se estivera falando uma língua estrangeira.

– Eu nunca quis um filho – declarou Bahir. – Nunca quis uma família.

– Eu sei. E entendo.

– Mas eu quero Chakir. Quero meu filho.

Ela assentiu, o peito muito apertado para falar.

Então Bahir a puxou para si.

– E eu quero a mãe dele, também.

CAPÍTULO DEZ

— **C**ASE COMIGO – disse Bahir no instante seguinte, antes que ela tivesse tido a chance de absorver a declaração anterior dele. Antes que o disparo em seu coração pudesse se acalmar.

– Bahir, eu...

– Isso faz sentido, não vê? Chakir precisa de um pai. Eu nunca quis uma família, verdade, mas não posso ignorar o que aconteceu. E meu pai ficaria tão orgulhoso de ter um neto e ver que eu fiz alguma coisa boa com minha vida.

– Mas casamento?

– Eu não quero ser pai por meio período. Quero estar lá para ele todos os dias. E juro que tentarei ser um bom pai. Além disso, somos bons juntos, você sabe. Podemos fazer dar certo, pelo bem de Chakir.

Pelo bem de Chakir.

Que irônico. O “bem de Chakir” era a razão pela qual ela decidira contar a Bahir sobre a existência do filho, e agora Bahir estava usando isso para convencê-la a se casar com ele.

Aquilo era motivo suficiente?

Talvez fizesse sentido para Chakir, mas e quanto à Hana? Querer cuidar de Chakir era uma coisa, mas ele até mesmo pensara sobre o que o casamento envolveria? Que teria de ser pai de Hana, também?

E quanto ao amor? Não havia lugar para amor naquele arranjo? Ele perdera a habilidade de amar quando tinha perdido a família inteira?

– Eu não sei – disse ela confusa, apenas parcialmente ciente da mão quente acariciando seu corpo, demorando-se em seu quadril. – Essa é uma decisão muito grande. Eu preciso de tempo para pensar. E você precisa de tempo para decidir o que realmente quer.

– Você está certa – murmurou Bahir, puxando-lhe a cabeça para roçar os lábios contra a boca de Marina. – Eu poderia usar o tempo. Para persuadir você.

Eles fizeram amor novamente, enquanto o deserto dourado se tornava prateado sob a lua crescente, e o vento era como o sussurro de seda sobre a pele deles. O ato de amor foi mais lento desta vez, Bahir se demorando para provar, explorar e revisitar, assim como para persuadir, de modo que, quando eles se conectaram novamente, seus corpos e sentidos estavam em chamas, e o clímax que a abalou foi como um trovão numa tempestade do deserto. Marina permaneceu deitada ali, no aconchego que se seguiu, a respiração ofegante, o corpo pulsando, e soube que não estava mais perto de tomar uma decisão.

Mas uma coisa sabia: persuasão nunca tinha lhe causado uma sensação tão boa.

Foi somente quando eles estavam a caminho do acampamento que Marina de repente percebeu que nenhum deles havia pensado sobre proteção, nem por um momento.

Virou-se para ele, pensando como podiam ter sido tão... *irresponsáveis*... chegando a pensar se aquilo tinha sido parte do plano de Bahir para forçá-la ao casamento. Mas não, decidiu, refletindo sobre o cemitério e a intensa dor de Bahir. Não houvera sedução planejada. Aquilo fora um descuido, nada mais. Um descuido tolo, mas talvez sem consequências. Ela fez alguns cálculos mentais. Estava no fim do seu ciclo. As chances eram pequenas. Certamente o destino não lhe daria outra gravidez não planejada...?

BAHIR NÃO tardou a colocar suas palavras em ação. Durante os próximos dias, provou que seria um pai excelente para Chakir. Ele ensinou o filho a ler as pegadas na areia, a distinguir um camelo de um cavalo, uma raposa de uma cabra selvagem. Ela o observou ensinar ao filho deles coisas que ele nunca teria aprendido de outra forma.

Até mesmo mostrou interesse em Hana, quando ela seguia Bahir e Chakir, querendo ser incluída em tudo. Marina rezou para que o

ressentimento que ele sentira por Hana tivesse passado, que o ato de salvá-la do escorpião houvesse estabelecido um elo entre eles.

Mas Bahir guardava seus argumentos mais persuasivos para o ato de amor deles. Estava sempre encontrando razões para que eles ficassem sozinhos, de modo que pudesse persuadi-la com sua sexualidade potente. Todavia, diferentemente daquela noite impulsiva no deserto, quando nenhum deles pensara em proteção, ele tomava todos os cuidados.

Todas as vezes que se encontravam, Bahir lhe perguntava se ela decidira, e todas as vezes ela meneava a cabeça e pedia que ele fosse paciente. Não havia pressa, dizia a si mesma, esperando que ele lhe desse a única coisa pela qual ela ansiava... aquelas palavras curtinhas que tanto queria ouvir.

Não era corajosa o bastante para dizer tais palavras para ele... as palavras que Bahir uma vez jogara de volta em seu rosto.

No final, não foi o sexo que a fez tomar a decisão ou qualquer coisa que ele disse. Não foi nem mesmo observá-lo com o filho adorado dos dois ou erguendo Hana sobre um potro e lhe mostrando como segurar as rédeas, enquanto os pequenos pés balançavam acima dos estribos.

Foi o novo poço pelo qual ele pagou e ajudou a construir, sem camisa e suando, fazendo um trabalho braçal e árduo, juntamente com os homens da tribo.

Foram os livros que ele encomendou e mandou entregar, de modo que as crianças do acampamento pudessem aprender a ler e a escrever em casa, e não serem forçadas a ir à escola em Souza, longe de suas famílias.

Foram todas as mudanças que ela testemunhou em Bahir que a fizeram decidir.

Esse era um homem diferente daquele que Marina conhecera no passado. Esse homem parecia ter encontrado propósito na vida, até mesmo usando as túnicas de seu povo quando estava entre eles.

Este homem tinha descoberto como rir e viver, e talvez, esperançosamente, como amar.

E ela queria passar o resto da vida ao seu lado.

– ELE ME pediu em casamento – ela contou para Catriona numa noite, enquanto elas preparavam as crianças para dormir antes que fosse encontrá-lo. Bahir preparara uma surpresa, dissera-lhe, e Marina estava excitada em antecipação.

A mulher mais velha sorriu e a abraçou.

– Eu sabia que alguma coisa devia estar acontecendo, por causa das estrelas em seus olhos ultimamente. Você aceitou?

– Eu estou pretendendo aceitar esta noite. Exceto que isso significa deixar as crianças com você por algumas horas, se não tiver problema. Parece que Bahir planejou alguma coisa especial.

Catriona lhe apertou a mão.

– É claro que você pode deixá-las. E pense como elas ficarão excitadas pela manhã, quando você lhes contar a novidade. Crianças precisam de um pai.

Marina assentiu.

– Eu sei. Ela vinha sendo o melhor tipo de mãe que podia, mas já estava vendo Chakir deixar de ser bebê e se tornar um menino sob a orientação segura do pai. – Bahir seria um excelente pai, ela sabia.

– Ele já sabe sobre Hana?

Marina meneou a cabeça, pondo grandes argolas de ouro nas orelhas. Aquela era sua última preocupação... que um homem que não queria uma criança de quem não era pai rejeitasse essa criança quando descobrisse que ela nem filha de Marina era.

– Ainda não. Eu não queria trair a confiança de Sarah até que tivesse certeza. Mas eu contarei a ele antes, de modo que não haja mal-entendido. Sarah iria querer que eu fizesse isso.

Catriona sorriu e lhe desejou sorte, abraçando sua amiga mais jovem.

– Eu estou tão feliz por você, Marina. Se alguém merece felicidade, é você.

ESSA NOITE, Bahir tinha certeza de que ela diria sim. A tenda de luxo, completa com uma piscina, que ele encomendara, tinha sido entregue e instalada numa montanha com vista para um vale repleto de palmeiras, um tesouro inesperado no deserto, uma relíquia da época dos dinossauros, e uma que ele estivera guardando para um momento especial. O momento era agora.

Bahir absorveu a cena enquanto a esperava, sorrindo, confiante de que, após essa noite, seria impossível ela negar seu pedido. Dentro da tenda lindamente decorada, na cama macia e na água cristalina da piscina, ele

faria seu ataque final aos sentidos de Marina, persuadindo-a a se casar com ele.

Por que ela estava hesitando era um mistério, quando eles se casarem era a coisa certa a fazer. A única coisa certa a fazer.

Sim, Bahir a tratara horrivelmente no passado, mas ela entendera seus motivos agora. Se não o perdoara, por que estava tão ansiosa para compartilhar seu corpo com ele?

Porque queria ser cortejada?

Ele sorriu ao observar o ninho de amor que tinha criado no deserto, e esperou que o carro a trouxesse. Cortejaria Marina esta noite. Criara o lugar perfeito para que eles escapassem de qualquer coisa que quisessem. Encontrara um anel de esmeralda, cercado por diamantes brilhantes. Encontrara a casa perfeita para eles, na mesma região da Itália, porque ela parecia adorar esta, porém, mais perto de Pisa, de modo que viajar entre suas duas casas na Itália e Jaqbar fosse mais fácil. Preguiçosamente, ele folheou a brochura da propriedade, passando tempo, até que ouviu o barulho de um motor a distância e viu os faróis. Então escondeu a brochura sob uma pilha de toalhas e olhou ao redor mais uma vez.

Estava perfeito.

Ele não deixara nada ao acaso.

Juntamente com o melhor sexo do universo, Marina não seria capaz de resistir.

Esta noite, ele não podia fracassar.

MARINA TINHA certeza de que aquilo devia ser uma miragem. Eles haviam viajado quilômetros ao longo do nada, a lua obscurecida por uma nuvem solitária, quando acima parecia haver um estranho brilho vermelho. Uma tenda, ela distinguiu quando se aproximaram. Uma tenda amarrada com lanternas coloridas, e uma figura alta, vestida de branco, esperando do lado de fora.

Bahir.

O coração de Marina disparou. A visão dele em túnicas tradicionais, parado ali, tão alto e poderoso, parecendo um dos sheiks antigos do deserto, capturou sua imaginação e acordou seus sentidos.

Ela foi envolvida por uma deliciosa onda de expectativa, contente por ter tomado cuidado extra com sua aparência essa noite, vestindo sua túnica de

seda dourada, bordada com minúsculas pedras preciosas que reluziam toda vez que ela se mexia. Soubera que aquela noite seria especial em muitos níveis. O esforço de Bahir para criar aquele cenário mostrava que a noite era especial para ele também.

Marina esfregou as mãos no tecido da túnica, subitamente nervosa. Essa noite, aceitaria o pedido de casamento de Bahir. Essa noite, concordaria em ser a esposa desse homem.

O carro parou ao lado da tenda, e Bahir se aproximou para abrir a porta, os olhos brilhando nas cores das lanternas. Ela aceitou a mão oferecida e desceu do carro, e o calor nos olhos dele quase a derreteu.

– Bem-vinda à minha tenda – disse ele, e acrescentou em seguida: – Você está maravilhosa – antes de gesticular para que o motorista os deixasse a sós.

Foi somente então, quando Bahir tirou os olhos dela, que Marina notou a piscina atrás dele. A luz colorida das lâmpadas brincava na água, e adiante era possível ver o vale profundo entre os penhascos, onde palmeiras balançavam com o vento.

– Que lugar é este? – perguntou ela, dando um passo em direção ao penhasco.

– O Vale das Palmas – replicou ele, abraçando-a por trás, roçando-lhe o pescoço com o nariz. – Dizem que este lugar está aqui desde a época dos dinossauros. Eu acho que foi deixado aqui pelo universo, como um presente para você.

Marina suspirou quando ele aqueceu sua pele com a boca, já sentindo os efeitos daquelas carícias.

– E a tenda e a piscina?

– Ah. Estes são presentes meus para você.

Uma das mãos másculas foi para um seio dela, enquanto a outra apertou a colina feminina entre suas coxas. Marina gemeu suavemente quando ele a pressionou para mais perto, um protesto relutante, mas sabendo que havia coisas que precisavam ser ditas.

– Eu tenho bebidas – murmurou ele. – Champanhe. Ou chá, se você preferir.

– Não, nada – respondeu ela, sabendo que precisava lhe contar sobre Hana, mesmo enquanto as mãos dele despertavam seu desejo. Há algo que eu preciso fazer primeiro...

– Eu tive esperança que você se sentisse dessa forma. – Bahir a ergueu nos braços. – Mal posso esperar também.

Ela pretendia detê-lo e fazê-lo colocá-la no chão, porém, a boca de Bahir estava na sua, e o corpo de Marina já estava antecipando os prazeres iminentes. Além disso, qual era o problema em esperar até depois que eles fizessem amor para explicar? Ele provavelmente estaria mais paciente e mais receptivo, então.

E, depois, ela lhe contaria o que tinha decidido... que se casaria com ele.

Talvez fosse melhor esperar, pensou alguns minutos depois, quando a boca quente de Bahir trilhava o interior de sua coxa, antes que a língua a provocasse *lá*. Por que estragar esse divertimento quando ele estava fazendo o possível para persuadi-la?

BAHIR ERA um mestre em persuasão, refletiu Marina mais tarde, enquanto estava dentro da piscina, esperando que ele retornasse com o chá prometido. Mesmo se ela tivesse ido lá naquela noite para dizer não à proposta dele, a essas alturas, já estaria convencida dos méritos do casamento.

A cama em que Bahir a deitara fora apenas a *entrada*. Os pratos seguintes tinham sido um banquete de prazer sensual, designado a deixá-la nas nuvens. Marina sorriu. Ela se casaria com um homem que fazia do ato de amor uma forma de arte. Quanto mais sorte uma mulher poderia ter?

E o fato de ele adorar seu corpo daquele jeito certamente significava que devia amá-la, pelo menos um pouquinho. Do contrário, ela o faria amá-la. Uma vez que eles estivessem casados.

Marina suspirou, demorando-se na água por mais um momento abençoado, sabendo que estava tarde e que ela precisava se mover.

Fazer amor dentro de uma piscina sob o céu do deserto havia sido paraíso, mas não podia mais adiar lhe contar sobre Hana. Ela se vestiria e lhe contaria durante o chá, e então, se Bahir ainda quisesse o casamento, ela diria sim. Gemeu, sentindo-se cansada após a noite de sexo, cada músculo do seu corpo protestando quando Marina se forçou a sair da piscina e pegou uma das toalhas felpudas de uma pilha sobre uma mesa lateral.

A pilha escorregou da mesa para o chão, derrubando alguma outra coisa da mesa, também. Uma brochura, ela percebeu, uma brochura de uma imobiliária. Curiosa, ela enrolou a toalha ao seu redor, pegou a brochura e começou a ler.

– Você está fora da piscina?

Marina se virou para vê-lo carregando uma bandeja com um bule de chá, duas xícaras e uma caixinha de aparência suspeita.

Ela o fitou.

– Eu estava quase dormindo na água. Além disso, preciso falar com você. Descubro que faço isso melhor quando não estou nua. – Embora o jeito que ele a olhava agora, com uma toalha branca ao redor dos quadris, acentuando a pele dourada... Talvez vê-lo nu a distraísse menos.

Ela balançou a cabeça e ergueu a brochura.

– O que é isto? – perguntou. – Estava perto das toalhas.

– Ah – murmurou Bahir, parecendo desapontado, servindo as duas xícaras de um chá aromático. – Eu estava guardando isso para o final, depois que você concordasse em se casar comigo.

Um arrepio percorreu a coluna de Marina.

Então isso explicava a caixinha na bandeja...

Apesar de ter ido lá naquela noite sabendo que diria sim para ele, alguma coisa sobre a última surpresa a perturbou. Por que ele estava pensando em comprar uma casa perto de onde ela já morava na Toscana, a menos que não estivesse planejando viver com ela, uma vez que eles estivessem casados? Que tipo de casamento Bahir estava contemplando?

Ele sorriu, parecendo quase infantil.

– É claro que você dirá sim.

Marina olhou de novo para a brochura. Por que de súbito nada fazia sentido?

– Mas eu não entendo. O que você quer com uma casa perto de Pisa?

Ele se aproximou do ombro dela e apontou para as fotos da casa, uma mansão no meio de acres e acres de terra fértil, completa com uma piscina enorme, quadras de tênis e estábulo, tudo a 15 minutos de carro de Pisa.

– É perfeita, não é?

Alguma coisa sobre a maneira que Bahir falou aquelas palavras a alertou.

– É linda – murmurou ela, cautelosamente.

– E tudo isso se deve a você. – Ele pôs um braço ao redor de seus ombros, apertando-os quando Marina o fitou com expressão intrigada, sem entender. – Foi você quem apontou que eu nem mesmo possuía uma casa no meu nome. Lembra? E, considerando que tenho um filho que precisa de um teto sobre a cabeça, você tinha toda razão.

Ele apontou para alguma coisa na planta, algo que ela não foi capaz de distinguir bem na luz fraca, ainda que incerta se entenderia, mesmo se a iluminação estivesse mais forte.

– Veja onde é. Eu sei que você gosta da área; então procurei uma casa na região, apenas que mais perto do aeroporto de Pisa, de modo que viagens entre aqui e lá não levassem tanto tempo. Imagino que passaremos algum tempo em Jaqbar também.

Marina ergueu uma mão e se afastou.

– Espere. O que você falou sobre Chakir precisar de um teto sobre a cabeça? Ele tem um teto muito bom sobre a cabeça, que é onde está agora.

Bahir meneou a cabeça.

– Não. Isso está fora de cogitação. Eu não quero meu filho vivendo numa casa que pertence àquele homem.

– Que homem? Do que você está falando?

– Do pai de Hana. Eu não permitirei que meu filho more lá.

Marina não podia acreditar no que estava ouvindo.

– O que você acabou de dizer?

– Falei que meu filho não irá viver numa casa que é do pai de Hana. Sou o pai dele. De agora em diante, eu colocarei um teto sobre a cabeça de Chakir. De agora em diante, eu o sustentarei.

– Quem lhe disse que nós moramos na casa do pai de Hana?

– Acha que eu não cheguei a essa conclusão? Uma pessoa “muito amiga”, você disse. Quem mais poderia ser senão um homem contente em enterrar seu erro em algum lugar escondido no campo, onde ninguém jamais a encontraria?

Ela sentiu como se tivesse levado um golpe físico. Suspeitara que Bahir pensaria o pior quando ela lhe dissera que a casa pertencia a uma pessoa amiga, mas nunca imaginara que ele criaria uma fantasia completa sobre aquilo e acreditaria nesta. E ela pensara que nunca mais o ouviria citar certa palavra ao falar de seus filhos.

– Eu pensei que você já soubesse que não deveria chamar nenhum dos meus filhos de erro.

– Eu notei que você não negou que a casa é dele.

– Apenas porque a ideia seja ridícula demais para ser verdade! Talvez isso possa convencê-lo. – Marina esforçou-se para falar uma palavra de cada vez: – Aquela... casa... não... é... do... pai... de... Hana. Satisfeito?

Ele piscou, então deu de ombros, como se isso não importasse.

– Tanto faz, você não precisará mais da casa. – Bahir balançou a brochura no ar. – Eu mandarei empacotar e transportar tudo, antes que você deixe o deserto.

Marina pôs uma mão sobre a testa, perguntando-se quando caíra num universo paralelo, onde Bahir assumira o comando de sua vida. Talvez quando tivesse gritado o nome dele em prazer ou quando cochilara na piscina. E, apesar de que seria tão fácil contar-lhe a verdade, esse não era o modo que ela planejara lhe contar sobre Hana.

Ademais, por que deveria lhe explicar alguma coisa? A atitude de Bahir era o bastante para revoltá-la.

– Não, eu não farei nada do tipo. Chakir já tem um lar. Ele é feliz lá. Todos nós somos. Lamento você se deu ao trabalho de comprar uma casa quando não há necessidade, mas nós não temos intenção de mudar.

Ele bufou em frustração e andou para onde a extremidade do penhasco se inclinava para o vale de palmeiras.

– Por que você está sendo tão difícil sobre isso?

Ela estava cansada, até mesmo desapontada.

– Você acha que sou eu quem está sendo difícil?

– Se a casa é tão especial, então deve haver um motivo. E, se não é do pai de Hana, então de quem é a casa? – Ele a fitou por sobre o ombro, condenação nos olhos. – De outro de seus amantes?

O choque roubou o ar dos pulmões de Marina. Ela, que iria lhe contar sobre Sarah essa noite e os arranjos que Sarah fizera para a filha, decidiu que agora estava satisfeita por não ter falado nada. Porque talvez estivesse tendo um vislumbre do verdadeiro Bahir, o homem sob a máscara persuasiva que ele vinha usando durante toda aquela semana.

– Que amantes? Do que você está falando?

– Ora, não banque a inocente. Deve ter havido amantes depois de mim. Uma mulher com seus apetites.

– E daí se houve? E quanto a você? Teve outras amantes durante os quatro anos que ficamos separados? Ou escolheu, nobremente, permanecer celibatário em minha honra? Que tocante! Mas, então, um homem *com seus apetites*? – zombou ela, meneando a cabeça. – De alguma maneira, eu duvido muito disso.

– Houve amantes – disse ele, irritado. É claro que houvera. Ou, pelo menos, houvera sexo. Não tanto quanto ela imaginava e nem de perto tão satisfatório quanto deveria ter sido, não que Marina precisasse saber de tais fatos. – Pelo menos, eu estou disposto a admitir isso.

– O que você quer, Bahir? Uma descrição detalhada da minha vida depois que me mandou embora? Não! Você perdeu todos os direitos aos detalhes íntimos de minha vida quando me expulsou da sua e disse que nunca mais queria me ver.

Então ela pareceu enfraquecer diante dele, o fogo nos olhos se extinguindo. Pôs as mãos no rosto num suspiro.

– E agora nós sabemos por que você disse aquilo, não é? Sabemos por que você me baniu da sua vida naquele dia.

Marina balançou a cabeça, os olhos escuros quase grandes demais no rosto.

– Oh, Deus, o que está acontecendo, Bahir? Por que você está fazendo isso? Por que estamos discutindo?

Por um momento, ele não sabia por quê, e sabia menos ainda como responder. E o que realmente queria? Uma garantia de que, se se jogasse naquele casamento, não acabaria perdedor? Como alguém podia dar tal garantia? Quando ele esperara uma dessas?

Mas precisava conhecer as probabilidades.

– Eu só quero que você me conte a verdade.

Marina deu uma risada fraca.

– A verdade. – Ela suspirou. – Certo, então talvez seja hora de você ouvir a verdade. Quem sabe agora, esteja pronto para acreditar. Eu o amo, Bahir, com todo meu coração e alma. Nunca houve ninguém mais. Nunca.

As engrenagens no cérebro de Bahir pararam, com tudo que ele sabia e com tudo que tinha visto.

– Foi isso que você disse ao pai de Hana?

Ela não respondeu, apenas o fitou com aqueles olhos tristes, como se fosse ela a injustiçada. Então simplesmente murmurou:

– Eu quero ir para casa.

Ela não ia escapar daquilo tão facilmente.

– Eu vi você – acusou Bahir. – Um mês depois que nós nos separamos, eu a vi em Monte Carlo. Você usava o vestido vermelho que eu lhe dei, aquele que eu adorava remover. E estava com um homem...

Ela apenas fechou os olhos e meneou a cabeça.

– Eu quero ir para casa.

Bahir suspirou e olhou para cima, vendo as estrelas mais baixas no horizonte, reconhecendo que em poucas horas amanheceria. Reconhecendo que não havia tempo de consertar isso agora.

– Vista-se – disse ele, olhando para a bandeja com a caixinha do anel, ainda lá, intocada, zangado que a noite havia começado tão bem e acabado tão mal. E tudo porque pusera a brochura num lugar que ela pudesse encontrar. Mas por que Marina se ofendia toda vez que ele mencionava o pai de Hana? Por que tentava fingir que o caso nunca acontecera?

– Eu a levarei de volta ao acampamento. Podemos conversar sobre isso mais tarde.

– Não – replicou ela, vestindo-se o mais rapidamente que conseguia. – Eu quero ir para casa. Quero ir para o mais longe de você possível.

Ele se aproximou e tocou uma mão no ombro dela para virá-la.

– Marina, não faça assim...

– Não me toque! – Ela se desvencilhou do toque. – Nunca mais me toque.

– Marina!

Ela pôs a túnica pela cabeça, levantando os longos cabelos pretos enquanto se virava.

– E sabe o que é mais engraçado em tudo isso?

– Fale-me, se você precisa – murmurou ele, a voz tão seca quanto as areias do deserto.

Marina pegou uma sandália do chão e calçou.

– Eu nem mesmo conheci o pai de Hana. Isso não é engraçado?

– O que você está dizendo?

– Descubra você mesmo, Bahir. – Ela procurou a outra sandália. – Você, que acha que sabe tanto sobre com quem eu dormi e com que frequência.

– Marina...

– Oh, e ainda mais engraçado? Você irá gargalhar com esta, eu prometo: Hana é a dona da casa. Não o pai dela ou algum amante imaginário da longa lista que você parece querer me atribuir, mas Hana. – Marina arqueou uma sobrancelha. – Mas você não está rindo, Bahir. Não achou graça?

Ela não estava fazendo sentido.

– Como Hana pode possuir a casa?

– Simples. A mãe de Hana deixou a casa para ela. Agora, leve-me embora desta sua fantasia no deserto e depois nos leve para Souza. Eu irei para casa com meus filhos.

Ele não estava rindo. Em vez disso, enquanto dirigia de volta para o acampamento, com Marina olhando pela janela, sentia-se como se o mundo que conhecia estivesse se separando em partes.

E, por mais que tentasse, ele não conseguia juntar as peças novamente.

Porque ela declarara seu amor por ele num momento e caíra nos braços de outro no instante seguinte.

Ou não?

E durante todo esse tempo vinha morando na casa de algum amante.

Mas, então, Marina dissera que a casa era de Hana.

Oh, Deus. Tais suposições eram a base de seu ressentimento em relação a ela. E se estivessem erradas...

As palavras de Marina soaram em sua cabeça. *Casa de Hana. Mãe de Hana.* Um pai que ela nunca conhecera. Como essas coisas podiam fazer sentido? Então um súbito pensamento lhe ocorreu.

A menos que Hana fosse filha de outra pessoa.

Não havia outra explicação. Por que ele tinha sido tão cego o tempo todo? Porque, aparte os cabelos escuros, a menina não se parecia nada com Marina.

Mas Bahir sabia por que estivera cego durante o tempo inteiro... porque era nisso que quisera acreditar. Para provar que não cometera um erro no passado. Para pôr uma tampa sobre seus sentimentos por ela e rotulá-los com uma emoção muito diferente. Para se proteger do maior jogo da vida.

Exceto que agora tinha perdido tudo.

Ele a perdera.

NÃO HAVIA nada para ver na escuridão no caminho de volta para o acampamento, pensou Marina, olhando pela janela lateral do carro. Não havia nada para dizer... o que era bom, porque ela não queria lhe dar detalhes sobre como Hana possuía uma mansão na Toscana. Bahir que construísse sua própria explicação. Ele era mestre nisso.

Ademais, sentia-se muito arrasada para falar, com todos os seus sonhos e esperanças destruídos.

O que estivera pensando? Todas as horas inúteis que passara com ele, achando que aquela fosse *a* noite, permitindo-se ser seduzida, imaginando que o relacionamento dos dois pudesse acabar em felicidade.

Que tola fora.

Eles subiram a última duna, e uma série de luzes brilharam a distância, onde certamente não deveria haver mais que um ou dois lampiões acesos.

– O que é isso? – perguntou ela, uma sensação de desconforto a envolvendo.

– O acampamento – disse ele, pisando fundo no acelerador, e o desconforto de Marina se transformou em medo.

Ela nunca deveria ter saído.

Eles pararam numa nuvem de poeira, apenas para serem cumprimentados por uma Catriona chorando. Chakir estava nos braços da mulher, os olhos escuros parecendo confusos.

– É Hana – disse ela. – Nós não conseguimos encontrá-la.

CAPÍTULO ONZE

— NÃO! — GELO percorreu as veias de Marina, enquanto ela saía do carro e corria para a tenda, precisando ver, por si mesma, a cama de Hana vazia. Os lençóis estavam frios ao toque quando ela pôs a mão ali.

Oh, Deus, nunca devia ter saído. Por que tinha ficado fora tanto tempo?

— Há quanto tempo ela está desaparecida? — perguntou Marina, pegando Chakir de Catriona, precisando abraçá-lo, para provar que um de seus filhos ainda estava lá. — Onde eles procuraram?

— Eu sinto tanto — disse Catriona, desesperada. — Ela deve ter escapado enquanto eu estava dormindo. Não sei quanto tempo faz que Hana sumiu.

— Ela não pode ter ido longe — murmurou Marina, rezando para que assim fosse.

— Eles estão olhando dentro de todas as tendas novamente. Pessoas começaram a vasculhar o deserto, no caso de ela ter se perdido por aí.

— Não! — Marina se sentou numa cadeira, agarrando Chakir contra o peito. O pensamento de Hana perdida na noite escura do deserto era tenebroso demais para contemplar.

— Eu a encontrarei — disse Bahir, mas a voz dele parecia vir de longa distância.

— Eu gostaria que não tivesse saído — disse ela, embalando o filho. — Eu nunca deveria ter saído. Nunca deveria tê-los deixado.

Ele a observou balançar, o rosto branco de choque, os braços tão apertados ao redor do filho que Bahir podia sentir a dor dela.

– Eu a encontrarei – prometeu ele. Depois da confusão que criara naquela noite, tinha de encontrar a garotinha.

O acampamento estava repleto de atividade quando Bahir emergiu da tenda, todos cientes da seriedade da situação: Uma criança muito pequena vagando pelo deserto, perdida e sozinha. Hana não podia ter ido longe, não com as perninhas curtas que tinha, racionalizou ele, selando seu cavalo. Todavia, para que lado ela fora? Se alguma coisa acontecesse à menina, Marina nunca se perdoaria por ter deixado os filhos, e ele nunca se perdoaria por tê-la afastado deles.

O céu estava clareando quando Bahir montou o cavalo, preparando-se para a cavalgada. Para onde a criança teria ido?, perguntou-se, olhando ao redor das dunas, agora parcialmente iluminadas.

Ele já tinha subido ao topo da duna mais próxima quando ouviu uma cabra balindo, de uma maneira não característica. Bahir virou o cavalo e olhou mais de perto para o grupo de animais dentro de um curral aberto. Parecia quase como se alguma coisa estivesse errada.

Animais se espalharam quando ele se aproximou, as cabras beduínas e carneiros do deserto acordando alarmados, emitindo ruídos de protesto diante do estranho em seu meio, enquanto saíam do caminho dele. Então Bahir viu a velha mãe cabra deitada nos fundos, seus filhotes gêmeos aninhados no chão, uma criança pequena curvada do meio deles.

Uma criança imóvel.

Hana!

Ele devia ter falado o nome em voz alta, porque ela acordou assustada e começou a chorar, confusa e desorientada, quando Bahir a ergueu contra seu peito. E se sentiu tão aliviado por ela estar bem, pelo fato de que ela só estivera dormindo, que apenas a abraçou, dizendo-lhe que estava tudo bem, mesmo enquanto ela chorava contra seu peito e chamava pela mãe.

– Está tudo bem, Hana. Eu a levarei para sua mãe – disse ele, esfregando-lhe as costas como vira Marina fazer, falando baixinho, tentando acalmá-la. – Mamãe está preocupada com você e muito arrependida de ter saído. Foi culpa minha. Eu a levei embora da tenda. Eu não devia ter feito isso.

Os soluços da garotinha diminuíram. Ela se aninhou mais junto a ele, reconhecendo-o, sentindo-se mais segura.

– E se alguma coisa tivesse acontecido com você – disse ele, acariciando-lhe os cabelos quando ela descansou a cabeça no seu ombro –, eu nunca

teria me perdoado. Você tem uma mãe especial, sabe, e ela merece mais do que qualquer coisa que eu posso dar a ela. Muito mais. Assim como você merece um pai que possa mantê-la segura.

Hana fungou contra seu ombro, e Bahir inclinou a cabeça e lhe beijou os cachinhos.

– Mas eu sentirei saudade, Hana Banana, quando vocês forem embora. E será culpa minha, por não ter percebido como sua mãe era preciosa desde o começo. Por nunca ter sido capaz de contar a ela sobre meus sentimentos, porque eu não entendia o que sentia. Por ter sido ciumento. Por nunca ter percebido, durante todo esse tempo, que eu a amo. Somente agora, que é tarde demais.

– Hana – disse ela, olhando-o solenemente, enquanto focava na parte importante da conversa. – Hana Nana.

Bahir sorriu, apesar da umidade crescente em seus olhos, sabendo que tinha perdido uma chance na vida e no amor. Sabendo que estava retornando para um futuro triste e vazio... o futuro que ele mesmo criara, o futuro que *merecia*... e agora, ainda mais triste por saber o que estava perdendo.

– Você é – murmurou ele, tocando a ponta de um dedo no narizinho lindo –, a melhor Hana Nana do mundo.

Hana riu, e ele sorriu, mesmo quando sentia seu mundo se despedaçando.

AS CABRAS! Marina estava sentada com Chakir no colo quando lhe ocorreu... alguém checara o lugar das cabras? Ela beijou seu filho e o deixou com Catriona, que prometeu, uma centena de vezes, que não tiraria os olhos dele. Marina a abraçou, disse para sua amiga parar de se culpar, e correu para fora da tenda.

Hana estava apaixonada por aqueles cabritos. Alguém tinha procurado lá? Havia uma chance?

Ela ouviu os gritos de sua filha antes de chegar lá e correu em direção ao som, em alívio, até que viu Bahir de costas, aninhando Hana contra o ombro, alisando-lhe as pequenas costas. Até que ouviu as palavras que ele falou para a garotinha, e Marina pausou, em silêncio, na luz fria do amanhecer.

– Culpa minha – ela o ouviu dizer, entre os fragmentos das palavras que conseguia captar. – Ela merece mais. – Verdade, pensou Marina, sabendo

que não deveria deixar que sua decisão de voltar para casa fosse abalada pela cena de Bahir aninhando Hana contra o ombro, uma cena que ela sonhara em testemunhar um dia... muitos dias. Mas por que isso tinha de acontecer agora?

Por que agora, quando tudo estava perdido?

Ela teria saído das sombras então... quase saiu... exceto que o ouviu dizer:

– E será culpa minha, por não ter percebido como sua mãe era preciosa desde o começo. – Marina pausou, e o ouviu falar sobre sentimentos e amor... ela prendeu a respiração... e como agora era tarde demais.

Ela perdeu o fôlego. Devia ter emitido algum som, porque Hana levantou a cabeça do ombro de Bahir e a viu.

– Mamãe! – gritou ela, estendendo os bracinhos.

Marina correu para sua filha então, pegando-a dos braços dele e a aconchegando junto a si.

– Oh, Hana, você me deu um susto tão grande. O que estava fazendo aqui, com suas cabras?

– Cabra – disse Hana, apontando para os filhotes, agora mamando nas tetas da mãe.

Marina olhou para cima, viu Bahir parado ali e sorriu.

– Obrigada.

Ele inclinou a cabeça de leve. De maneira formal, distante. Como se já estivesse se distanciando, sabendo que ela estava partindo.

– Eu farei arranjos para sua ida para Souza.

Ela sabia que ainda devia ir para casa. Tinha decidido ir. Mas alguma coisa nas palavras faladas suavemente a fez hesitar. Não, não alguma coisa qualquer... a fala de amor dele a fez hesitar, dando-lhe esperança...

– Não há pressa – replicou ela. – Hana irá precisar descansar. Nós todos iremos.

Como se para confirmar isso, Hana bocejou e tombou a cabeça no ombro da mãe. Bahir assentiu e se virou para ir.

– É claro. A qualquer momento que você quiser. Eu irei cancelar a busca por Hana.

– E Bahir?

Ele parou, mas dessa vez não se virou.

– Podemos conversar? – perguntou ela. – Depois que Hana estiver dormindo? Eu ia lhe contar ontem à noite, antes... Bem, eu não lhe contei, e lhe devo uma explicação, pelo menos.

Ele meneou a cabeça, olhando para os pés.

– Você não me deve nada. Não depois do que eu lhe fiz. Das coisas que falei...

O tom de desespero na voz de Bahir cortou o coração dela.

– Vá até a minha tenda, depois que você cancelar a busca, e eu lhe contarei sobre minha amiga Sarah. – Marina olhou para a garotinha sonolenta em seus braços. – A mãe biológica de Hana.

HANA ESTAVA dormindo quando ele levantou a aba do quarto das crianças um pouco mais tarde, Marina sentada ao lado da filha, observando-a, como se tivesse medo de que desaparecesse novamente. Apesar de não se virar, ela devia ter sentido sua presença, porque, sem olhá-lo, gesticulou para que ele entrasse e se sentasse no canto do sofá.

– Sarah era uma amiga minha – começou ela, quando ele se sentou. – Nós nos encontrávamos às vezes no cassino e nos cumprimentávamos, mas foi depois que eu me separei de você que nos tornamos mais próximas. – Ela o fitou, então, um sorriso triste no rosto. – Ela me ajudou nos dias e semanas que se seguiram... Bem, você sabe. Sarah me convidou para ir morar na casa dela, e quando descobriu que eu estava grávida me tratou um pouco como filha. Sempre quisera um bebê, dizia ela. Era o que mais queria na vida. Mas tinha sofrido de câncer quando adolescente, e nem sabia se era capaz de conceber uma criança.

– E então Chakir nasceu, e ela decidiu que queria um bebê, mais do que nunca, enquanto havia uma pequena chance de ser mãe. Sarah não tinha um parceiro, então encontrou um homem sem nome... eu nunca soube quem, nunca soube dos detalhes... e engravidou.

Marina fungou, e Bahir pôde ver o brilho de lágrimas nos olhos dela.

– Foi durante os exames de gravidez que eles descobriram que o câncer estava de volta, e dessa vez mais agressivo do que nunca. Eles perguntaram se Sarah queria fazer um aborto, porque o tratamento que ela precisava para se curar mataria o bebê.

Marina pressionou os lábios.

– Ela recusou tratamento. Queria tanto este bebê, Ainda que soubesse do risco para si mesma. Mesmo sabendo que isso poderia custar sua própria vida, Sarah sabia que nunca teria outra chance. E, quando Hana nasceu, ela disse que era o dia mais feliz de sua vida, mesmo que já estivesse morrendo e não houvesse mais nada que os médicos pudessem fazer...

A voz falhou, e lágrimas escorreram pelas faces de Marina. Bahir queria secar-lhe as lágrimas com beijos, mas sabia que não tinha o direito de tocá-la, quando ele também lhe causara tanta dor. Não tinha o direito de confortá-la.

– Sarah amava tanto Hana – continuou ela, as mãos se torcendo no colo.
– E me pediu que eu a adotasse, porque queria que Hana e Chakir crescessem juntos.

– Ela não tinha família?

– Sarah cortara relações com os pais... eles eram muito severos e a renegaram ao descobrir que ela estava trabalhando num cassino. Não sei o que pensavam que ela fazia lá, mas disseram que preferiam pensar que Sarah havia morrido de câncer a viver com a eterna vergonha de saber que a filha trabalhava numa espécie de bordel. Apenas a avó dela manteve contato. Aquilo entristeceu muito Sarah, mas também a tornou mais determinada a experimentar tudo que podia.

– Então a avó de Sarah morreu e lhe deixou dinheiro para comprar a casa na Toscana. Um refúgio, ela a chamava, seu santuário. E quando os pais argumentaram que o dinheiro deveria ser deles, ela lhes disse que já gastara tudo, e eles assumiram que ela perdera tudo no cassino.

Marina suspirou e olhou para suas mãos no colo.

– Ela deixou a casa para Hana. Queria que a filha sempre tivesse um lar, que nós todos tivéssemos um lar. E ninguém piscou quando eu emergi da Toscana com outro bebê no meu nome. Ninguém questionou o fato de a princesa festeira ter sido irresponsável novamente.

A culpa o consumiu. Bahir abaixou a cabeça, envergonhado por suas próprias suposições... pela injustiça delas.

– Eu prometi à Sarah não contar nosso segredo a ninguém. Somente Catriona e os advogados sabiam, e era assim que ficaria. – Ela balançou a cabeça. – Ela nunca me contou quem era o pai de Hana, e eu nunca perguntei, mas Sarah tinha mais medo dos pais e do que eles fariam se

descobrissem a verdade. Então eu prometi que cuidaria de Hana. Prometi que a manteria segura e que nunca trairia a confiança de Sarah.

– Você não tem ideia se ela se parece com o pai, tem? – perguntou Bahir.

Marina sorriu, os olhos brilhando com as lembranças de sua amiga.

– Ela é a imagem de Sarah. Linda como a mãe.

– Eu estava tão errado – murmurou ele, sabendo que suas palavras eram inadequadas. Sabendo que nem de longe bastavam. Sabendo que nunca poderia reparar os erros que cometera contra essa mulher maravilhosa, que havia aceitado a criança de outra mulher e a tratado como sua. – Lamento tanto, Marina.

Ela deu um sorriso fraco.

– O dia que você me viu no cassino, em seu vestido vermelho... havia quatro de nós naquela noite. Era aniversário de Sarah, e ela me convenceu a sair e usar aquele vestido enquanto ainda me servia.

Marina suspirou.

– Eu não queria ir. Não queria festejar, não queria correr o risco de encontrá-lo. Mas você tinha comentado alguma coisa sobre ir para Macau, e, além disso, era aniversário de Sarah, e eu queria vê-la feliz. Ela merecia ser feliz. Mas eu nem sequer me lembro de quem era o homem. Eu nunca o tinha visto antes. Nunca mais o vi. Fui para casa cedo naquela noite...

Deus. Bahir baixou a cabeça nas mãos.

– Você deve me odiar – disse ele. – Eu não a culpo por me odiar. Detesto a mim mesmo pelas coisas que eu lhe falei. Por meus pensamentos e palavras tóxicos.

– Eu queria odiá-lo. Ainda quero. – Ela o olhou, a testa levemente franzida. – Por que você estava lá naquela noite, quando disse que estava partindo da Europa? Por que voltou?

Ele quase riu.

– Voltei para procurar você. Eu queria... – Bahir pensou naquela noite, na tortura de um mês de tristeza e autocondenação. – Eu queria me desculpar. – E desta vez, conseguiu rir, uma risada autodepreciativa. – O padrão de minha vida, parece ser... desculpar-me com você por tratá-la de maneira abominável.

– Você voltou para me encontrar?

– Tive um mês para pensar sobre as coisas que eu havia lhe falado no momento da raiva. Tentei esquecer aquilo, mas nunca consegui me perdoar.

Pensei que, se eu a encontrasse e explicasse, talvez você entendesse e me perdoasse.

– Exceto que minha raiva foi renovada quando eu a vi sorrindo e rindo, como se eu nunca tivesse existido. Disse a mim mesmo que era um tolo por pensar que você me queria de volta. Que era um tolo por pensar que queria seu amor... que eu também a amava.

Ele se levantou, passando os dedos pelos cabelos.

– Sinto muito, Marina. Sei que isso não é consolo, mas eu nunca pararei de lamentar o jeito que a tratei.

– Você voltou para me encontrar? Para se desculpar? – Marina não podia acreditar naquilo... que ele voltara, que a quisera de volta. E, de repente, o pensamento de todos aqueles anos desperdiçados, de todo sofrimento inútil, era demais para suportar. Ela abaixou a cabeça nas mãos quando lágrimas frescas inundaram seus olhos.

Sentiu braços fortes a envolvendo.

– Eu sinto muito – sussurrou Bahir com voz rouca, embalando-a, como ele a vira fazer com Hana, pouco tempo atrás.

– Eu quero detestá-lo – disse ela. – Porque eu estava preparada para ir embora. E agora você diz que me amou. Agora, quando é tarde demais.

Ele a colocou de pé, secando-lhe as lágrimas com os polegares.

– Você ficará melhor sem mim. Ficaré melhor indo para casa e esquecendo que um dia me conheceu. Será melhor para você me odiar.

– Mas eu não consigo. – Ela fungou, fechando as mãos e lhe socando o peito sólido para enfatizar suas palavras. – Eu tentei e tentei. Mas não consigo!

– Então tente mais arduamente. Lembre-se de todas as coisas que eu fiz e falei. Porque eu sou uma aposta ruim, Marina. Nunca serei bom o bastante para você, que merece coisa melhor. – Bahir se virou para ir, e já estava fora do quarto de Hana quando ela o alcançou, passou as mãos ao seu redor, antes que ele pudesse sair de sua vida uma segunda vez.

– Eu não quero coisa melhor – protestou Marina. – Quero você, Bahir. Eu o amo. Não consigo deixar de amá-lo. E você contou a Hana, eu ouvi. Contou a ela que me ama.

Ele parou.

– Você me ouviu dizer isso?

– Sim. E agora quero que você diga para mim. Será que não mereço ouvir isso?

Ele lhe fitou os olhos com uma expressão quase esperançosa, até que piscou, e o desespero voltou às profundidades escuras.

– Que bem isso pode fazer, Marina? Eu já causei danos suficientes. Não irei machucá-la mais. Não arriscarei machucá-la novamente.

– Eu quero ouvir as palavras, Bahir. Se você realmente lamenta, então me diga o que esperei ouvir por tanto tempo. Você me deve isso.

Dessa vez ele hesitou apenas por um momento, antes de envolvê-la nos braços e pressioná-la contra seu peito.

– Oh, meu amor, meu doce amor. Eu a amo, Marina, e odeio a mim mesmo por lhe causar tanta dor. Jamais me perdoarei.

Ela relaxou contra o corpo poderoso, alívio e esperança a inundando. Finalmente, as palavras que tanto ansiara ouvir.

– Eu perdoo você. Se isso ajuda.

Bahir lhe segurou o rosto nas mãos, fitando-a com intensidade.

– Como você pode me perdoar?

– Porque eu o amo, Bahir. Eu sempre o amei. Não entende? Nunca haveria mais ninguém. Não poderia haver.

– Mas você é boa demais para mim. Merece um homem melhor.

Ela se afastou do peito largo para encará-lo.

– Não! Ouça, Bahir, por que você acha que ficar com Sarah foi conveniente para mim? Acha que fiz isso apenas por bondade? É claro, eu teria feito qualquer coisa por Sarah, mas foi conveniente para mim, também. Pois nenhum homem ficaria tentado a se envolver comigo... com a mãe de duas crianças ilegítimas. Não vê? Meus filhos me protegeram. Eu os usei para me esconder, assim como usei a casa de Sarah como meu próprio santuário. A casa me manteve isolada, onde ninguém podia me achar. Onde ninguém podia se aproximar.

– Foi o mesmo com você – admitiu Marina. – Porque eu o deixei pensar que houvesse outro homem ou outros homens. Deixei que acreditasse no que quisesse sobre a casa... de propósito, no começo, porque você pareceu acreditar no pior de mim. Então, foi mais fácil deixá-lo continuar acreditando nisso. Perdoe-me. Mas eu usei Hana como uma defesa contra você. Como uma razão para odiá-lo. Eu não lhe contei que ela não era minha filha somente porque prometi à Sarah, mas porque achei conveniente

o deixando pensar que eu tive outro amante, mesmo se apenas como defesa contra meus sentimentos por você. Mesmo se apenas para me proteger.

– Você não deveria precisar se proteger – murmurou ele, puxando-a para mais perto, acariciando-lhe os cabelos. – Deveria ter alguém para protegê-la. Não deveria ficar sozinha. Você merece ser amada.

Marina inalou, saboreando o delicioso aroma masculino.

– Tem razão, Bahir. Eu mereço ser amada. Motivo pelo qual eu tenho de lhe perguntar...

O coração de Bahir parou de bater por um segundo.

– Você tem de me perguntar o quê?

Ela lhe sorriu.

– Você me daria a honra de se tornar meu marido?

Ele a afastou para olhá-la.

– Você ainda se casaria comigo? Depois de tudo que eu disse e fiz?

– Somente se você quiser de verdade. Somente se quiser nós todos... eu, Chakir e Hana... e prometer nos amar para sempre. Prometer fazer de nós uma família.

Bahir respirou fundo, ergueu o rosto para o teto, antes de olhar novamente para ela, incrédulo.

– O que eu fiz nesta vida para merecer você? Quando a sorte já me sorriu tanto? Porque, sim, Marina, eu me casarei com você. Serei seu marido, e prometo que você nunca se arrependerá.

– Eu sei – murmurou Marina, uma onda de pura alegria a envolvendo, enquanto ela erguia os lábios para o beijo dele. – Estou apostando nisso.

EPÍLOGO

ELLES SE casaram duas vezes. Uma vez em Jaqbar, do modo tradicional... uma cerimônia “simples” de três dias, repleta festa, música e celebração... e novamente em Jemeya, dessa vez uma fusão de leste e oeste, no palácio do pai de Marina, o rei, e em seu lar de infância.

Chakir solenemente levou as alianças de ouro, seus olhos escuros concentrados na almofadinha, enquanto ele andava em direção ao altar e parecia um mini Bahir.

Hana seguiu, sua garotinha das flores, linda num vestido branco rodado, uma coroa de flores nos cabelos pretos, uma mão enluvada segurando seu pequeno buquê, a outra dentro da mão de sua deslumbrante tia Aisha, que sussurrava palavras de encorajamento quando a garotinha dava passos hesitantes no corredor.

Marina a observou com um sorriso, desejando que Sarah pudesse estar lá para ver como Hana crescera e como estava linda com os cabelos arrumados num salão de beleza, os cachinhos emoldurando o rosto.

Quando seu pai avisou que estava na hora, eles seguiram o corredor atrás das crianças, e Marina viu Bahir no altar, com seus três amigos, Zoltan, Rashid e Kadar, os olhos dele em Hana, sorrindo ao ver a garotinha se aproximar. Olhou para cima então, e seus olhos se encontraram e se sustentaram, causando um delicioso arrepio familiar na coluna de Marina.

Seu pai lhe deu um tapinha na mão, enquanto eles andavam.

– Seu noivo é um bom homem.

Ela assentiu.

– Eu sei, papai.

– Eu só queria lhe dizer – continuou ele, a voz baixa e emocionada – que estou orgulhoso de você, Marina. Sei que já tivemos nossas diferenças, mas eu só queria que soubesse disso.

Quando ela o olhou, ficou surpresa ao ver lágrimas nos olhos dele.

– Oh, papai! – Mesmo enquanto eles caminhavam ao longo do corredor, ela se inclinou e deu-lhe um beijo no rosto. – Eu amo você também.

Seu pai sorriu com orgulho e lhe apertou a mão.

– Duas filhas casadas – disse ele, passando a mão de Marina para Bahir. – Dois homens bons. Isso pode ficar melhor?

Marina olhou para Bahir, viu o homem com quem pretendia passar o resto de sua vida formar a palavra “linda” com os lábios, e pensou, com um sorriso secreto, que talvez pudesse ficar melhor, mas isso teria de esperar um pouco mais.

Antes, precisava se casar.

Seu coração cantou enquanto eles trocavam seus votos. Chakir ergueu a almofadinha, e Bahir pegou a aliança de ouro tricolor... ouro branco para planícies infinitas no deserto, ouro amarelo para o sol, e ouro rosado para o nascer do sol e a promessa de um novo dia.

Ele deslizou a aliança no dedo dela antes de erguê-lo para a boca e beijá-lo.

– Eu amo você – sussurrou ele, um gesto totalmente inesperado que a fez desejar que estivesse a milhões de quilômetros de distância, em algum lugar privado, em vez de na frente de uma multidão que os olhava.

Então a cerimônia acabou, e Bahir a surpreendeu novamente, erguendo Hana nos braços, antes de enganchar o braço no dela, para que eles voltassem pelo corredor, atrás de Chakir, extraindo uma salva de palmas espontânea dos convidados. A bordo no ombro de Bahir, Hana bateu palmas e riu, encantada. Marina o fitou, intrigada.

– Mas o que...?

– Chakir e eu organizamos tudo, não é, Chakir?

E o filho deles olhou para trás e sorriu para a mãe, assentindo.

– Nós somos uma família agora.

– Isso mesmo – concordou Bahir com um sorriso. – Nós somos uma família. Devemos fazer isso, juntos.

A recepção formal logo se tornou uma celebração, e, em determinado estágio, pareceu que todos estavam na pista de dança... Bahir com Marina, Zoltan com Aisha, e até mesmo Chakir, dançando com Hana, os dois girando até que tiveram acessos de riso.

Rashid e Kadar observavam de um lado, Zoltan e Bahir se juntando a eles durante um intervalo da banda.

– Parece que Zoltan iniciou uma tendência – disse Bahir, mostrando a aliança de ouro no dedo. – Dois de nós quatro nos casamos até agora. Quem será o próximo?

Kadar e Rashid se entreolharam.

– Não olhe para mim – os dois falaram ao mesmo tempo, e Bahir e Zoltan riram.

– Não tenham tanta certeza disso. Nunca se sabe.

– Qual é a grande piada? – perguntou Marina quando as duas mulheres se juntaram aos homens. Bahir se moveu para seu lado, incapaz de resistir passar uma mão possessiva ao redor da cintura de sua nova esposa, caso alguém mais pensasse em tirá-la para dançar antes que ele o fizesse.

– Zoltan e eu estamos fazendo apostas sobre qual destes dois será o próximo a se casar.

– Sem chance – disse Rashid, erguendo as mãos. – Uma vez um playboy, sempre um playboy.

– Além disso – completou Kadar – , todas as mulheres boas estão comprometidas.

– É melhor você acreditar nisso – replicou Bahir, levando sua noiva para a pista de dança novamente, sendo seguidos por Aisha e Zoltan.

Bahir a envolveu nos braços.

– Eu já lhe disse como você está maravilhosa hoje?

Marina sorriu.

– Oh, talvez uma dúzia de vezes, não mais do que isso.

– Eu sabia que não tinha dito o bastante. Você é a mulher mais maravilhosa que eu já vi, hoje mais do que sempre.

– Porque você fez de mim a mulher mais feliz do mundo, Bahir.

Eles se beijaram no meio da pista de dança, enquanto Zoltan e Aisha dançavam e só tinham olhos um para o outro, o amor entre os dois claramente à mostra. Bahir sorriu ao olhar para o outro casal.

– Pensar que Chakir e Hana logo terão uma nova companhia para brincar, quando o bebê de Zoltan e Aisha chegar. Eles gostarão disso.

Ela lhe sorriu.

– Talvez duas.

– Eles terão gêmeos? Zoltan não disse nada.

– Não. Não gêmeos. Mas há outro bebê a caminho. Outra criança para brincar com Chakir e Hana.

Ele parou de dançar, seu coração disparado, afastando-a de si para fitá-la.

– Você...? Nós...? Você quer dizer...?

Marina riu.

– Eu quero dizer que nós teremos um bebê, Bahir.

– Mas quando? Como?

– No deserto, quando deitamos juntos naquele dia. Recebemos uma bênção de sua família e de sua tribo. Recebemos uma bênção na forma de uma criança.

Ele a puxou para si então, envolvendo-a nos braços, beijando-lhe o topo da cabeça, enquanto uma felicidade profunda o preenchia, até que esta entornou e coloriu o mundo em rica luz harmoniosa. E, quando Bahir foi capaz de respirar de novo, lhe ergueu o queixo e viu a umidade nos olhos de Marina, umidade que espelhava a sua própria.

– Você fez de mim o homem mais feliz do mundo, Marina. Devolveu-me o que pensei que tivesse perdido para sempre. Devolveu-me a minha família. Eu a amo tanto.

– E eu amo você, Bahir. Como sempre amarei.

Ele não pôde encontrar palavras para responder, de modo que provasse a verdade do que dizia. Então, contou-lhe com seu beijo, enquanto eles giravam na pista de dança, assim como ele lhe provaria seu amor todos os dias da vida deles, juntos.



SEDUZIDA PELO SHEIK

SHARON KENDRICK

O SOM do telefone a acordou, mas Isobel não precisou ver o nome piscando na tela para saber quem estava ligando. Quem mais ligaria a essa hora da noite senão o homem que achava ter o direito de fazer o que bem quisesse e que frequentemente o fazia?

Tariq, o tão falado “príncipe playboy”. Ou o príncipe Tariq Kadar al Hakam, o sheik de Khayarzah, para usar o seu impressionante título completo. O próprio chefe saído do inferno, ou de algum lugar semelhante.

Ela olhou para o relógio. Quatro da manhã era cedo até mesmo para *ele*. Bocejando, pegou o telefone, tentando imaginar o que diabos ele aprontara dessa vez.

Será que aparecera alguma notícia nova a seu respeito, como era comum acontecer, originada por algum mexerico sobre a sua última tentativa audaciosa de aquisição? Ou simplesmente se enrolara com alguma nova loura, elas eram sempre louras, e queria que Isobel remarcasse as suas reuniões matinais? Será que ele chegaria mais tarde no escritório, com a barba por fazer e um sorriso presunçoso lhe curvando os lábios sensuais? O perfume de outra pessoa ainda impregnado na sua pele...

Com certeza não seria a primeira vez. Franzindo a testa, Isobel recordou-se de algumas das conquistas sexuais mais famosas dele, antes de se lembrar de que era a sua assistente pessoal, não a sua guardiã moral.

Às vezes, seus amigos perguntavam se nunca se cansava de ter um patrão que exigia tanto dela, ou se Isobel se sentia tentada a lhe dizer exatamente o que achava de seu comportamento tremendamente machista. A resposta era sim. Às vezes. Contudo, a generosa quantia que ele lhe pagava logo dava

um fim à sua desaprovação. Afinal, dinheiro fornecia segurança, o tipo de segurança que não se obtinha de outra pessoa. Isobel sabia disso melhor do que ninguém. A mãe não lhe ensinara que a lição mais importante que uma mulher podia aprender era ser completamente independente dos homens? Homens podiam ir embora quando bem quisessem, simplesmente porque podiam fazê-lo, e, frequentemente, era o que faziam.

Ela atendeu à ligação.

– Alô?

– I-Isobel?

Seus sentidos ficaram instantaneamente alertas ao escutar a voz grave do patrão, pois havia algo muito diferente nela. Ou ele estava em algum tipo de torpor pós-coito ou havia algo errado.

Jamais escutara Tariq hesitar. Sempre fora o príncipe carismático e confiante, o queridinho dos cassinos de Londres e das colunas de fofocas internacionais. O homem a quem a maioria das mulheres não conseguia resistir, mesmo quando, como parecia ser inevitável, ele estava destinado a lhes partir o coração.

– Tariq? – Havia um certo tom de urgência na voz de Isobel. – Algo errado?

Em meio a um doloroso latejar, que fazia parecer que milhares de martelinhos estivessem batendo no seu crânio, Tariq registrou a voz conhecida da assistente. Seu primeiro contato com a realidade, após o que pareciam ser horas de caos e confusão. Quase imperceptivelmente, ele deixou escapar um suspiro de alívio, e seus cílios entreabriram-se ligeiramente. Izzy era a sua âncora. Izzy esclareceria tudo para ele. O teto apareceu no seu campo visual, e a claridade fez com que voltasse a cerrar os olhos.

– Acidente – murmurou.

– Acidente? – Isobel sentou-se na cama, o coração batendo com força ao escutar o inconfundível tremor de dor na sua voz. – Que tipo de acidente? Tariq, onde você está? O que houve?

– Eu...

– Tariq?

Isobel pôde escutar alguém furiosamente lhe dizendo que ele não deveria estar usando o telefone, e, em seguida, uma voz feminina apareceu na linha.

– Alô? Quem é, por favor?

Isobel foi tomada de medo ao reconhecer o som de oficialismo, e foi necessário um grande esforço para impedir que a voz tremesse.

– M-meu nome é Isobel Mulholland e trabalho para o sheik Al Hakam. Será que pode me dizer o que está acontecendo?

Houve uma pausa antes que a mulher voltasse a falar.

– Aqui é uma das enfermeiras do setor de emergência do hospital St. Mark's, em Chislehurst. Infelizmente o sheik se envolveu em um acidente automobilístico.



317 – SEDUZIDA PELO SHEIK – SHARON KENDRICK

O poderoso sheik Haidar sofre um acidente e passa a depender de Isobel, sua assistente. Agora, a única maneira de aplacar sua fúria contra o destino é tê-la sempre em sua cama!

318 – SEGREDO SOMBRIO – KATE HEWITT

Grace chega à ilha particular de Khalis para conhecer a coleção de arte de sua família. Porém, ela esconde um segredo que pode ameaçar os planos dele.

319 – ENTREGA DO CORAÇÃO – MELANIE MILBURNE

Natalie é obrigada a aceitar o segundo pedido de casamento de Angelo para salvar sua família. Porém, desta vez ele a pedira em casamento não por amor, mas por vingança!

320 – MARIDO DESCONHECIDO – KATE HEWITT

Rejeitada em sua noite de núpcias, Noelle esconde sua dor levando uma vida glamourosa. Quando Ammar retorna, ele não aceita ser repellido por ela. Pois agora Noelle conhecerá de verdade seu marido!

**067 – QUEBRANDO O CÓDIGO DA SEDUÇÃO – MODERN SEXY
KELLY HUNTER**

Poppy West buscou refúgio em uma ilha, porém se deparou com muitos problemas ao encontrar Sebastien, um homem sexy e muito sedutor!

Últimos lançamentos:

313 – NOITE COM O INIMIGO – ABBY GREEN

Madalena e Nicolas pertencem a famílias rivais, porém ela precisará dele se quiser evitar a falência. A chance perfeita para Nicolas se vingar de uma

humilhação do passado!

314 – O DEVER E A PAIXÃO – TRISH MOREY

A princesa Aisha é obrigada a se casar com Zoltan, um bárbaro, para que ele possa ser coroado. Apesar de sua rebeldia, Aisha se sente cada vez mais atraída por ele!

315 – O LADO SOMBRIO DO DESEJO – JULIA JAMES

O pai de Flavia quer que ela seja uma companhia agradável para Leon, um de seus convidados de honra. Até quando ela conseguirá resistir às investidas dele sem se apaixonar?

066 – FATOR DE ATRAÇÃO – ANNE OLIVER

MODERNSEXY

Melanie e Luke viviam um amor proibido. Ele vinha de uma família rica, e ela era uma garçonete. O que Luke fará ao saber que Melanie vinha escondendo um segredo dele há algum tempo?

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Morey, Trish

M844u A última aposta [recurso eletrônico] / Trish Morey; tradução Ligia Chabú. —
Rio de Janeiro: Harlequin, 2013.

Recurso digital (Paixão; 316)

Tradução de: The sheikh's last gamble

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Sequência de: O dever e a paixão

ISBN 978-85-398-0683-6 (recurso eletrônico)

1. Romance australiano 2. Livros eletrônicos. I. Chabú, Ligia II. Título. III.
Série.

13-
0167

CDD: 828.99343
CDU: 821.111(94)-3

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão,
no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou
mortas é mera coincidência.

Título original: THE SHEIKH'S LAST GAMBLE

Copyright © 2012 by Trish Morey

Originalmente publicado em 2012 por Mills & Boon Modern Romance

Projeto gráfico de capa:
nucleo i designers associados

Arte-final de capa:
Isabelle Paiva

Arquivo ePub produzido pela Ranna Studio

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Capa
Teaser
Querida leitora
Rosto
Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez
Capítulo onze
Epílogo
Próximos lançamentos
Créditos